



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

A TRADUÇÃO DE TROCADILHOS EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

THAISY BENTES DE SOUZA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
JULHO/2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**A TRADUÇÃO DE TROCADILHOS EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* PARA
A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

THAISY BENTES DE SOUZA

**ORIENTADOR: PROF. DR. ECLAIR ANTÔNIO ALMEIDA FILHO
COORIENTADOR: PROF. DR. PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA/DF
JULHO/2018**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

BENTES, Thaisy. A tradução de trocadilhos em Alice no país das maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018, 146f. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Bentes, Thaisy

A tradução de trocadilhos em Alice no país das maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. / Thaisy Bentes – Brasília, 2018.

146 f.

Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Eclair Antônio Almeida Filho.

Coorientador: Paulo Jeferson Pilar Araújo.

1. Tradução intermodal. 2. Trocadilhos. 3. Jogos de sinais. 4. Humor e Alice.
I. Universidade de Brasília. II. Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**A TRADUÇÃO DE TROCADILHOS EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* PARA
A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

THAISY BENTES DE SOUZA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.**

APROVADA POR:

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho
Universidade de Brasília – UnB
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Patrícia Tuxi dos Santos
Universidade de Brasília – UnB
(Membro avaliador interno)

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior
(Membro avaliador externo)

Prof^a. Dr^a. Ana Clara Magalhães de Medeiros
Universidade de Brasília – UnB
(Suplente)

Brasília, 26 de Julho de 2018.

A minha mãe,
Saúde Bentes.

AGRADECIMENTOS

Realizado a muitas mãos, em conjunto com surdos e ouvintes, intérpretes e alunos, amigos e desconhecidos. É preciso nomear o valor de cada contribuição, pois a construção desse texto é a maior prova da superação das dificuldades. Dificuldade traduzida em palavras vivas que ganharam movimento nas mãos dos que ajudaram a compor cada vírgula.

Primeiramente, a minha querida, amada e estimada Mãe, **Maria Saúde**. Seu exemplo era o suficiente, mas a senhora fez muito mais por mim, por nós. Quero tê-la sempre ao meu lado. Nada poderá pagar seu empenho e amor por nós, sem a senhora não sobreviveríamos a isso.

As minhas irmãs, **Sandrey, Eritha, Andrena e Dandrea** que indiretamente colaboraram com orações e boas vibrações, além do apoio na hora mais difícil da minha vida. Obrigada também pelos sobrinhos maravilhosos que tenho.

Ao meu pequeno grande **Raul** que forte e inteligente viveu e vive para me ensinar a ser feliz. Que faz de mim um ser melhor a cada manhã. Que me faz querer viver para tê-lo em meus braços sempre. Vencemos filho!

A **Maruza** e toda sua linda família que me acolheu como filha em Brasília. Que me amparou e me amou na hora que mais precisei. Obrigada também pelos conselhos que não segui. **Barbara e Natália Miranda**, ao **Rafael** e a **Doninha** obrigada pelo amor e acolhida. Amo vocês! A **Seir Amaral** que nos apresentou e foi uma amiga imprescindível em Boa Vista.

Ao meu orientador **Eclair Antônio Almeida Filho**, pela paciência, tranquilidade e compreensão ao conduzir este trabalho e minhas ansiedades. Por ser solícito, atencioso e colaborador nas minhas dificuldades.

Ao meu amigo, vizinho, colega de trabalho, coorientador e padrinho de coração do Raul, **Paulo Jeferson Pilar**: Pelas traduções do inglês, pelas orientações da madrugada, pelo envolvimento e dedicação na construção teórico-metodológico deste trabalho. Pela generosidade, amizade e orientação. E mais que tudo pelo presente que foi o convite de aventurar-me pelo maravilhoso mundo dos jogos de palavras e trocadilhos. Sem você não teríamos chegado até aqui.

Ao incognoscível **Marcos Brabo**, pela parceria, pelas traduções e interpretações, pela colaboração nas oficinas, edição, filmagens, formatações, brincadeiras, “pedreragens” e “pelejas”. Que um dia possa retribuir sua atenção para comigo.

Aos colaboradores das oficinas: **Analú Fernandes, Kalheriny Campos, Mariana Alves, Eliane Carvalho, Michel Loren, Cássio Almeida, Bruna Mesquita e Israel Bissat** maravilhosas pessoas. Generosas e inteligentes conseguiram fazer desta pesquisa possível. **Michel Loren, Cássio Almeida, Bruna Mesquita e Israel Bissat** obrigada por compartilhar suas experiências de vida nesse trabalho.

A **Janailton Milk** pelas traduções do inglês, pela amizade e pelo passarinho cantador. Você é um dos presentes encontrado em Brasília. A **Nadiele Oliveira e Wiliam Heider**, pela presença nas horas mais sensíveis nesses dois anos de Boa Vista. Vocês são meus tesouros de Roraima, um dia eu pago com pizza e brigadeiro o tanto que me ajudaram. A **Eliane Carvalho e Cássio Almeida** pelas madrugadas adentro, pelas “pedreragens”, amizade e atenção. Que um dia eu possa pagar com churros tudo o que fizeram por mim.

A minha amiga **Adriana Albano** por suas palavras, amizade e generosidade. Meu maior tesouro nas terras Macunaimas. A **Deize Carneiro** que confiou e acreditou em mim, antes de mim mesma, pela direção e cumplicidade e pelas palavras sempre sinceras. A **Aline Alkimim**, que comigo viveu as angústias, ansiedades e lamentações e também as alegrias nessa aventura da dissertação. A **Analú Fernandes** pela ajuda nas “pedreragens”. A **Maria Eugênia e Samari Flores**, pela ajuda com Raul e pela amizade.

A **Luciana Marquez** pelos trocadilhos oferecidos sem mesmo saber, pela revisão atenciosa e por me lembrar da meta deste trabalho. A **Daiane Pinheiro** pela leitura carinhosa e pelas valiosas contribuições no texto e a **Olívia** que deixou sua mãe ler. A **Marcos Brito e APADA** pelas contribuições valiosas para o andamento desta pesquisa. A **Falk Moreira** por dar movimento ao sinal, pela generosidade da contribuição nessa versão final.

Ao colegiado do meu curso, Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Roraima pela colaboração na busca por aperfeiçoamento. A Universidade Federal de Roraima pela oportunidade e garantia de poder aprender mais. Ao POSTRAD pelo programa incrível e pela oportunidade de aprender tanto sobre Tradução.

“En lenguas distintas los hombres dicen siempre las mismas cosas.”

Octávio Paz

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de tradução dos trocadilhos da obra *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, a partir da tradução de Leite (1980) para o português e de Ramos (2000) para a libras. O percurso metodológico se deu desde uma primeira busca por ocorrências do fenômeno de trocadilhos na libras, passando pela eliciação e por fim, a realização de oficinas de tradução em conjunto, com a participação de surdos e ouvintes usuários da libras. Tendo em vista a escassez bibliográfica sobre a tradução intermodal de trocadilhos entre uma língua oral e uma língua de sinais, os resultados deste estudo compõem-se de um quadro novo acerca das possibilidades de tradução de uma língua falada na sua modalidade escrita para uma língua sinalizada na modalidade oral, nos termos de Segala (2010), enfatizando a particularidade dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais-ETILS (RODRIGUES, 2015). São apresentadas e comentadas as traduções propostas por surdos e ouvintes tradutores e intérpretes de língua de sinais para os trocadilhos selecionados da história da Falsa Tartaruga, do capítulo IX da referida obra literária (LEITE, 1980). Os sinadilhos, entendidos aqui como trocadilhos próprios da língua de sinais, refletem os desejos dos surdos e suas insatisfações com o modelo de escola inclusiva pela qual eles passam. O humor surdo é expresso na forma irônica e satírica com que os surdos propuseram os sinadilhos, realocando uma Alice (surda) para um País dos Sinais no qual sua cultura surda é respeitada. Por fim, é ainda vislumbrado um direcionamento de continuidade do trabalho tradutório de modo que os trocadilhos carrollianos da obra em questão sejam traduzidos, tendo a cultura surda e o humor surdo refletidos em uma possível futura versão em libras de *Alice*.

Palavras-chave: Tradução intermodal. Trocadilhos. Jogos de Sinais. Humor. *Alice*.

ABSTRACT

This work offers a suggested translation of the work *Alice in Wonderland* by Lewis Carroll, starting from the translation of Leite (1980) into Portuguese and Ramos (2000) into Brazilian Sign Language (libras). The methodological steps were given in a first moment by searching occurrences of the phenomenon of punning in libras, using elicitation methods and, finally, offering joint translation workshops, with the participation of deaf and hearing people, users of libras. Considering that there are few works on the subject of intermodal translation of puns from a spoken language into a signed one, the results of this study are composed by a new frame of possibilities for translating from spoken writing into signed 'oral' languages in Segala's (2010) terms, focusing on the particularities of the Interpretation and Translation Studies of Sign Languages (ETILS) (RODRIGUES, 2015). Selected puns from the history of the False Turtle, in the Chapter IX of the mentioned literary work (LEITE, 1980) were translated by deaf and hearing translator and interpreters being also presented and commented. Signpuns, understood here as puns in sign language in its own terms, reflect upon the desires of the deaf people and their dissatisfaction with the inclusive school model through which they pass. Deaf humor is expressed in the ironic and satirical way in which the deaf proposed the signpuns by relocating a deaf Alice to a SignLand where the deaf culture is respected. Finally, it is still glimpsed a direction of the continuity of the translation work so that the Carrollian puns of the work in question may be translated, having the deaf culture and the deaf humor reflected in a future attempt of an Alice with the puns translated.

Keywords: Intermodal translation. Puns. Signplays. Humor. *Alice*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tirinha sobre cultura surda.....	25
Figura 2 – Tirinha sobre anúncio do fechamento do INES	31
Figura 3 – Sinal de RAMOS DA ARITIMÉTICA.....	54
Figura 4 – Sinal de AMBIÇÃO.....	55
Figura 5 – Sinal de DISTRAÇÃO.....	55
Figura 6 – Sinal de ENFEIAÇÃO.....	55
Figura 7 – Interface do DVD com sinal omitido de Derrisão	55
Figura 8 – Interface do DVD da Editora Arara Azul – exemplo da adaptação cultural.....	56
Figura 9 – Interface do DVD da Editora Arara Azul – Sinal de TARTENRUGA	57
Figura 10 – Equipe da peça Alice dos Signatores	59
Figura 11 – Interface da tradução versão leitura fácil	60
Figura 12 – Glossário da tradução da Arara Azul	62
Figura 13 – Glossário da tradução versão leitura fácil	62
Figura 14 – Sinal de TROCADILHO.....	68
Figura 15 – ENTENDER	69
Figura 16 – Sinadilho em ASL ENTENDER-POUCO.....	69
Figura 17 – Sinadilho em ASL SURDO-CEGO	70
Figura 18 – ENTENDER.....	70
Figura 19 – Sinadilho na ASL para não entender.....	70
Figura 20 – NEW YORK	71
Figura 21 – Sinadilho na ASL underground-NEW YORK.....	71
Figura 22 – Sinadilho na ASL de “ADOLESCENTE”	71
Figura 23 – Sinal de WHATSAPP (1)	72
Figura 24 – Sinal de TRIDENTE DO DIABO.....	72
Figura 25 – WHATSAPP (2)	73
Figura 26 – SEXO ORAL	73
Figura 27 – Sinal para VICIADO	74
Figura 28 – Sinal para TRANSAR/SEXO	74
Figura 29 – Sinadilho viciado em sexo (VICIADO^SEXO).....	74
Figura 30 – Sinadilho nada a ver (NADA^VER).....	75
Figura 31 – Sinadilho Números primos (NÚMEROS^PRIMOS).....	75
Figura 32 – Sinadilho COMPRAR^FERRAR-SE	75
Figura 33 – Sinadilho surdo coitadinho (SURDO^COITADO).....	76
Figura 34 – Sinal TER^C^C.....	77
Figura 35 – Sinadilho PROBLEMINHA	77
Figura 36 – Sinadilho PROBLEMÃO.....	77
Figura 37 – Sinadilho PROBLEMA	78
Figura 38 – Sinadilho OUVINTE^SURDO	78
Figura 39 – <i>Humor deaf power</i> (1)	81
Figura 40 – <i>Humor deaf power</i> (2).....	81
Figura 41 – Sinal de ADIÇÃO.....	100
Figura 42 – Sinal de INANIÇÃO.....	100
Figura 43 – Sinal de SUBTRAÇÃO	100
Figura 44 – Sinal de PESQUISAR	100
Figura 45 – Sinal de MULTIPLICAÇÃO	100
Figura 46 – Sinal de NUNCA^MAIS.....	100
Figura 47 – Sinal de DIVISÃO	101
Figura 48 – Sinal de PROBLEMAS.....	101

Figura 49 – Sinadilho de ESTICAÇÃO	103
Figura 50 – Sinadilho de DIMINUIÇÃO (INFERIORIDADE)	103
Figura 51 – Sinadilho de COLAÇÃO	104
Figura 52 – Sinadilho de EMBROMAÇÃO	104
Figura 53 – Sinadilho de IN(EX)CLUSÃO	107
Figura 54 – Sinadilho de TATATARTARUGA	108
Figura 55 – Sinal de PORTUGUÊS	109
Figura 56 – Sinal de MÚSICA	109
Figura 57 – Sinal de NADA A VER	109
Figura 58 – Sinal de CHATICE (CHATO)	109
Figura 59 – Sinal de CORTAGEM (SERRAR)	110
Figura 60 – Sinal de COMUNICAÇÃO TOTAL	111
Figura 61 – Sinal de ORALISMO	111
Figura 62 – Sinadilho de ORALISOFIA	112
Figura 63 – Sinadilho de ORALISTÓRIA	112
Figura 64 – Sinadilho de ORALARTES	112
Figura 65 – Sinal de ORALITUDO	112
Figura 66 – Sinal de PORTUGUÊS SINALIZADO	114
Figura 67 – Sinal de AEEÍSMO/MESTRE-AEEÍSTA	115
Figura 68 – Sinal de INGLÊS	115
Figura 69 – Sinal de ESPANHOL	116
Figura 70 – Sinadilho de CURSÃOZINHO	117
Figura 71 – Sinal de PROVOCAR	121
Figura 72 – Sinadilho BLABLAMENTO	126
Figura 73 – Desenho de Mourão	126
Figura 74 – Sinadilho de VOSSINCELÊNCIA	127
Figura 75 – Sinadilho de ORALMÉTICA	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes possíveis de efeitos de modalidade na estrutura linguística.....	23
Quadro 2 – Diferenças entre línguas orais e línguas de sinais	35
Quadro 3 – Versões de <i>Alice</i> para o português.....	48
Quadro 4 – Colaboradores da oficina de tradução em conjunto.....	91
Quadro 5 – Excerto de <i>Alice</i> : os ramos da aritmética	99
Quadro 6 – Comparativo dos trocadilhos em Carrol, Uchôa e Araújo e Bentes.....	100
Quadro 7 – Tradução para a libras dos quatro ramos da aritmética	102
Quadro 8 – Comparativo dos ramos da aritmética Araújo e Bentes e Oficinas de tradução..	105
Quadro 9 – Trecho com sinadilho (Escola) IN(EX)CLUSIVA	106
Quadro 11 – Trecho comparativo dos sinadilhos NADA A VER, CHATICE e CORTAGEM	108
Quadro 12 – Trecho comparativo dos sinadilhos COMUNICAÇÃO TOTAL e ORALISMO	110
Quadro 13 – Trecho comparativo dos sinadilhos ORALISTÓRIA, ORALARTES, ORALSOFIA e ORALITUDO.....	111
Quadro 14 – Recorte dos sinadilhos AEÍSMO E MESTRE-AEÍSTA	115
Quadro 15 – Trecho comparativo dos sinadilhos INGLÊS e ESPANHOL	116
Quadro 16 – Trecho comparativo do sinadilho CURSÃOZINHO.....	116
Quadro 17– Relação de sinadilhos criados.....	119
Quadro 18 – Excerto do cap. IX de <i>Alice</i>	121
Quadro 19 – Excerto de tradução de trecho da História da Falsa Tartaruga.....	122
Quadro 20 – Traduções de <i>Take care of the sense and the sounds will take care of themselves</i>	123
Quadro 21 – Traduções de <i>Take care of the sense and the sounds will take care of themselves</i> (outros autores).....	124
Quadro 22 – Traduções de a moral da Duquesa.....	125
Quadro 23 – Traduções para <i>Yer Honour</i>	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Acessibilidade em Bibliotecas Publicas
AEE	Atendimento Educacional Especializado
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
AUSLAN	<i>Australian Sign Language</i> (Língua de Sinais Australiana)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CM	Configuração de Mãos
CONAE	Conferência Nacional de Educação
DF	Distrito Federal
EI	Estudos de Interpretação
ELiS	Escrita das Línguas de Sinais
ET	Estudos da Tradução
ETILS	Estudos de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais
EXF/C	Expressão Facial/Corporal
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LAPLOS	Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais
LC	Língua de Chegada
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LIS	<i>Lingua dei Segni Italiana</i> (Língua de Sinais Italiana)
LO	Língua Oral
LP	Língua de Partida
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSU	<i>Lengua de Señas Uruguay</i> (Língua de Sinais Uruguaia)
LSV	<i>Lengua de Señas Venezolana</i> (Língua de Sinais Venezuelana)
M	Movimento
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MinC	Ministério da Cultura
MNM	Marcas não-manuais
O	Orientação
P.A.	Ponto de Articulação

PA	Pará
POSTRAD	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
SEL	Sistema de Escrita de Sinais
TI	Tradução Intermodal
TILS	Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A TRADUÇÃO INTERMODAL	22
1.1 Línguas e modalidade.....	22
1.1.1 Aspectos da cultura surda	24
1.1.2 Breve história da educação de surdos	26
1.2 A Tradução intermodal e intramodal.....	32
1.2.1 Os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS)	38
1.2.2 Algumas reflexões sobre os ETILS e a (in)traduzibilidade dos trocadilhos	39
2 ALICE TRADUZIDA	44
2.1 Alice, a obra.....	44
2.2 As traduções de Alice para o português.....	47
2.3 As traduções de Alice para a libras.....	51
2.3.1 Uma leitura de Alice – Editora Arara Azul	51
2.3.2 Grupo Signatores	58
2.3.3 O Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas - Projeto ABP	60
2.4 Uma Alice “(in)trocaduzível” no País dos Sinais	61
3 OS JOGOS DE SINAIS	65
3.1 Algumas definições sobre jogos de palavras/trocadilhos	65
3.2 Os jogos de sinais: questões conceituais e terminológicas	67
3.3 Os mecanismos de produção de jogos de sinais	69
3.4 Jogos de sinais na libras	72
3.5 A questão do humor surdo e a tradução de trocadilhos	79
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	86
4.1 Reflexões sobre o percurso da pesquisa.....	86
4.2 Pesquisa etnográfica e eliciação	88
4.3 Sujeitos e locais de pesquisa.....	90
4.4 Procedimentos de coleta de dados.....	92
4.3.1 Tradução em Conjunto - Oficinas de Tradução.....	93
4.3.2 O corpus da pesquisa	94
4.4 Procedimentos de análise dos dados: tradução comentada	95
5 ALICE NO PAÍS DOS SINAIS	98
5.1 A Falsa Tartaruga em tradução intermodal	98
5.1.1 Os ramos da Aritmética entre a eliciação e a tradução em conjunto	99
5.1.2 A escola in(ex)clusiva da Falsa Tartaruga.....	106
5.2 Uma história da Falsa Tartaruga em Libras	117
5.3 Por uma tradução dos trocadilhos de Alice para a Libras	119

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICES	142

INTRODUÇÃO

Há uma gama de pesquisas no Brasil e no mundo sobre a tradução e a interpretação envolvendo as línguas de sinais em diversos contextos sociais (SOUZA, 2010; XAVIER, 2010; ALBRES; SANTIAGO, 2012; RODRIGUES, 2015), principalmente, de linguistas interessados em todos os níveis estruturais, do fonológico, morfológico e sintático, desde o primeiro trabalho de análise da Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*) realizado por Stokoe na década de 1960 (STOKOE, 1960). No entanto, as áreas de semântica e pragmática, segundo nossas próprias pesquisas no decorrer deste trabalho, ainda carecem de estudos mais aprofundados como, por exemplo, questões relacionadas aos jogos de linguagem, atos de fala e tabus ainda não foram bem explorados nas línguas de sinais.

Porém, os estudos já realizados trazem um avanço notável e significativas contribuições para os estudos da tradução como campo disciplinar e para os estudos linguísticos das línguas de sinais como línguas naturais, à medida que abordagens focadas em temas específicos são realizadas, como por exemplo, este trabalho iniciado em 2015, ainda no âmbito do Laboratório de Pesquisas em Linguística das Línguas Orais e de Sinais (LaPLOS)¹.

Nessa perspectiva, esta pesquisa direciona-se para a descrição e análise da “traduzibilidade” de jogos de palavras (DELABASTITA, 1866) do português para a Língua Brasileira de Sinais-Libras². Busca-se, portanto, iniciar uma primeira abordagem de lidar com trocadilhos³ em libras, e para isso, selecionou-se um clássico da literatura mundial que conta atualmente com algumas versões para a libras, a obra *Alice’s Adventures in Wonderland* que a partir daqui será referida por *Alice* (CARROLL, 1866⁴). Este trabalho contempla ainda aspectos que no campo das pesquisas em tradução entre línguas de modalidades diferentes

¹ O Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais (LaPLOS) tem como objetivo estimular pesquisas que enfoquem as propriedades gramaticais de línguas nas modalidades visual-gestual e oral-auditiva considerando os possíveis efeitos de modalidades existentes em diferentes fenômenos e categorias gramaticais. É liderado pelo professor Paulo Jeferson Pilar Araújo, vinculado ao curso Letras Libras bacharelado da Universidade Federal de Roraima.

² Seguiremos neste trabalho a abreviatura Libras, diferentemente de autores que utilizam a sigla LSB, buscando seguir a tentativa de se referir às línguas de sinais por três letras, as duas primeiras indicando antes a modalidade e a última letra indicando a origem ou nacionalidade, nesse caso: Língua de Sinais Brasileira (LSB), como é apregoadado na academia. No entanto, diversas línguas de sinais do mundo não seguem à risca essas regras, a exemplo da língua de Sinais Japonesa-NS (*Nihon Syuwa*); a Língua de Sinais Australiana (Auslan); a Língua Italiana de Sinais (LIS). Nesta, à semelhança com a Libras, indica antes a origem da língua e depois a modalidade. Junta-se a isso que seguir a abreviação Libras, respeitamos o endônimo escolhido pela comunidade surda brasileira para denominar sua própria língua.

³ Abordaremos este conceito nos capítulos seguintes.

⁴ Versão fac-similar do original disponível em: http://www.gasl.org/refbib/Carroll__Alice_1st.pdf. Acesso em out. de 2015.

não foram estudadas de forma mais aprofundada como, por exemplo, as estratégias de tradução para trocadilhos literários. Desde a obra seminal de Klima e Bellugi (1979) na qual foram explorados pela primeira vez os processos de produção de trocadilhos em línguas de sinais, a questão de traduzir trocadilhos de uma língua oral (LO) para uma língua de sinais (LS) não foi devidamente problematizada e investigada. Isso se torna notório quando se verifica o trabalho de Ramos (2000) e os desafios que a autora enfrentou para realizar uma primeira tentativa de tradução de *Alice* para a libras.

Assim, este trabalho iniciou com o problema de pesquisa de como aconteceriam os trocadilhos na libras já que não tínhamos encontrado nenhum registro escrito desse fenômeno. A pretensão de traduzir os trocadilhos na obra de Carroll se deu como desbravamento e verdadeiro desafio. Assim como *Alice* “ardendo de curiosidade correu atrás do coelho campo a fora” (LEITE, 1980, p.41⁵), nos aventuramos, na tradução, movidos pela curiosidade dos trocadilhos em LSs, pela escassez de estudos e pioneirismo no trato bimodal destes elementos, que no momento instigava-nos, mesmo “sem pensar sequer em como sairíamos dali e o que encontraríamos no final” (LEITE, 1980, p.42). Logo, os enigmas/trocadilhos de Carroll (1866) sobrevoavam nossas cabeças feito as cartas enquanto *Alice* gritava e nos perguntávamos como traduzir tais elementos, talvez, intraduzíveis, para uma língua visuoespacial?

A tradução de trocadilhos já traz em si diversos problemas linguísticos, como bem apontados por Delabastita (1994; 1996). Para o caso de línguas de diferentes modalidades, uma falada e outra sinalizada, esse problema redobra e novos questionamentos surgem. Como traduzir trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades, no caso, da escrita de uma língua oral para uma língua de sinais? Tais problemas, como mencionamos, são antecidos por um questionamento maior: como são produzidos os jogos de palavras e/ou trocadilhos nas línguas de sinais? Foi com esse questionamento que nos deparamos com o primeiro trabalho voltado para tradução de *Alice* em libras. O trabalho de Clélia Ramos que “desde o mestrado (antes mesmo, na escolha da obra que seria o texto fonte da tradução para a libras), uma questão que despertou interesse foi como aconteceriam os trocadilhos e as paródias, em libras.” (RAMOS, 2000, p. 130-131). Desse modo, influenciados por este trabalho iniciamos a pensar na proposta de tradução dos trocadilhos da obra carolliana.

⁵ Usaremos Leite (1980) quando nos referirmos à tradução de *Alice* (CARROLL, 1866) para o português.

Para tanto, o levantamento bibliográfico inicial se deu a partir do uso de conceitos de certas obras que abordavam o humor em línguas de sinais (MORGADO, 2011; SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2012; CANCIO-BELLO, 2015; SILVEIRA, 2015), trabalhos sobre a tradução de trocadilhos em *Alice* para o português (PERREIRA, 2002; AMORIM, 2004; WESTPHALEN et al., 2001), abordagem teórica no campo dos estudos de tradução (ALVES-PAGANO, 2000; GENTZLER, 2009; MILTON, 1998; BEJAMIN, 2008; BASSNETT, 2003; OUSTINOF, 2011) e trabalhos sobre tradução e interpretação libras/português (ROSA, 2005; LACERDA, 2009; SOUZA, 2010), linguística das LSs (QUADROS, 1997-2004; XAVIER, 2013) e sobre os estudos surdos em educação e outras áreas voltadas a educação de surdos (SKLIAR, 1998; REY, 2013; SANCHEZ, 1990) Todos esses trabalhos nos direcionaram à empreitada desta investigação. Até chegarmos às propostas de tradução intermodal ou os Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais-ETILS (SEGALA, 2010; QUADROS e SEGALA, 2015; RODRIGUES, 2015- 2018).

Uma primeira discussão a respeito do tema desta pesquisa foi feito com um trabalho piloto (ARAÚJO; BENTES, 2016), no qual os autores buscaram tratar esses fenômenos na libras e refletir sobre a tradução de trocadilhos para a libras. Com exceção do trabalho pioneiro de Klima e Bellugi (1979), além de Sutton-Spence e Napoli (2009) e Sutton-Spence e Woll (2009), não foram encontradas outras pesquisas que investigassem a produtividade e tradução de trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades. Até onde vai o nosso conhecimento, o trabalho de Araújo e Bentes (2016) é o único que trata mais especificamente da tradução de trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades. Diante disso, este trabalho pretende dar um primeiro passo, identificando as possibilidades de tradução de trocadilhos para a libras e considerar as particularidades da língua e da cultura surda nesse processo.

Para tentar contornar o primeiro problema, logo no início da pesquisa, buscamos juntos aos surdos de duas comunidades diferentes no Norte do Brasil, em Santarém-PA e Boa Vista-RR, a qual tínhamos mais aproximações, as possibilidades de existir e a produtividade de trocadilhos na libras. Nessas aproximações, fazíamos entrevistas informais com surdos, intérpretes e professores de libras, todos os entrevistados confirmavam a existência do uso de jogos com os sinais, porém não conseguiam lembrar-se de exemplos de forma espontânea. Os trocadilhos começaram a surgir assim que foi utilizada a estratégia de eliciação de dados, principalmente com os surdos. Começamos a perceber então que o uso não intencional desses recursos, produzir trocadilhos, acontecia, mas de forma inconsciente. O uso é frequente, como

afirmado pelos próprios surdos e demais entrevistados, porém o não conhecimento sobre a linguística estrutural da sua língua, no caso dos surdos, dificultava pensar sobre o uso de tais jogos e se eles seriam possíveis nas línguas de sinais. No contato com os intérpretes e professores entrevistados, estes também afirmavam conhecer várias “brincadeiras com os sinais”, mas também não puderam oferecer exemplos de imediato. Assim, de início não foi fácil comprovar a existência de trocadilhos na libras. Apenas com a formalização desta pesquisa em formato de projeto vinculado ao LaPLOS e a posterior aprovação no mestrado, na Universidade de Brasília (UnB), foi que essa pesquisa pode ser desenvolvida a contento⁶. Assim, durante o período das disciplinas no mestrado, tivemos contato com a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) e tradutores/intérpretes de libras/português da UnB, a partir disso verificamos que os sinalizantes (surdos e ouvintes) produziam, sim, jogos com os sinais, e com isso, poderia haver a possibilidade de traduzir trocadilhos literários para uma língua sinalizada. O passo seguinte foi o de buscar as possíveis traduções dos trocadilhos de *Alice* para libras.

Frente a essa tarefa, a problemática desta pesquisa passa a ser a seguinte: como se dá o processo tradutório de trocadilhos literários de uma língua oral para uma língua de sinais? Qual o papel da cultura surda e do humor surdo nesse processo? Quais os mecanismos linguísticos disponíveis para a produção e recepção de trocadilhos nas línguas de sinais? Diante disso, o objetivo desse estudo é, primeiramente verificar as possibilidades de produção de trocadilhos na libras para depois propor uma tradução para os jogos de palavras e/ou trocadilhos de *Alice* para a libras.

Desse modo, esse estudo contempla o entendimento da produção de trocadilhos na libras. De maneira que atestar que a libras, assim como qualquer outra língua de sinais, permite a criação de trocadilhos, do mesmo modo que as línguas orais fazem com as palavras, abrirá um leque de possibilidades na investigação de outros fenômenos semânticos e pragmáticos das línguas de sinais. O leque de fenômenos possíveis a serem estudados e investigados no âmbito desta pesquisa é imenso. Atualmente, a linha de pesquisa iniciada com a percepção de que as línguas de sinais também produzem jogos de palavras e a

⁶ Os primeiros questionamentos sobre a tradução de trocadilhos para línguas de sinais surgiram juntamente com a criação do LaPLOS. Desde meados de 2015 até 2016, foram realizadas oficinas com a comunidade surda de Santarém-PA e Boa Vista-RR, com o intuito de verificar a existência e as estratégias de produção de trocadilhos na libras e em outras línguas de sinais. Posteriormente, com o ingresso em Programa de Pós-graduação em Tradução (POSTRAD), permitindo o afastamento do professor responsável pela pesquisa para cursar o mestrado, propiciando assim uma maior liberdade para investigar os trocadilhos da e na libras.

(im)possibilidade de traduzir esses jogos de palavras tem se desdobrado em outras vias de investigação, tais como o humor surdo, a ambiguidade na libras, empréstimos do português na produção dos trocadilhos, o parâmetro Movimento como parâmetro fonológico na produção de jogos linguísticos, entre outros. De maneira mais indireta, essa pesquisa contribuirá, além dos já citados para a compreensão dos processos de tradução de elementos não recorrentes e que têm sido frequentemente omitidos no momento da tradução, principalmente da interpretação simultânea onde não há tempo disponível para acessar os dispositivos de reflexão sobre um fenômeno não conhecido ou pouco visto. Outra contribuição é para os estudos literários de produção, tradução e criação de literatura voltada para surdos, principalmente, sobre a dimensão da tradução na perspectiva surda, podendo ser usada como arcabouço teórico-metodológico na formação de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) nos cursos de Letras Libras. O público alvo da proposta de tradução são os surdos.

Este trabalho está organizado como segue: além desta Introdução e das Considerações finais, apresentamos o Capítulo 1 que se detém sobre a tradução intermodal e intramodal e alguns aspectos da história e da cultura surda que serão retomados na tradução dos trocadilhos. O Capítulo 2 apresenta a obra escolhida para a tradução de trocadilhos: Alice no País das Maravilhas e algumas traduções para o português e para a libras. O Capítulo 3 focaliza os mecanismos de produção de trocadilhos como também os questionamentos teóricos levantados sobre a tradução de trocadilhos de uma língua oral para uma língua de sinais e os aspectos extralinguísticos relacionados à cultura e humor surdo, aspectos esses que estarão presentes na produção e análise das traduções dos trocadilhos. O capítulo 4 é dedicado ao percurso metodológico construído durante a pesquisa. Por fim, o Capítulo 5 oferece uma análise das traduções produzidas, juntamente com as reflexões sobre todo o percurso da pesquisa e perspectivas futuras.

1 A TRADUÇÃO INTERMODAL

Neste capítulo buscamos estabelecer reflexões sobre os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS), como campo emergente e intrínseco aos Estudos de Tradução (ET) e Estudos de Interpretação (EI), caracterizando o que são as línguas frente às possíveis modalidades a fim de conduzir a uma distinção e aproximação às invisíveis fronteiras das línguas em questão, o português e a libras, compreendendo esse processo como um novo modo de ver a tradução, o que chamaremos de Tradução Intermodal (SEGALA, 2010). Buscamos também dialogar com a história das comunidades surdas no intuito de apresentar de forma panorâmica os deslocamentos culturais e educacionais decorrentes das representações sobre as línguas de sinais e da visão de deficiência dos sujeitos surdos, mesmo que não necessariamente nessa ordem.

Neste sentido, nossa proposta neste capítulo é ver as possibilidades que a tradução intermodal oportuniza para mostrar que as línguas de sinais são passíveis de “dizer qualquer coisa” - sabendo que dizer o mesmo de formas diferentes nunca é o mesmo, mas outro, (RICOEUR, 1975; TANGIN, 2013), de serem traduzidas e que podem, sim, permitir traduções tão ricas quanto às traduções realizadas entre duas línguas orais. Para tanto, vejamos primeiro sobre as questões de língua e modalidade na seção abaixo.

1.1 Línguas e modalidade

A partir do primeiro estudo científico de uma língua de sinais (STOKOE, 1960) e os trabalhos posteriores que consolidaram os estudos dessas línguas (KLIMA; BELLUGI, 1979), a palavra “modalidade” passa a figurar nos estudos de diferentes línguas (MEIER; CORMIER; QUINTO-POZOS, 2009). Meier (2009, p. 11) define modalidade como “[...] o sistema biológico ou físico que serve a uma dada língua”⁷. Para o caso das línguas faladas, têm-se os canais de produção e percepção pelas vias oral e auditiva; para as línguas de sinais os canais gestuais/espaciais e visuais, respectivamente. Araújo (2016) tenta resumir no quadro abaixo algumas das propriedades dos articuladores e do sistema perceptual para as diferentes modalidades de língua:

⁷ Do original: “[...] *modality is the biological or physical system that subserves a given language.*” (MEIER, 2009, p. 11).

Quadro 1 – Fontes possíveis de efeitos de modalidade na estrutura linguística

<p>Propriedades diferentes dos articuladores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - línguas orais: os órgãos do aparelho fonador - línguas de sinais: as mãos, expressões faciais, o tronco
<p>Propriedades diferentes dos sistemas perceptuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - línguas orais: a forma como a produção de sons é percebida - línguas de sinais: a forma como o espaço é utilizado
<p>Maior potencial do sistema visuo-gestual para representações icônicas e indexicais: as línguas de sinais por serem línguas que fazem uso do espaço, exploram muito mais as possibilidades figurativas para o sistema linguístico</p>
<p>A ‘juventude’ das línguas de sinais e suas origens em gestos não linguísticos: grande parte das línguas de sinais emergiram ou só foram bem descritas muito recentemente</p>

Fonte: Araújo (2016, p. 54), adaptado de Meier (2009, p. 6)

Essa diferença da modalidade entre as línguas produz efeitos na forma como a estrutura linguística é expressa. Com isso, surgem os efeitos de modalidade discutidos na literatura, principalmente os de iconicidade, simultaneidade e uso do espaço (LILLO-MARTIN; GAJEWSKI, 2014). Mesmo com as diferenças existentes entre as modalidades de língua, sabe-se que as línguas de sinais apresentam propriedades linguísticas à semelhança das línguas orais, em todos os níveis de análise, sejam eles fonológicos, morfológicos e sintáticos (QUADROS; KARNOPP, 2004), apesar dos diferentes parâmetros fonológicos das LSs⁸.

A modalidade das línguas (faladas e sinalizadas) pressupõe ainda distintas formas de tradução. Caberia questionar como se dá a tradução entre língua de diferentes modalidades? A equivalência não estabelecida, por princípios óbvios dessa diferença, resultaria em novas estratégias de tradução? Nessa direção, podemos perceber que traduzir e interpretar entre línguas de diferentes modalidades traz implicações à operacionalização da tradução e da interpretação, visto que os efeitos de modalidade impactam não somente o texto alvo, mas na forma por meio da qual ele é oferecido (ARAÚJO, 2016). Dessa maneira, na tradução dos trocadilhos podemos por em questão a sua “traduzibilidade”, visto que a diferença cultural deve ser considerada essencialmente no processo tradutório.

A tradução intermodal, como veremos nas próximas seções, representa um desafio particular, afinal, as “sutilezas” que as línguas de sinais possuem passam às vezes despercebidas na tradução e, principalmente, no ato da interpretação. A esse respeito vale

⁸ Os parâmetros aqui considerados são: Configuração de mão (CM), Movimento (M), Localização (L), Orientação (O) e Marcas não-manuais (MNM). Mencionamos ainda o Parâmetro Número de mãos (PNM) estudado por Xavier e Barbosa (2013). Para uma descrição detalhada dos parâmetros da Libras na produção dos sinais e suas variações, sugerimos a leitura de Xavier e Barbosa (2014). O trabalho de Quadros e Karnopp (2004) oferece uma visão geral da gramática da libras.

dizer que a modalidade da língua influencia consideravelmente no processo de tradução (SEGALA 2010; SEGALA; QUADROS, 2015; RODRIGUES, 2012), assim como questões culturais e os processos históricos de minoria linguística marcam os processos intralinguísticos e interculturais (RODRIGUES, 2012). Os aspectos culturais e históricos são essenciais para entendermos o uso das LSs atualmente. Com isso, nos atemos nas próximas subseções sobre esses aspectos que serão necessários para os capítulos conceituais e para o entendimento da análise.

1.1.1 Aspectos da cultura surda

Adotamos cultura surda segundo o conceito de Strobel: “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas” (STROBEL, 2008a, p. 22). A partir dessa compreensão, lançamos um olhar na perspectiva de que os surdos “ouvem com olhos⁹”, ou seja, as percepções para os que ouvem e veem, chamados de ouvintes, são diferentes das percepções apenas visuais dos sujeitos surdos. Isso ao longo dos séculos foi estabelecendo uma forma diferente de (ou)ver o mundo para os sujeitos surdos.

As comunidades surdas não são compostas apenas de surdos, permeiam ouvintes da própria família dos surdos, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses são também considerados participantes desta comunidade (STROBEL, 2008b, p. 6). E tudo que compõe o mundo surdo se diferencia e representa, como Strobel diz, “a alma dessas comunidades”.

Strobel afirma ainda que a cultura surda é composta por artefatos culturais que a caracterizam e que vão além do material, a saber: (i) A experiência visual, (ii) o linguístico, (iii) o familiar, (iv) a literatura surda e (v) as artes visuais, além dos artefatos compostos pela vida social e esportiva e os artefatos político-materiais, tais como telefones adaptados, campanhas luminosas, entre outras tecnologias criadas para melhorar as condições de acessibilidade (STROBEL, 2009).

Dessa forma, a percepção somente pelo campo visual oportuniza diferentes perspectivas acerca do mundo. A tirinha abaixo demonstra de maneira bem humorada um

⁹ Essa afirmação é constante na comunidade surda, existe até um trocadilho na libras com esse sentido, apresentado no Capítulo 5 (ALUNO^OUVINTE).

pouco dessa diferença cultural. No caso, demasiados detalhes na contação de um simples fato são comuns aos surdos:

Figura 1 – Tirinha sobre cultura surda¹⁰



Fonte: Surdalidade Tirinhas (2018)

O avanço dos estudos sobre as línguas de sinais tem contribuído sobremaneira para vencer as suposições acerca da existência ou não de uma cultura surda e romper com paradigmas “ouvintistas¹¹” sobre o que é a cultura desses sujeitos.

O humor surdo é também a representação da cultura surda. Silveira conta que quando criança, na escola, durante o recreio ficava contando piadas e histórias “algumas piadas eram repetidas, às vezes modificadas em algum detalhe, mas sempre provocavam um clima de bom humor, descontração e alegria” (2016, p. 2), isso demonstra um pouco da realidade dos surdos com quem tivemos contato, as piadas, ou seja, o humor está presente em todas as situações. Porém, discutiremos mais sobre o humor surdo na subseção 3.5. Agora, passemos a ver um pouco do processo histórico educacional para compreender melhor a condição atual dos surdos.

¹⁰ Tirinha traduzida de <www.thatdeafguy.com>. Produzida por Matt Daigle, cartunista americano profissional surdo. Criador de uma série de desenhos animados chamado "In Deaf Culture..." e "Deaf Reel", bem como o popular webcomic "That Deaf Guy" produzido juntamente com Kay Daigle, sua esposa ouvinte. Surdalidade Tirinhas. Disponível em: <https://www.facebook.com/Surdalidade>. Acesso: em mai. de 2018.

¹¹ Ouvintismo: Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (SKLIAR, 1998, p. 15).

1.1.2 Breve história da educação de surdos

Para contar a história da educação dos surdos usaremos neste capítulo duas fontes principais: Karin Strobel (2007, 2008a, 2008b) e Oliver Sacks (1998). A escolha pelos autores reflete uma fundamentação implícita e pré-determinada neste trabalho: buscar oferecer uma visão mais voltada para o olhar dos surdos sobre si mesmos, no caso da/na tradução de/para eles mesmos. Tentaremos assim, mesmo sucintamente, apresentar um pouco sobre a história educacional e as principais filosofias de ensino que com seus métodos deixaram marcas e consequências avassaladoras sobre esses sujeitos.

A história dos surdos é igual à de todos os considerados “deficientes”. Considerados “anormais”, “retardados” e “incapazes”. Instituições religiosas contribuíram veementemente na construção desse pre(con)ceito sobre os sujeitos que não podiam ouvir. Encarados como seres amaldiçoados que não poderiam confessar e assim não receberiam salvação. Eram excluídos do convívio social, não podiam ir à escola e existiam leis para evitar que ficassem surdos. Registros mais antigos revelam que as crianças que nasciam com deficiência eram deixadas na selva e/ou jogadas aos leões. No caso da surdez, uma deficiência “invisível” fisicamente e como muitos pais só descobriam com idade avançada, as pessoas surdas eram de alguma forma poupadas da morte, porém viviam completamente isoladas da sociedade (STROBEL, 2008a).

Muito tempo depois começaram a ser vistos com olhar “educacional”, de integração na sociedade e passou-se a haver uma preocupação com sua educação de modo que muitos métodos de ensino de escrita e leitura foram sendo desenvolvidos. O médico italiano Girolamo Cardano foi um dos primeiros, segundo registros, a se interessar pela questão. O motivo de seu interesse era o fato de seu primeiro filho ser surdo, sendo sua principal contribuição referente à linguagem (oralizada) e à instrução com os surdos.

Pedro Ponce de León e Juan Pablo Bonet foram pioneiros também nessa instrução. Ponce de León, na Espanha, ensinava latim, grego e italiano e conceitos de física e astronomia a duas crianças surdas, e seu principal método era o alfabeto manual. Pablo Bonet, na Itália, ensinava um membro da família real, e seu principal método era a língua de sinais, treinamento da fala e alfabeto manual.

Na França o abade Charles Michel de L'Épée a partir do contato com duas crianças surdas iniciou um aprendizado da língua de sinais com surdos que vagavam pela cidade de Paris. Aprendeu com eles a língua de sinais que usavam e procurou ensiná-los, criando o que

foi chamado de “Sinais metódicos”. Ensinava-os em sua própria casa até criar a primeira escola de surdos, o Instituto de Surdos e Mudos de Paris, a primeira a ter incentivo do governo. Seus métodos eram combinações de língua de sinais de seus alunos e da gramática francesa sinalizada. E, através de um intérprete, podiam anotar o que lhes diziam, método tão frutífero que permitiu pela primeira vez que surdos pudessem ler e escrever e finalmente ter educação usando uma LS como instrução. Período considerado áureo para a educação de surdos.

Neste período, diversas formas de ensinar estavam sendo ofertadas na Europa e se expandindo para outras regiões. Surdos poderiam usar uma língua de sinais e aprendiam a escrita do idioma de seu país. Aprendiam sobre aritmética, conceitos concretos e abstratos, mais que isso, começavam a ingressar na sociedade da qual por tanto tempo estiveram às margens. L'Épée foi duramente criticado por educadores como Thomas Braidwood, da Inglaterra, e Samuel Heinicke, da Alemanha, que ensinavam somente a oralização e proibiam a língua de sinais. Após a morte de L'Épée, Roch-Ambroise Sicard se tornou diretor da escola de L'Épée e deu a continuidade ao trabalho com os ‘sinais metódicos’.

Em 1815, Thomas Hopkins Gallaudet vai a Europa em busca de métodos de ensino de surdos. Viajou por vários lugares e chegou à França onde conheceu e ficou impressionado com os “sinais metódicos” de Sicard (sucessor de L'Épée). Ali encontrou Laucent Clerc (aluno do Instituto de Surdos Mudos de Paris) e o convidou para ir ao Estados Unidos fundar uma escola para surdos. Outras escolas também foram criadas em todo país, onde a maioria dos professores era surdo e fluente em língua de sinais.

Em 1974, foi criada nos Estados Unidos a primeira Universidade para Surdos, a *Gallaudet University*, tendo como diretor o filho de Thomas Gallaudet, Edward Gallaudet. Nesta mesma época, havia em todo o mundo diversos modos de ensinar e “ver” os surdos. Os principais eram o Oralismo e o uso da língua de sinais, além de um híbrido entre as duas metodologias, chamado de Comunicação Total.

Porém, na conferência internacional de educadores de surdos mais conhecida como Congresso de Milão, realizado em 1880, foi decidido por uma maioria de estudiosos ouvintes que a língua de sinais deveria ser banida das escolas e que o método oral era o mais eficaz. Essa proibição causou um desastroso impacto nas conquistas em educação pelos surdos. Por mais de cem anos as línguas de sinais foram renegadas às margens, novamente. “Após o

Congresso de Milão em 1880, houve fracassos na educação dos surdos devido à predominância do Oralismo puro na forma de ouvintismo.” (STROBEL, 2009, p. 91).

A história dos surdos no Brasil começa com a chegada de Hernest Huert, em 1855, a convite do Imperador Dom Pedro II com a intenção de abrir uma escola para surdos no Rio de Janeiro: o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Nos anos 1960, estudiosos de diversos campos se interessaram pelas línguas de sinais iniciando pesquisas, principalmente, sobre a ASL, nos Estados Unidos. O mais famoso e considerado marco e retorno das línguas de sinais, foi o estudo pioneiro do linguista William Stokoe, que deu origem também às pesquisas em outros países da Europa, inclusive no Brasil. Stokoe (1960) afirmava que as línguas de sinais eram línguas naturais iguais às línguas orais, com a diferença de que eram produzidas em uma modalidade não oral, a modalidade gestual. Tais estudos contribuíram para consolidar o *status* de língua, o que antes era (e ainda há essa crença) de que são mímicas ou simplesmente uma versão sinalizada da língua oral. Os estudos indicaram ainda que a ASL é completa e complexa como qualquer outra língua (oral) com sintaxe e gramática independentes.

Contudo, ao longo dessa história algumas visões e imposições sobre a educação ganharam destaque. Voltemos a refletir melhor sobre o Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo, filosofias que foram mais que métodos na educação de surdos pelo mundo, foram sem dúvida alguma dispositivos tanto de educação como de estigmas. Há registros que criticam duramente as técnicas usadas pelo Oralismo, chegando a ser desumanas com severas punições físicas e psicológicas. Os surdos não tinham escolhas, e eram submetidos a essa metodologia violenta.

Pensar que a filosofia do Oralismo e da Comunicação Total é coisa do passado não é totalmente correta. Ainda é possível sentir nos dias de hoje os reflexos de décadas dessas filosofias na educação dos surdos. O caso da comunidade surda de Boa Vista-RR é um exemplo. Conversar com os surdos da capital roraimense pode ser surpreendente ao saber que apenas recentemente a libras e a cultura surda tem recebido uma atenção maior. Antes disso, a realidade de alguns surdos, nas escolas, não era diferente de relatos que se tem nos quais eram registrados que os professores davam beliscões e/ou batiam nas mãos dos surdos forçando-os a falar e fazer leitura labial e quando desobedeciam tinham suas mãos amarradas dentro das salas de aula (PADEN; HUMPHRIES, 1988; GESSER, 2009). Os professores exigiam dos

surdos sua reabilitação através da superação da surdez, para isso, deveriam falar e comportar-se como se não fossem surdos (SÁNCHEZ, 1990). “Ouvimos” relatos semelhantes de surdos de Boa Vista, fato que nos auxiliou a entender as preferências de tradução de trocadilhos de *Alice*, como será discutido adiante.

Logo, como era de se esperar, a filosofia Oralista decaiu por não atingir seus objetivos. A fala (oralizada) era quase inatingível e os surdos não chegavam a uma educação adequada. Com o fracasso do Oralismo surgiu o português sinalizado, difundido na década de 60/70, pela filosofia do bimodalismo ou Comunicação Total, onde os sinais eram usados somente como ferramentas para o aprendizado da língua oficial do país, ou seja, não consideravam a LS como língua, mas como possibilidade icônica de aprendizagem de leitura e escrita.

Uma terceira visão, após o fracasso das duas anteriores (Oralismo e Comunicação Total) que não acreditavam na LS como língua natural e muito menos na existência de uma cultura surda, é o bilinguismo. O modelo bilíngue na educação de surdos é atualmente muito defendido e considerado como o caminho mais viável (QUADROS, 1997; LACERDA, 2014; FERNANDES, 2012) por considerar que cada língua tem sua estrutura própria, suas características sem misturar uma com a outra (LACERDA, 2014). Nas palavras de Skliar: “A proposta bilíngue para surdos pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas – características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas – e como um reconhecimento político da surdez como diferença” (SKLIAR, 2013, p.7). Para Fernandes (2012), representa muito mais que a questão de língua, representa questões sociais, políticas e culturais. E deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual-espacial para poder garantir acesso e permanência além de marcar a diferença.

No constante das visões e desejos em relação à educação (também política e social) dos sujeitos surdos, encontramos, como em todas as áreas, divergências quanto à melhor maneira de ensiná-los a ler e a escrever. A esse respeito Fernandes (2012) faz um comentário que mostra o quanto os estudos sobre o tema contribuem para uma “educação linguística” na escola. Vejamos abaixo:

Uma das maiores contribuições que linguistas e educadores de surdos (ou de qualquer outra área com foco nos surdos) podem prestar hoje é varrer a ilusão da “deficiência verbal” e oferecer uma noção mais adequada das reações entre a língua portuguesa e a língua de sinais. Nossa tradição gramatical sempre rejeitou a existência de uma pluralidade de manifestação linguística dentro do universo da língua portuguesa por parte dos surdos. A própria escola não reconhece a situação bilíngue do surdo e rejeita de forma

intolerante (muitas vezes com roupagem de inclusão) qualquer manifestação linguística diferente (FERNANDES, 2012, p. 77, parênteses nossos).

Nesse sentido, atualmente, há dentro da visão bilíngue de ensino as propostas de inclusão no ensino regular e da escola bilíngue. Esta primeira, a escola comum, abaixo de muitas críticas por parte dos surdos e educadores de surdos. Um exemplo clássico, no Brasil, foi o fato ocorrido durante realização da Conferência Nacional de Educação (CONAE) no período de 28 de março a 1º de abril de 2010, gerando a maior mobilização da história de todo Movimento Surdo Brasileiro¹². Segundo Campello (2014), este evento marcou um retrocesso na educação de surdos, a partir do momento em que a proposta dos delegados surdos presentes nesta Conferência não foi atendida.

Depois disso, a Diretora de Políticas de Educação Especial Martinha Claret, com os pensamentos retrógrados sobre a nossa educação, ainda ousou ir ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 17 de março de 2011, para comunicar ao seu Conselho Diretor, diante da presença de alunos, professores e pais, que o Colégio de Aplicação do INES seria fechado até o final de 2011 e os alunos surdos seriam remanejados para escolas comuns (CAMPELLO, 2014, p. 75).

Houve manifestações de Surdos por todo o país, o mais famoso foi de Nelson Pimenta, atual professor efetivo do INES, que gravou um vídeo alertando toda a comunidade surda brasileira e mundial sobre a ameaça do fechamento do INES¹³. A tirinha abaixo, feita por Fábio Selani, cartunista de Brasília, faz uma comparação com o anúncio feito após o Congresso de Milão. Outro vestígio dessas lutas (poderíamos dizer no sentido de Strobel) foi a carta elaborada pelos sete primeiros doutores surdos brasileiros, que atuam nas áreas de educação e linguística, em diferentes instituições de ensino público, federal e estadual. Está disponível na página (<http://marianahora.blogspot.com.br>) da Dra. Surda Mariane Stumpf. A carta foi direcionada ao ministro de Educação em defesa das escolas bilíngues para surdos.

¹² O coletivo denominado “Movimento Surdo em favor da Educação e da Cultura Surda”, conduzido por surdos e apoiadores da causa, agrega lideranças de várias instituições representativas da comunidade surda brasileira. Um dos eventos que marcaram a constituição desse coletivo foi a manifestação ocorrida em maio de 2011, em Brasília, com o intuito de chamar atenção do MEC, questionando o método da escola inclusiva e propondo alternativas que levam em consideração as peculiaridades metodológicas no ensino de crianças surdas (BARROS, 2014, p.1).

¹³ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bs4wZYYgcSQ>. Acesso em: mai. 2018.

Figura 2 – Tirinha sobre anúncio do fechamento do INES



Fonte: Revista Feneis (2011)

Esses e muitos outros fatos revelam as constantes lutas das comunidades surdas. A busca por afirmação enquanto cultura, identidades e língua diferenciadas. Neste sentido, descobrimos neste trabalho que abordar qualquer tema sobre a libras que extrapole os níveis de análise linguística mais explorados na literatura, da fonética-fonologia, à morfologia e sintaxe (QUADROS; KARNOPP, 2004), e se o interesse se volta para questões semânticas/pragmáticas ou discursivas, questões relacionadas à cultura surda irão surgir inevitavelmente. Percebemos desde o início, e foi enfatizado por Araújo e Bentes (2016) que tratar da tradução de trocadilhos de uma língua oral-auditiva para uma língua visuoespacial a cultura surda deve ser levada em conta, tanto quanto os aspectos estruturais da produção desses trocadilhos, como bem analisados primeiramente por Klima e Bellugi (1979). Para esta pesquisa, a questão da educação dos surdos surgiu também como primordial para entender a preferência dos surdos para brincar com os sinais e jogos de palavras de uma obra literária, como será discutido nos capítulos de análise.

Frente a isso, na seção seguinte apresentamos mais especificamente a tradução intermodal como específica da área emergente dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais-ETILS (RODRIGUES, 2018) e que podemos relacionar como decorrente, de certo modo, das marcas das diferenças culturais que abordamos nestas duas últimas subseções.

1.2 A Tradução intermodal e intramodal

Delineamos nesta seção as questões acima apresentadas que consideramos extremamente pertinentes quando postas em relação à proposta de tradução literária entre duas línguas expressas por canais diferentes ou ainda como propõe Mourão (2016) uma tradução “Visualiterária¹⁴”. Feito isso, apresentaremos os ETILS, campo emergente que vem se consolidando fortemente ligado às questões que extrapolam o campo linguístico, tendo no político e educacional fortes influências e contribuições que agem de forma recíproca. A tradução intermodal, aqui tomada como pressuposto para esta pesquisa, como veremos, requer diferentes formas de análise, levando em consideração os efeitos de modalidade e questões culturais próprias das comunidades surdas e as consequências históricas educacionais (apresentadas nas subseções anteriores). Neste sentido, problematizamos ainda a tradução intermodal literária ao compor um novo quadro dentro dos ETILS, diversificando-os e trazendo à tona toda a complexidade imbricada nesses processos.

De qualquer forma, não há como falar de ETILS sem falar dos aspectos gerais que envolvem todo ato de traduzir. Sem a pretensão de uma exaustiva e longa explanação sobre os estudos da tradução e suas teorias, tecemos ainda reflexões sobre teorias e conceitos que embasaram de alguma forma as pretensões enquanto tradução e enquanto abordagem metodológica escolhida. Quanto a isso acreditamos que uma única linha de pensamento não cabia em nossas “hipotéticas pré-tensões” sobre o objeto de estudo deste trabalho, os trocadilhos e as possibilidades de tradução visualiterária.

Assim, observaremos as possibilidades de tradução dos jogos de palavras para a libras sob diversos “olhares” da tradução. Pois, mesmo almejando uma tradução que contemple a riqueza do original, que na obra escolhida são exatamente os jogos de palavras e trocadilhos, não acreditamos na fidelidade e apego ao original, ou seja, a tradução literal fidedigna. Esta é aqui entendida como “sombra” (Sombra do original de Blanchot), também como ponto de partida na construção de um texto tão rico quanto o original.

Tendo em mente que a tradução para surdos corresponde a uma demanda social diferente das demandas para ouvintes que são regidas, em sua maioria, pelo mercado, a

¹⁴ Mourão propõe o termo “visualiterária” para se referir aos textos literários em línguas de sinais, na modalidade visual dessa língua. Argumenta que o termo valoriza a visualidade do povo surdo e produz significados em sinais, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar. Também propõe o termo na libras feito com três dedos estendidos (polegar, indicador e médio), para iniciar com essa configuração de mãos, o indicador toca nos olhos e se desloca para frente do corpo em movimento circular (MOURÃO, 2016, p.21).

tradução visualiterária emerge no constante das necessidades e pluralidades em relação às línguas em contato (no caso português e libras) e aos surdos. A necessidade de saberem e terem todas as informações sobre a sociedade, cultura e literatura vigente, a participação intelectual, política e educacional nos diversos espaços demanda, como já mencionamos, uma perspectiva para além da simples tradução para a informação.

Entendendo isso, a proposta desta pesquisa busca ver as possibilidades que a tradução oportuniza para mostrar que as línguas de sinais são possíveis, sim, de “dizer qualquer coisa”, de serem traduzidas e que estas podem ter traduções tão ricas quanto às traduções realizadas entre duas línguas orais. Levando em conta todos os fenômenos linguísticos e literários para a tradução entre uma língua falada e uma sinalizada, consideramos que a tradução deve ser realmente intermodal, e não somente uma leitura contextualizada da obra, o que percebemos que acontece no caso de algumas “traduções” de obras literárias para a libras (Cf. seção 2.3). Ver as possibilidades tradutórias que contemplem a riqueza maior da obra escolhida, neste caso os jogos de palavras, ao mesmo tempo em que se destaque a libras como língua complexa tanto quanto o português, capaz de criar inúmeras conexões linguísticas, e por fim afirmar que a libras produz trocadilhos e que é possível traduzir trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades.

Para isso, primeiro tentamos entender um pouco mais sobre os processos existentes que correspondem à tradução intermodal. Rodrigues (2018) delinea dois tipos de processos: os **intramodais** e os **intermodais**. Os processos intramodais são aqueles que ocorrem entre línguas de uma mesma modalidade, seja entre línguas orais, por exemplo, entre o português ou o espanhol, ou entre línguas de sinais, como por exemplo, a Libras ou a Língua de Sinais Venezuelana-LSV¹⁵. Segala (2010) também considera como tradução intramodal as estratégias no ato da tradução/interpretação como, por exemplo: uso de explicitação, uso da soletração de palavras seguidos da introdução do termo em libras, uso de textos com glosas, gráficos e desenhos como intermediários entre o texto em português escrito e o texto final em libras. Apresentam estas mesmas estratégias como frutos de diferentes modalidades de tradução, no sentido de Jakobson (1959).

¹⁵ Um exemplo prático de tradução intramodal entre línguas de sinais que tem ganhado visibilidade recentemente no estado de Roraima, segundo pesquisadores do LaPLOS, é o caso proveniente da situação política e econômica da Venezuela que tem obrigado muitos venezuelanos à migração. Surdos venezuelanos usuários da LSV residentes e/ou refugiados na capital, Boa Vista, compartilham suas culturas e sua língua com surdos brasileiros, sendo possível notar diversos fenômenos linguísticos comuns às línguas em contato. Duas línguas de sinais compartilhadas no mesmo espaço, onde a libras é a língua majoritária e de maior valor e prestígio. Processos que precisam apressadamente ser estudados e divulgados.

Os processos intermodais são aqueles que se realizam entre uma língua oral e outra de sinais, por exemplo, a língua portuguesa e a libras ou o espanhol e a LSV. Existe ainda uma terceira modalidade não delineada por Rodrigues (2018), a gestual-tátil, a qual está relacionada ao uso da língua de sinais pelas pessoas surdo-cegas que dependem de uma sensação tátil (QUINTO-POZOS, 2004; ARAÚJO, 2016). Há também tradução¹⁶ entre língua e código¹⁷, como o caso das traduções em Braille¹⁸ que requerem aspectos tão diferenciadores no processo quanto entre uma LO-LS e ainda a tradução por meio da modalidade escrita das LSs. Por exemplo, no Brasil encontramos, além do *Sign Writing*¹⁹, dois outros sistemas de escritas de sinais, desenvolvidos por brasileiras, a ELiS²⁰ e a SEL²¹ e o (que ainda requerem estudos mais específicos voltados para a tradução). Levando em consideração isso, esta pesquisa trata de abordar a tradução de um texto gráfico-visual de uma de modalidade oral-auditiva (o português) para o texto oral na modalidade visuo-espacial (a Libras) (SEGALA, 2010).

Para contornar melhor tais nomeações voltamos à proposta de Roman Jakobson (1995), citado por Segala e Quadros (2015) ao designar que há três tipos de processo de tradução. A **Tradução Intralingual** ou reformulação, que consiste na interpretação da língua para mesma língua. A **Tradução Interlingual** ou interpretação propriamente dita, entendida como interpretação de uma língua para a outra; e a **Tradução Intersemiótica** ou

¹⁶ Não iremos nos ater no conceito tradução ou transliteração para definir esses dois processos. Usaremos tradução apenas para exemplificar modos e processos diferenciados.

¹⁷ Quanto a isso verificamos alguns trabalhos que tratam esse tipo de tradução como tradução intersemiótica (SANTOS, 2010) e pesquisas ainda em desenvolvimento no âmbito da UNB, tendo o Braille como sistema linguístico escrito.

¹⁸ O sistema Braille foi criado em 1825, pelo jovem francês Louis Braille. É baseado na combinação de seis pontos dispostos em duas colunas e três linhas, compõe 63 caracteres diferentes, que representam as letras do alfabeto, os números, sinais de pontuação e acentuação, a simbologia científica, musicográfica, fonética e informática. Adapta-se perfeitamente à leitura tátil, pois os seis pontos em relevo podem ser percebidos pela parte mais sensível do dedo com apenas um toque permitindo às pessoas cegas beneficiar-se da escrita e da leitura. Fonte: www.adeva.org.br. Acesso em: mai. de 2018.

¹⁹ O *SignWriting* é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Existem mais de 35 países que utilizam esse sistema em escolas, universidades, associações e áreas ligadas à comunidade surda. Este sistema pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Mais informações acessar: www.signwriting.org/brazil. Acesso em: Març. de 2018.

²⁰ A ELiS-Escrita das Línguas de Sinais, proposta por Mariângela Estelita de Barros a partir de sua pesquisa de mestrado e doutorado, em 1988 é uma escrita alfabética e linear com caracteres denominados visografemas que representam elementos manuais que compõe os sinais.

²¹ A Escrita SEL é um sistema de escrita para línguas de sinais desenvolvido pela Profa. Dra. Adriana S. C. 'Lessa-de-Oliveira', da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), mais informações consultar o site: <http://sel-libras.blogspot.com>. Acesso em: mai. de 2018.

transmutação que é definida como a interpretação de um sistema de código para outro por meio de signos de sistemas não-verbais.

Quadro 2 – Diferenças entre línguas orais e línguas de sinais

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) menor	Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo espaço sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2015)

A Tradução Intermodal se assemelha à tradução interlingual, contudo pressupõe diferentes aspectos como, por exemplo, a questão da tradução da escrita de sinais (seja qual for) para a oralidade. Segala (2010) e Segala e Quadros (2015) propõem inserir a **tradução intermodal** como um quarto tipo de tradução proposto por Jakobson. Isso se nota a partir dos aspectos diferenciadores no Quadro 2, acima.

A tradução intermodal pode ser feita de dois modos, por meio da:

(i) *Sign Writing*²²: sistema de escrita desenvolvido para registrar uma língua de sinais; são símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais.

(ii) Gravação em vídeo de alguém que usa a Língua de Sinais. Hoje, prefere-se a segunda possibilidade. Com o barateamento dos recursos tecnológicos, é cada vez mais comum, até mesmo nos cursos de Letras-Libras, o uso do vídeo como recurso de tradução de um texto escrito ou falado em uma língua (oral) qualquer para a língua de sinais. O uso da língua de sinais em vídeo facilita a compreensão, pois usa um código já conhecido dos surdos (SEGALA, 2010).

²² Segala (2010) não levou em consideração a existência de outras escritas de sinais já citadas aqui, a ELiS e a escrita SEL.

Podemos citar exemplos para os dois casos descritos acima. No Brasil temos dois tipos mais difundidos para a escrita da libras, o *Sign Writing* e a ELiS. Por meio da ELiS há diversas pesquisas no âmbito de graduações e pós-graduações²³, artigos publicados e uma ampla divulgação da escrita no espaço da revista Sinalizar da Universidade Federal de Goiás-UFG. Sobre *SignWriting* encontramos mais referências de pesquisas, inclusive dissertações escritas em *SignWriting*, além de diversos cursos terem incluído como disciplina curricular, por exemplo, o curso Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal Ceará (UFC). A escrita SEL tem se desenvolvido timidamente e não encontramos referências sobre no âmbito das pós-graduações além da dissertação da criadora da proposta.

Por vídeo-registro, podemos citar as publicações da “Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras²⁴” criada pela UFSC. No âmbito das pós-graduações citamos a dissertação de Nelson Pimenta (2012), a primeira a ser realizada em libras “oral”. Depois de Pimenta muitas outras já foram feitas em libras, contudo, todas as dissertações possuem uma versão escrita, em português, da mesma.

Segala (2010) e Segala e Quadros (2015) apontam para a evidência quanto à diferença existente entre os dois processos (intermodal-interlingual) corroborando que ao executar as nomenclaturas ajuda a marcar tal diferença. Definindo tais processos, lembramos novamente do foco deste trabalho que reside exatamente na dimensão fronteira entre duas línguas que compartilham espaços geográfico e temporal, mas se diferenciam continuamente quanto a sua forma de expressão, a modalidade. A tradução visualiterária trabalha dessa maneira na fronteira do que é arte e o que não é, sem dizer uma da outra.

Os estudos sobre a tradução intermodal, na visão de Quadros e Segala (2015) apontam para três pontos principais:

(i) a ideia de que os sistemas de tradução intermodal acompanham, em linhas gerais, os princípios, abordagens e técnicas já desenvolvidas para os sistemas intramodais (de uma língua oral-auditiva para outra língua oral-auditiva);

(ii) a ideia de que os sistemas de tradução intermodal se subdividem, na verdade, em dois subsistemas: (1) o de tradução de uma língua oral-auditiva para um sistema de escrita da

²³ Dentre elas destaco o trabalho (pendente de conclusão no POSTRAD/UNB, sendo uma extensão aprofundada do TCC apresentado ao curso Letras-Libras da UFG), sobre a tradução de tirinhas da turma da Mônica por meio da ELiS de Aline Alkmin Camargo Spicacci. A relevância está na proposta de tradução, em especial do dialeto do personagem Chico Bento e da dislalia do personagem cebolinha, onde há uma complexidade na transposição gráfico-visual de sotaques para a libras já que corresponde a aspectos sonoros da língua portuguesa.

²⁴ Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>. Acesso em: mai. de 2018.

língua visual-espacial; e (2) o de síntese de sinais (visuoespacial) a partir desse sistema de escrita, que envolve a ideia de que a complexidade da tarefa está evidentemente relacionada ao sistema de escrita da língua visuoespacial adotado (SEGALA; QUADROS, 2015; SEGALA, 2010).

Essa complexidade implica nas seguintes questões quanto à tradução intermodal. A primeira é o fato da linguagem traduzida ser “oral” e sobrepor elementos da tradução e da interpretação, ou seja, mesmo tendo tempo para a tradução, revisão e pesquisa (fato que caracteriza uma tradução), no momento da filmagem há uma versão “oral” da libras, o que caracteriza a interpretação. A segunda implicação e diferenciação da tradução intermodal refere-se o que nos ET comumente é visto, a invisibilidade do tradutor, na tradução intermodal o papel é inverso. Percebe-se o apagamento da autoria (original) dando visibilidade ao tradutor. Isso acontece porque na tradução intermodal o corpo do tradutor é presente. A terceira implicação diz respeito à performance do tradutor intermodal ao assumir discursivamente alguns recursos próprios da modalidade visual-gestual. Por exemplo, o uso de descrições imagéticas, antropomorfismos, incorporação e uso de espaços de sinalização (QUADROS, 1997; QUADROS; SEGALA, 2015; SEGALA, 2010).

Com todas as particularidades envolvendo os processos de tradução de uma língua oral-auditiva para uma língua visuoespacial, percebemos que há desdobramentos teóricos decorrentes (no nosso caso, do desafio de traduzir jogos de palavras de uma língua oral para uma língua de sinais). Esses desdobramentos se refletem sobre a tradução a partir de um ponto de vista dos ET e EI, agora referendados como tradução intermodal, pois ainda está-se por definir os limites e espaços de cada uma no constante da tradução literária (RODRIGUES, 2018).

No entanto, quais seriam os aspectos da tradução intermodal? Como se vê, estas e outras indagações acima requerem uma problematização maior. O que não faremos neste trabalho. Mas deixamos as perguntas para futuras pesquisas. Apesar de inicialmente termos feito a escolha por buscar a proximidade da riqueza do original, pensando que isso poderia reforçar a premissa de que as línguas de sinais também se assemelham com as línguas orais na produção dos trocadilhos em sinais (ou sinalizados). Sem, contudo, tratar sobre fidelidade (ou infidelidade), mas com o intento de dar visibilidade às LSs. Assim, versamos nas próximas seções sobre esses temas vistos como campo de estudos específicos dentro dos estudos de ET e EI.

1.2.1 Os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS)

Os Estudos da Tradução (ET), designação dada para a **tradução** e o **traduzir** como foco, onde tradução “referia-se a toda e qualquer atividade de translação de material linguístico de uma língua para outra” (RODRIGUES, 2015, p. 20), abrangeu durante muito tempo os Estudos da Interpretação (EI) que considera a **interpretação** e o **interpretar**, o que são as diferenças básicas entre um e outro campo. A forma genérica tratada levou alguns teóricos a considerar as especificidades dos EI e evidenciar as distinções do seu objeto. O campo dos estudos da tradução ora conhecido como o campo de pesquisas sobre escritos de tradução, se consolida e passa a ser considerado como é conhecido atualmente, Estudos da Tradução. O Mapeamento de Holmes (1972), sendo o primeiro trabalho apresentado em um congresso de linguística aplicada, este se consolidou como o campo da tradutologia, e Holmes é considerado o fundador da área, sendo reconhecido por estudiosos e pesquisadores anos depois. Williams e Chestermam (2002, apud RODRIGUES; BEER, 2015) propõem seu mapeamento delimitando como ‘interpretação’. A interpretação de LSs aparece no mapeamento dentro do tópico “tipos especiais de interpretação”. (RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015). Nessa perspectiva, os ETILS se mostram como uma especificidade dos ET e EI.

No Brasil, os ETILS tiveram ponto inicial com o I Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais organizado pela UFSC, em 2008, e a partir do estabelecimento do bacharelado em Letras-Libras da mesma universidade em parceria com outras universidades. Apesar de que desde a década de 1980 já existirem estudos voltados ao estabelecimento do estatuto linguístico da libras e intérpretes atuando no contexto educacional e religioso, o que Rodrigues (2013) chama a atenção ao dizer que se tratava de ouvintes bilíngues-fluentes em libras sem formação. Posteriormente com a promulgação da Lei de Libras, Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e do decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, garantindo a presença do intérprete no contexto educacional, em eventos, entre outras providências. A regulamentação da profissão de tradutor intérprete de língua de sinais-TILS aconteceu somente com a Lei 12.319 de 1 de setembro de 2010 (RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015). Assim, a consolidação como campo emergente também se afirma pelas diversas pesquisas realizadas, principalmente, nos programas de pós-graduação, em que esta pesquisa está inserida, contribuindo de alguma maneira não somente com os

estudos específicos sobre aspectos das LSs, mas também com aspectos inerentes à tradução e à interpretação intermodal e literária ou visualiterária, este último como campo novo e pouco explorado nos ETILS.

Os ETILS são, segundo Rodrigues (2013; 2015), uma interseção entre os ET e EI e se afirmam numa vertente trazendo a modalidade gesto-visual como contribuição para maiores análises e reflexões, além de colaborar com estudos sobre os aspectos éticos, culturais e profissionais do tradutor.

1.2.2 Algumas reflexões sobre os ETILS e a (in)traduzibilidade dos trocadilhos

Como vimos nas seções anteriores, a tradução intermodal configura um campo novo de estudo interligado aos Estudos Surdos, conseqüentemente, como a área emergente e transdisciplinar (RODRIGUES; BEER, 2015). De modo mais específico um tema pouco explorado: a tradução de trocadilhos de uma língua oral-auditiva para uma língua visual-espacial, ou seja, de uma língua falada para uma língua sinalizada, carece de um embasamento teórico que reconheça as diferenças modais, o que tentamos problematizar neste trabalho. Considerando isso, tomamos uma postura teórica mais múltipla, mais transdisciplinar do objeto de estudado.

Com isso em mente, ao mesmo tempo em que, buscando traduzir os jogos de palavras de forma que apareçam coerentemente na tradução em libras, têm-se seguido trilhas não convencionais em pesquisas sobre/em tradução. Caminhos paradoxais têm servido na construção ideo-metodológica do processo de tradução desta pesquisa. Assim, mesmo que de maneira ainda prematura, pretendemos criar um diálogo entre a tradução com vistas extremas ao original e ruptura ou abertura desta para incorporar as especificidades da cultura surda e aspectos dos Estudos Surdos considerando o desafio de transportar sentidos “imóveis” para uma dimensão “espaço-visual” onde a palavra/sinal ganha movimento. Ou ainda usando a metáfora proposta por Arrojo (2003), de texto “Palimpsesto” onde “texto [que] se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do mesmo texto” (ARROJO, 2003, p. 23-24), e no caso de/para as línguas de sinais, texto “escrito” com o corpo (PELUSO, 2015).

A tradução do humor traz algumas questões, por exemplo, a especificidade da tradução intermodal confirma o que alguns autores (MORGADO, 2011; SILVEIRA, 2014; SILVEIRA; KARNOPP, 2016) corroboram que muito se perde quando se tenta traduzir o

humor de uma LO para uma LS, e vice-versa (discutiremos de forma mais aprofundada na seção 3.5). Em LS isso pode ser ainda mais complexo, devido às diferentes modalidades de língua. Mesmo com poucos trabalhos voltados ao tema, podemos considerar que os movimentos sutis e delicados das mãos geram o humor nas LSs, não podendo ser traduzido sem grandes perdas de sentido, valor semântico e “sonoridade”. Quando traduzido, para a língua oral ou escrita, o humor perde seu valor e a qualidade, de modo que para entender as sutilezas linguísticas é preciso ser fluente na língua, caso contrário dificilmente se compreenderão os implícitos culturais (MORGADO, 2011). Ainda há muito que se investigar no processo de tradução intermodal, fato evidente ao se verificar a inexistência ainda de uma abordagem teórica coesa que trate especificamente da tradução intermodal.

Os estudos sobre humor e a tradução do humor surdo têm contemplado em sua maioria as piadas e algumas historietas mais cômicas (veremos sobre esse assunto na seção 3.5). Silveira (2014) analisou mais de 48 piadas em língua de sinais e suas diferentes versões. Relata que na transcrição para a escrita do português teve muitas dificuldades em detalhar o movimento, o que seria a causa do riso, afirmando também que se perde a qualidade ao se ler uma piada originalmente em libras.

A tradução de uma piada contada em sinais para a escrita da língua portuguesa pressupõe tradução linguística e cultural, bem como a atenção a diferenças no uso da modalidade da língua. Por exemplo, a piada dos caçadores²⁵ o ator refere os detalhes do movimento das orelhas e a tradução foi complexa, pois necessitava de uma explicação mais detalhada do movimento das orelhas do cavalo para que provocasse sentido e riso ao final da piada. (sic) (SILVEIRA, 2014, p.35).

Isso corrobora o que temos tratado até o momento sobre os efeitos de modalidades. No exemplo acima, é quase impossível transcrever em português sem muitas perdas. A causa do humor pode estar em um parâmetro específico que pode ser o Movimento, considerado um parâmetro que carrega muita carga gramatical (ARAÚJO; BENTES, 2017). Barros (2015) encontrou na Teoria da Transcrição, de Haroldo Campos, o conforto necessário para produzir traduções “felizes” dos poemas de Carlos Drummond de Andrade para a libras. A autora comenta em suas conclusões que “os aparentes limites de traduzibilidade em

²⁵ Ouvintes foram à floresta caçar veados. Um surdo trabalhava como guia para ouvintes. Ouvintes ficaram admirados como o surdo conseguiu perceber o veado para caçar e perguntaram como ele conseguia. O surdo respondeu que eram as orelhas do cavalo que se mexiam e indicavam a direção, avisando onde estava o animal. (versão B, p. 56, 2015) (transcrito exatamente como na tese).

decorrência das diferenças de modalidades podem ser usados criativamente com ênfase na visualidade icônica” (BARROS, 2015, p. 155). Relata ainda que as escolhas tradutórias devem ser norteadas de forma a contornar as assimetrias entre as línguas, com uma adaptação local. Assim, podem ser extraídas marcações icônicas na fonte e pode-se remodelá-las pela experiência linguística visual.

Consoante a isso, alguns autores (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2010) consideram que a tradução desses fenômenos, os mais sutis da língua, depende da sensibilidade para com os aspectos macros e microlinguísticos de um texto, sendo uma característica do tradutor experiente. Contradizendo essa afirmação, nos lançamos a traduzir o “intraduzível”, ao tratar de elementos considerados marginais e não canônicos nas línguas, como os trocadilhos. Nesse caso, coube verificar as discrepâncias e convergências entre teorias existentes nos Estudos da Tradução e em outros campos de aproximação como os Estudos Culturais e os Estudos Surdos para tratar sobre o tema. Sem, claro, por razões de espaço, aprofundar a discussão sobre o tema.

Haroldo de Campos (2013) com a teoria da Transcrição ou recriação, e Paulo Rónai (1981) com o método de traduzir a quatro mãos, foram uma de nossas primeiras escolhas teóricas que também serviram como nossa premissa metodológica. Buscamos associar conceitos pertinentes que extrapolassem a inerente complexidade da temática aqui abordada. Assim, percebemos mais recentemente que uma conversa com autores de outros campos de estudos seria necessária para as reflexões sobre o objeto, que exige a interlocução com outras áreas, de modo que as línguas de sinais sejam devidamente contempladas.

Consoante a teoria da recriação (CAMPOS, 2013), encontramos em Bessa (2010), “Tradução-Substituição”, assim intitulado o livro, a proposta de trocas de expressões entre duas línguas para que haja equivalência de significados. Para este trabalho, esse conceito também permeou, de alguma forma, as experiências durante a tradução em conjunto (detalhado na seção 4.3.1). Visto que se utilizou por diversas vezes essa estratégia, mesmo que não trocados por outro trocadilho, mas por expressão, dentro do contexto traduzido de forma que causasse o objetivo do original, ou se aproximasse dele. Neste sentido, Susan Basnett (2003) ao tratar de problemas de equivalência diz que “a tradução de expressões nos leva mais longe na consideração da questão do sentido e da tradução, porque elas, como os trocadilhos, são determinados pela cultura”.

Derrida (2002), em seu trabalho sobre a complexidade do processo de tradução, afirma que o bom tradutor é aquele que conhece a cultura da língua que traduz, porém, um texto traduzido carrega também as experiências do tradutor, transformando o texto original em outro texto, o que ocorre para que, desde o mito de Babel, uma língua não exerça imperialismo ou domínio sobre outra. A tradução em si é, e sempre será, o parâmetro autêntico que media e regula as fronteiras entre as línguas e as culturas. Ela possui um obstáculo necessário à sua existência (a palavra ou o sentido?), um problema viável e exprimível, integrado e alterado a cada novo enunciado. A tradução é, assim, uma afirmativa absoluta, o que se necessita. A necessidade da palavra nos torna dependentes dela (CAMPOS, 2013).

Numas das encruzilhadas da filosofia da tradução, ao tratar como arte a tradução, Heidermann (2001) compara a tradução do mesmo modo que uma dada peça musical, que, quando transposta para outro tom, modifica-se. Do mesmo modo acontece na tradução, não se consegue transpor uma característica, concisa, significativa de uma língua para outra fazendo que ela surta exata e integralmente o mesmo efeito, até na mais simples prosa, a melhor das traduções só se comportará, em relação ao original, de forma diferente. Isso concorda de algum modo com as discussões sobre traduzibilidade.

Também encontramos em Paulo Rónai (1981) a definição de Tradução como arte, a arte de traduzir o intraduzível, o que nos serviu de guia-mestre e premissa para a proposta de tradução a ser alcançada. Diante do tema tão emblemático, surge um fabuloso desafio, a (in)traduzibilidade dos trocadilhos (DELABASTITA, 1994; 1996; 2004). Tomamos as palavras de Rónai como expressão de nosso percurso na busca pela (in)traduzibilidade dos trocadilhos de uma LO para uma LS:

O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) algo inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe a traduzir o intraduzível (RONAI, 1981, p. 5).

Porém, cabe pensar que se existe algo intraduzível é encarar, talvez, o fato de a tradução não corresponder ao seu papel, traduzir. É um risco, é tendencioso, e, ao mesmo tempo, pensar que de fato as línguas são únicas e que existem elementos únicos em cada uma, que se distanciam e diferem de tal modo que fica quase impossível descrevê-los numa outra língua (ARROJO, 2003). Segundo Saraiva (2005): “Pensar a tradução como possível é um

ato de arrogância, é outorgar-se o direito de ser o arquiteto ou construtor da Torre de Babel” (SARAIVA, 2005, p.12). Por outro lado, a beleza inerente do ato de traduzir reside exatamente nos diversos desafios linguísticos (e culturais) a serem contornados. Para Derrida, citado por Skliar (2005), toda construção (tradução) deve ser compreendida no sentido da impossibilidade de construir, da presença da incompletude (SKLIAR, 2005, p. 28).

Levaríamos muitas outras linhas e páginas ponderando sobre a talvez (in)traduzibilidade dos elementos tomados aqui como objeto. Tentamos abordar neste trabalho apenas uma reflexão sobre alguns desses aspectos e enfoques. Por isso, problematizamos e delineamos questões puramente ligados à tradução intermodal (sem dizer que não estejam ligados aos ET e EI), quadro que compõe todo o universo da tradução estando imbricados também os conceitos de retradução e adaptação²⁶ à qual não faremos distinção e usaremos de forma generalizada, concordando com Derrida (2002, p 57-58) “não existe tradução da tradução, eis o axioma sem o qual não existiria “ a tarefa do tradutor...a tradução da tradução é dita como “derivada” do original e não da primeira tradução”. A tradução, para designar o ato de traduzir, sem desconsiderar, porém, os sentidos inerentes da retradução e adaptação (FALEIROS, 2013; BERMAN, 1990; BASTIN, 1998). A distinção entre tradução e interpretação não será estabelecida, pois entendemos que de algum modo estas são feitas simultaneamente quando se trata de tradução intermodal (RODRIGUES, 2018).

²⁶ No âmbito dos Estudos da Tradução, BASTIN (1998) define a adaptação como um procedimento tradutório, “que resulta em um texto que não é geralmente aceito como tradução, mas é, mesmo assim, reconhecido como representativo do texto-fonte” (BASTIN 1998: 3). A adaptação, termo cunhado por Michel Garneau em 1978, propõe-se a unificar dois procedimentos intimamente ligados, a tradução e a adaptação; não obstante, esse novo conceito também carrega um caráter ideológico fortemente marcado (FRIO, 2013, p. 12).

2 ALICE TRADUZIDA

Neste capítulo apresentaremos a obra escolhida para a tradução de trocadilhos para a libras. Assim, primeiramente, apresentamos informações acerca da obra escolhida para a tradução de trocadilhos, com o título original de *Alice's Adventures in Wonderland* e suas correlações com o contexto em que foi escrita e alguns aspectos importantes do texto como o *nonsense*. Em seguida, apresentamos as traduções para o português e para a libras apontando as principais características das traduções e analisando aspectos inerentes à traduzibilidade modal distinta.

2.1 Alice, a obra

Alice foi escrito em 1804 por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dogdson. Ele, durante um passeio de barco, inventou e contou a história a pedido de duas irmãs, Alice e Lorina, filhas do Reitor da Universidade de Oxford. Elas gostaram tanto que pediram que a escrevesse. O manuscrito contém ilustrações do próprio Carroll. Alguns anos depois escreveu *Through the looking-glass and what Alice found there* (Através do espelho e o que Alice encontrou lá) uma continuação de *Alice*. Foi traduzida muitas vezes em muitos países com adaptações cinematográficas, paródias e versões alternativas. Uma das primeiras adaptações cinematográficas realizada foi em 1903 e 1915, respectivamente. A última realizada para o cinema foi lançada em 2016, dirigida por Tim Burton e para o desenho animado, lançado em 1951, considerado um clássico, ambas feitas pela *Walt Diney*. Nas duas versões²⁷ *Alice* é loira diferente da original que inspirou Carroll.

Os livros de Alice são obras cheias de mistérios, enigmas surreais misturados à realidade. Alice, uma garotinha inteligente que questiona constantemente os adultos, vive as mais diversas e absurdas aventuras num universo maravilhoso com animais e objetos personificados. “O encontro com esses personagens encantadores motiva diálogos e situações que se caracterizam pelo *nonsense*. A narrativa de Alice apresenta uma lógica invertida, às avessas, construída a partir da subversão das formas linguísticas em que o humor tem presença marcante e constante.” (LIMA, 2016, p. 22).

²⁷ As duas versões foram utilizadas como parte da metodologia, descrita no capítulo 4.

É uma das obras mais célebres do gênero *nonsense*. Lewis Carroll é considerado um dos principais divulgadores do gênero. A palavra em inglês *nonsense* significa “sem sentido”, sem nexos e não há uma tradução equivalente no português.

O *nonsense* aparece no texto especialmente nos jogos de palavras que enfatizam inexatidão, controvérsia e ironia. A linguagem é o meio usado para exacerbar o grotesco do texto. Alice tem dificuldades para se comunicar no país das maravilhas, pois suas palavras não detinham razão, coesão, elas eram invertidas e acabavam ficando sem sentidos (para ela mesma) (THOMAZ, 2013, p.8). “Dentre os elementos mais usados para elaborar o nonsense, temos a inversão, a ausência do belo, a ausência de emoção, a dança e a questão da identidade. No campo linguístico, trocadilhos, palavras-valise ou *portmanteau*²⁸ e neologismos são componentes recorrentes.” (LIMA, 2016, p. 42).

Para desobedecer, com tanta graça, ao gramatical e ao pragmático, o nonsense tem uma forte lógica interna de funcionamento. É essa lógica que permite que o trocadilho seja entendido e o questionamento considerado válido. É preciso admitir a existência das regras para que seja possível transgredi-las. Ao utilizar a linguagem de maneira criativa e inesperada, o nonsense desafia a regra e a incorpora ao mesmo tempo. Cria expectativas para subvertê-las (THOMAZ, 2013, p. 3).

Eis os que nos motivou a enveredar para a tradução intermodal. Os jogos enigmáticos de *Alice* desvelam uma escrita totalmente diferenciada das obras da época (e porque não dizer dos tempos atuais também?). Os enigmas de Carroll estão presentes até onde não podemos evidenciar, por exemplo, a Falsa Tartaruga já é um jogo que remete à “sopa de falsa tartaruga”, uma sopa muito consumida na Inglaterra feita com cabeça de vitelo em substituição à tartaruga de verdade. Para o leitor da tradução que desconhece esse fato da cultura inglesa esse jogo passa despercebido.

Além do *nonsense*, outro aspecto que merece destaque é o contexto em que foi escrito, a Era Vitoriana, período de reinado da rainha Vitória em meados do século XIX. Um longo período considerado de paz e prosperidade, a chamada *Pax Britânica*. A educação era baseada, principalmente, no ensino em casa e nas escolas frequentadas pela classe média abastada. Não se pode dizer ao certo que tipo de escola Carroll critica, se é que criticava alguma. Ou ainda se sua obra faz referência à “Alice real”, pois seja qual for o modelo educacional, alvo das críticas de Carroll em *Alice*, sabe-se que as principais disciplinas

²⁸ Palavras compostas por outras palavras, integral ou parcialmente.

ensinadas eram escrita e leitura, latim e grego com ênfase nas questões religiosas onde havia uma preocupação com a evangelização e a transmissão de morais, deixando de lado o desenvolvimento intelectual (SOUZA, 2012).

Segundo Souza (2012), no trecho em que *Alice* ao cair no buraco da toca do coelho fica repetindo para si mesma, o que se assemelha a prática de decorar as lições, corresponde ao ensino mecânico, sem levar o aluno a pensar o que prejudicava a imaginação, que para Carroll era o maior tesouro da infância (SOUZA, 2012, p. 5).

Só queria saber se vou passar direto através da terra! Seria engraçado sair bem no meio da gente que anda de cabeça para baixo! As Antipáticas, eu acho... [dessa vez gostou de que não tivesse ninguém escutando, pois aquela palavra não soava certo]... mas vou ter de perguntar qual é o país é claro. Por favor, minha senhora, aqui é a Nova Zelândia? ou a Austrália? E tentou fazer uma mesura enquanto falava... mas imaginavam fazer uma mesura enquanto se está caindo! Vocês acham que podem?) “E que menininha ignorante ela vai achar que eu sou! Não, é melhor não perguntar nada: talvez eu veja o nome escrito em algum lugar (CARROLL, 1998, p. 42-43, tradução de Leite).

O que se pode também analisar no trecho acima, segundo Souza (2012) é que Alice demonstra ter “medo” de perguntar. “Ela levanta hipóteses e logo refuta”. Pois as crianças eram ensinadas a ficarem caladas sem questionar e se o fizessem recebiam castigos (SOUZA, p. 5). O trecho em que a Falsa Tartaruga conversa sobre sua escola reflete sobre a realidade das *Public Schools* inglesas na era vitoriana, segundo Souza (2012). As escolas tinham currículo bem diferente e as principais disciplinas eram Escrita e Leitura, Francês e Música que eram matérias suplementares e só quem podia pagar, o que custava bastante, poderiam estudar.

- Tivemos a melhor educação possível... na verdade, íamos à escola diariamente...
 - Eu também ia à escola diariamente, não vejo porque se orgulhar tanto disso. Com matérias suplementares? Perguntou um pouco inquieta a Falsa Tartaruga.
 - Sim – respondeu Alice - Aprendíamos Francês e Música.
 E lavagem? - Perguntou a Falsa Tartaruga. Claro que não! Exclamou Alice indignada. Ah, então sua escola não era tão boa assim. – disse a falsa tartaruga com grande alívio. Mas na nossa, ao pé da conta eles punham: “Francês, Música e Lavagem – Cursos suplementares.” (CARROLL, 1998, p. 108, tradução de LEITE, 1980).

Mais de 150 anos depois da primeira publicação, já foi traduzida para mais de 125 línguas, e é definitivamente uma obra preciosa para a literatura mundial. Uma obra para

crianças e adultos. Uma obra irreverente onde o real se torna o fantasioso e a subversão entre os dois torna o maravilhoso real. É quase impossível contar quantos jogos e trocadilhos residem na obra toda. Muitas interpretações podem ser realizadas, e o foram, pelos mais diversos campos como a psicanálise, o direito e até o político.

Veremos nas seções seguintes algumas traduções para o português, estas que ajudaram a pensar melhor soluções para alcançar o objetivo deste trabalho. Também descreveremos às traduções para a libras que buscam, de certa forma, proporcionar o conhecimento dessa obra tão importante na literatura mundial.

2.2 As traduções de *Alice* para o português

De forma breve realizamos alguns comentários referentes às soluções encontradas nas traduções dos trocadilhos por diversos tradutores. Tais “soluções” foram usadas como parte da metodologia, nas oficinas de tradução em conjunto (descrita na subseção 4.3.1).

O objetivo da compilação das obras traduzidas para o português foi comparar as diferentes escolhas na tradução dos trocadilhos para o português. A ordem cronológica, público alvo e pretensões ideológicas não foram levados em consideração. Os excertos (quadro 3) apenas serviram como base de verificação para compreensão e entendimento por parte dos colaboradores (principalmente dos surdos) para se pensar a tradução dos trocadilhos para a libras. Tendo em vista que para os surdos participantes das oficinas, a temática sobre trocadilhos em línguas de sinais foi algo novo e nunca pensado antes por eles próprios, usuários da língua de sinais.

As traduções foram selecionadas pela diferença nas escolhas dadas em cada trocadilho, sendo descartadas as que se aproximavam demais e/ou omitiam substancialmente os jogos de palavras como em algumas adaptações para o público infantil que procuravam apenas contar a história.

A primeira tradução consultada foi a de Sebastião Uchôa Leite (1980), um dos mais famosos entre os demais tradutores de *Alice*. As demais traduções são: Ana Maria Machado (1997), Edy Lima (2003), Rosaura Eichenberg (2005), Jorge Furtado e Liziane Kugland (2009), Maria Luiza X. de A. Borges (2009) e Márcia Ferriotti Meira (2013), inclusive a de Clélia Regina Ramos (2009) que também traduziu para a libras a obra.

No quadro 3, a relação das obras consultadas e um recorte a título de exemplo:

Quadro 3 – Versões de *Alice* para o português

CAPÍTULO A HISTÓRIA DA FALSA TARTARUGA		
TRADUTOR(A)	DADOS DA EDIÇÃO	RECORTE
Sebastião Uchôa Leite	Ano 1980 Editora Fontana/Sumus Rio de Janeiro	As Belas Tretas e o Bom Estrilo, pra começar, é claro – replicou a Falsa Tartaruga – e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Murchificação e Derrisão.”
Ana Maria Machado	Ano 1997 Editora ática Porto Alegre	Bom para começar, a gente tinha as primeiras leras e aprendia Leiteria e Distrita – replicou a Falsa Tartaruga, - Depois vinham as quatro operações aritméticas: Ambição, Distração, Publicação e Diversão.
Edy Lima	Ano 2003 Editora Scipione São Paulo	Enrolição e Escrituralês, é claro, para começar, e depois os diferentes ramos da Aritimética: Ambição, distração, enfeimento e zombaria.
Rosaura Eichenberg	Ano 2005 Editora L&M Porto Alegre	Lerdear e Esquivar, para início de conversa, respondeu a Tartaruga Falsa, “e depois os diferentes ramos da aritmética- Ambição, Distração, Amiudação e Derrisão.”
Jorge Furtado e Liziane Kugland	Ano 2008 Objetiva São Paulo	Para começar, Portosseco e Martemática, é claro – respondeu a falsa tartaruga. – e também as quatro operações Maritiméticas: Ondição, Submersão, Multinatação e Diversão. E sem esquecer da Educação Química.
Clélia Regina Ramos	Ano 2009 Livros São Paulo	“Enrolação e Contorção, é claro, para começar”, a falsa tartaruga replicou, “e depois ramos da Aritimética: Ambição, Distração, Enfeiação e Derrisão”.
Maria Luiza X. de A.. Borges	Ano 2009, Editora Zahar Rio de Janeiro	Lentura e Estrita, é claro para começar”, respondeu a Tartaruga falsa; “e depois os diferentes ramos da aritmética: Ambição, Subversão, Desembelezação e Distração.
Márcia Ferriotti Meira	Ano 2013 3ed. Editora Martin Claret São Paulo	Lentura e Descrita, claro – replicou a Tartaruga Falsa. – Depois vinham as quatro operações aritméticas: Ambição, Subcomissão, Diversão e Enfeimento.

Fonte: Elaboração própria

Dentre as traduções consultadas, elegemos a de Sebastião Uchôa Leite para conduzirmos. Cabe examinar um pouco a fim de justificar tal escolha, o que fazemos nas linhas abaixo.

A tradução de Uchôa Leite é tão rica quanto o original. O livro, com 280 páginas, representa a síntese de trabalho não só de tradução, mas de pesquisa da vida e obra de Carroll. Pode-se notar isso nas primeiras páginas do livro, Leite (1980) inicia com a imagem da página fac-similar da edição manuscrita de Carroll. Depois uma foto de Carroll numa página inteira. Nas notas iniciais, agradecimentos a José Laurenio de Melo, pela leitura e contribuições valiosas, sugerindo alternativas para o texto. E, depois, a Augusto de Campos por ceder ao

volume à tradução da “Canção da Falsa Tartaruga”, o “Jaguardarte” e o “Recado dos peixes” de Humpty Dumpty.

O que nos chama atenção não é a tentativa (se é que tentou) de “fidelidade” ao original, mas talvez, ao propósito (se é que tinha um) do livro. Leite (1980) não queria que na sua tradução o *nonsense* e toda riqueza contida no livro de Carroll morressem ou ficassem apagados. Seu empenho em traduzir “ao pé da letra” tentando encontrar solução para todos os problemas surgidos resultou numa magnífica tradução, cheia de enigmas como o original. Nota-se o empenho por trazer referências da vida de Carroll na edição do livro organizado por ele mesmo. Numa linguagem rebuscada, conseguiu, em nossa opinião, deixar os leitores curiosos e buscar envolver-se com a leitura. Um trabalho árduo e minucioso com resultados incríveis, principalmente nas soluções encontradas para os jogos de palavras/trocadilhos, contemplados no texto. Exatamente por esses motivos, seu trabalho tem tanto prestígio entre os tradutores.

Alice, tão difícil de ser traduzida, exatamente por esses elementos que tomamos para nosso trabalho, é, talvez, o desafio literário mais surpreendente a ser superado. O próprio Sebastião Uchôa Leite procura deixar claro que a obra não é voltada ao público infantil e que as dificuldades foram contornadas por numerosas adaptações, “por motivos compreensíveis”, ressaltando não ter ficado satisfeito com algumas soluções encontradas e prometendo em futuras edições melhorá-las. E, continuamente, enfatiza a “grandeza” do autor, como vemos na citação abaixo:

Carroll foi um criador de difícil classificação. Não escreveu uma “grande obra”, no sentido de Shakespeare; nenhum “grande romance”, no sentido de Thomas Hardy ou Henry James; se quer foi um “grande poeta”, no sentido tradicional, pois quando escreveu... é difícil explicar como esse “não-grande escritor” tem exercido fascínio cada vez maior em outros criadores, em críticos, em filósofos, matemáticos e lógicos (LEITE, 1980, p. 17).

A tradução de Leite, considerada uma das melhores traduções para o português, como afirmado até mesmo por outros tradutores de *Alice*, como Ana Maria Machado: “Uma tradução brilhante, fiel e criadora, de Sebastião Uchôa Leite, sem dúvida a melhor de todas, se dirige a leitores maduros e sofisticados, capazes, por exemplo, de descobrirem sozinhos a que poemas do século XIX, as paródias do texto se referem e, então, apreciá-las completamente” (MACHADO, 2001, p. 201). Do mesmo modo, através da leitura de Uchôa Leite vamos

pensar uma (re)tradução “viável” (em libras) que contemple a riqueza imaginativa da obra de Carroll.

No âmbito de nossas pesquisas bibliográficas, percebemos inúmeros trabalhos sobre tradução de trocadilhos em *Alice*. Assim, para conhecer mais sobre os processos de tradução de trocadilhos (mesmo que sejam entre línguas orais) e elucidar uma possível análise sobre diversas perspectivas, iniciamos um trabalho de busca de teses, dissertações e artigos que focassem, prioritariamente, a mesma temática deste trabalho. Nessa busca, pelo banco de dados da Capes e em periódicos online, encontramos diversos trabalhos que discutem a tradução dos trocadilhos (literários). A exemplo, no trabalho de Westphalen et al. (2001), os autores fazem a comparação de quatro traduções para o português. Os tradutores selecionados por eles são: Monteiro Lobato (1931/1972), Nicolau Sevchenko (1995), Rosaura Eichenberg (1999) e Maria Luiza de X. de A. Borges (2002). A análise consistiu em verificar as escolhas de cada tradutor e os possíveis propósitos e alvos de textualização. Inferem que cada escolha foi guiada por “comunidades interpretativas” (WESTPHALEN *et al.*, 2001, p.142). A análise também conclui que Lobato é o que mais se distancia das demais, não somente pelo tempo, mas também pelo “caráter doutrinário” (nas palavras dos autores) e por se preocupar sobremaneira em inserir elementos da cultura brasileira na obra. A adaptação feita por ele omite a maioria dos trocadilhos. Os autores justificam essa quase inexistência ao fato de ser destinado ao público infantil, o que caracteriza uma adaptação.

Pereira (2002) discute as estratégias usadas na tradução em três versões para o português, a de Monteiro Lobato (1931), Uchôa (1976) e Ana Maria Machado (1991). Pereira (op. cit.) primeiramente apresenta cada autor e suas intenções quanto tradutor. Lobato, pioneiro na tradução de *Alice*, com suas ideias nacionalistas, cortou, condensou, reduziu e reelaborou a seu modo. Os mais atingidos foram os trocadilhos. As análises demonstram que as “estratégias são usadas de acordo com as ideologias de cada autor[...] a poética de cada tradutor é regida por normas operantes na cultura alvo” (PEREIRA, 2002, p. 77-78).

O trabalho de Chargorodsky (2015) considera que são as diferenças culturais e temporais entre o polissistema do texto de partida e o polissistema do texto de chegada” que torna o trabalho do tradutor um desafio. Segundo a autora, a diferença entre o texto traduzido para adulto e para criança diz respeito não somente ao fato de “simplificar ou não”, mas pensar que a criança possa compreender e se deleitar, e, ao mesmo tempo que simplificar demais não a desafia a aprender. Reflete ainda sobre a domesticação dos textos. Seria isso a

melhor opção? Domesticar ou estrangeirizar? Considera que quanto mais contato com análises de textos sob a luz da teoria da tradução, mais nos acostumaremos com a teorização.

Pode-se inferir que há uma necessidade de maiores reflexões a respeito da traduzibilidade dos jogos de palavras nas obras carrollianas. Nota-se também certa escassez do tema, quando comparado com outros temas, dentro dos Estudos da Tradução, e a questão de que fatores que regem as normas gerais da tradução são aplicados à tradução de jogos de palavras (DELABASTITA, 2004).

Cabe pensar, no entanto, sobre a questão de como se aplicariam a tradução intermodal, ou seja, de uma LO para uma LS, no nosso caso de uma LO escrita para a LS “oral”. Frente a isso, na seção seguinte apresentamos as traduções encontradas para a libras e breves análises desses processos intermodais.

2.3 As traduções de *Alice* para a libras

Foram consultados os seguintes trabalhos que se ocuparam da tradução de *Alice* para a libras: a primeira realizada por Clélia Ramos (2000), que desde o mestrado até seu doutoramento, a partir da leitura de *Alice* com a colaboração de uma surda, traduziu o que ela mesma chamou de “tradução em conjunto” numa perspectiva de “tradução cultural”, partindo do pressuposto de Rónai (1981) que ao não saber uma língua se servia de um “nativo” para efetuar em conjunto com ele a tradução. Com isso, a publicação da história em libras pela Editora Arara Azul, em 2006 foi resultado de toda sua pesquisa (RAMOS, 1995; 2000). A segunda, feita pelo Grupo Signatores, uma tradução intersemiótica, para o teatro. A terceira tradução para a libras consultada foi realizada pelo Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas (Projeto ABP) do Ministério da Educação.

Abaixo, descrevemos rapidamente as traduções para a libras, a da editora Arara Azul, a do grupo Signatores e a do Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas e realizamos uma breve comparação entre as traduções para elucidar pontos comuns a respeito do que vem sendo feito e como vêm sendo feitas as traduções tendo como público alvo os surdos.

2.3.1 Uma leitura de *Alice* – Editora Arara Azul

Clélia Regina Ramos escreve sua tese a partir da convivência há mais de dez anos com a comunidade surda carioca (por volta dos anos 90). A proposta do estudo, segundo as

palavras dela mesma foi a de tentar trazer o surdo para o interior da instituição acadêmica, não mais como objeto de estudo, mas como produtor de cultura e modo que o objeto passe a ser o produto dessa cultura. Com o trabalho desenvolvido desde 1995 pelo Laboratório de Linguagem e Surdez da Faculdade de Letras da UFRJ e influenciada por sua orientadora de mestrado, decidiu propor em seu doutoramento uma tradução de *Alice* para a libras, a primeira para o português de que se tem notícia.

Para realizar a tradução, Ramos (2000), como já mencionado, convidou colaboradores surdos. Participaram então, três informantes, a saber: uma surda oralizada, uma professora de libras e um surdo desenhista profissional com “uma língua bastante individualizada (gestos caseiros)”, nas palavras de Ramos (2000). Porém, como os dois primeiros não puderam continuar contribuindo, seguiu apenas com uma informante surda.

O trabalho com a colaboradora surda durou dois anos, com encontros semanais. Ramos (2000) afirma que foram os surdos, apenas eles, os responsáveis por uma análise realmente significativa dos resultados de um tipo de trabalho como o proposto por ela, de traduzir uma obra tão complexa na literatura, porém acredita que algumas questões podem ser discutidas por ouvintes, estes fazendo a “ponte” de saber constituído.

Sua tese de doutoramento apresenta considerações sobre questões como língua natural, biculturalismo, o *status* cultural e político da língua de sinais no Brasil e no mundo, a situação da organização política dos surdos brasileiros. Faz também um apanhado histórico das línguas de sinais como língua, entre elas descreve sobre a LSU (Língua de Sinais Uruguaia), LSV (Língua de Sinais Venezuelana) e ASL. Levanta questões como em qual modalidade se enquadrou o produto da tradução: escrita ou oral? O que sabemos segundo Segala (Cf. Cap. 1) se enquadra como modalidade “oral” da libras.

Um dos pressupostos trazidos ainda na dissertação que merece atenção é o conceito de “Tradução Cultural”. A autora afirma não ser sua intenção criar uma teoria, mas considerar esse tipo de tradução um fator de distinção, o que se entende por tradução cultural envolvendo a cultura surda:

Em relação à Língua de Sinais poder ser língua-alvo de uma tradução, um dos papéis da presente pesquisa foi justamente demonstrar a possibilidade de se efetivar um trabalho de tradução textual de uma obra literária, não apenas um recontar de história, mas uma criação autêntica de tradução (RAMOS, 2000, p. 94).

Destacando pontos importantes sobre o processo metodológico, tais como: “O texto utilizado foi a tradução feita no mestrado a partir de uma edição fac-similar original de 1857 e que as decisões finais em relação ao texto em libras ficaram a cargo da colaboradora surda. Os abordos teóricos encontrados em Foucault e Deleuze lhe possibilitaram discutir a questão de um texto ser traduzido por uma surda e uma ouvinte”, o que chama de “Tradução em conjunto”.

Essa primeira experiência de tradução da obra-prima de Carroll para a libras foi tomada como ponto de partida e consulta primordial, neste trabalho. Clélia Ramos levou quase vinte anos para concluir a tradução, até a publicação do DVD pela editora Arara Azul. A editora em questão foi fundada em 2000 por ela mesma e seu esposo, tornando-se grande referência da divulgação literária de/para/sobre surdos. E tem por missão “o desenvolvimento de ações destinadas à valorização das línguas, gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surda e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas”²⁹.

A tradução de Alice foi o começo de outras publicações da editora Arara Azul. O DVD com a História de *Alice* compõe a coleção “Clássicos da Literatura em Libras/Português”, uma das diversas publicações bilíngues da editora. A adaptação feita em quase todos os clássicos deve ser refletida, pois possui valiosas contribuições à literatura surda podendo ser analisada sob diversos enfoques teóricos e metodológicos. Por exemplo, o fato de “Ensurdecer” Alice e seus companheiros pelo texto afora foi a medida “cultural” extrema, diz Ramos (2000). A adaptação revela uma história que conta de um mundo surdo.

Desse modo, parte deste trabalho foi pensada a partir das soluções encontradas e pelas não resolvidas, principalmente, por Ramos (2000). Um detalhe importante que chama a atenção dos trabalhos que se ocuparam da tradução de *Alice* para a libras foi a questão da tradução dos trocadilhos carrollianos para a língua de sinais. Esse desafio também foi sentido por Ramos (2000).

Abaixo a citação que apesar de longa descreve bem as apreensões da autora na tentativa de traduzir os trocadilhos literários:

Desde o mestrado (antes mesmo, na escolha da obra que seria o texto fonte da tradução para a LIBRAS), uma questão que despertou meu interesse foi como aconteceriam os trocadilhos, as paródias, em LIBRAS.

²⁹ Disponível em: www.editora-arara-azul.com.br. Acesso em: mai. de 2018.

Focalizei minha leitura do original em inglês, a tradução para o português e a leitura semiológica empreendidos nesse aspecto, que denominei genericamente de *jogos lingüísticos*.

Como era esperado, as maiores dificuldades que Marlene teve em seu trabalho de tradução foram exatamente nesses momentos, não pela impossibilidade de a LIBRAS traduzir os jogos, mas em função da não proficiência da mesma em português.

Mesmo assim, sempre com muito esforço, os jogos lingüísticos estão presentes no texto traduzido para a LIBRAS. Porém, depois da finalização das filmagens, quando pude retomar o texto em LIBRAS distanciada do trabalho conjunto de mais de dois anos, percebi que os jogos lingüísticos no texto em LIBRAS não poderiam ser reconhecidos como “autênticos” da língua de sinais.

O que se vê é indiscutivelmente LIBRAS, graças à competência linguística de Marlene em LIBRAS. Mas o texto-base do qual os jogos foram traduzidos não é português, e sim, um texto híbrido que produzi, “facilitei”, para que Marlene pudesse realizar sua tradução. A impressão que tive ao rever as filmagens é que Marlene estava traduzindo idéias e não um texto escrito.

Muitas das soluções encontradas por Marlene em sua tradução foram surpreendentes. Porém, até onde vão meus conhecimentos de LIBRAS, não me sinto habilitada para avaliá-las. Se o fizesse, estaria indo contra tudo o que defendi na presente tese (RAMOS, 2000, p. 130-131).

O exemplo abaixo ilustra bem isso. Dos trocadilhos dos RAMOS DA ARITMÉTICA (Figura 3) da história da Falsa Tartaruga apenas três trocadilhos foram traduzidos e um omitido. Assim descritos: para o trocadilho “ambição” (figura 4), a escolha dos sinais é de difícil compreensão e descrição para contextualizar o surdo sobre o trocadilho pretendido. Os tradutores utilizaram a repetição do sinal PENSAR+PENSAR com expressão facial de preocupação. O trocadilho “distração” (Figura 5) foi traduzido com o sinal IMAGINAR. Enfeiação (Figura 6) por um sinal não comum para expressar “FEIO” (mãos em “garra” descendo o rosto, expressão facial franzida) + o sinal “TER”. Derrisão (Figura 7) foi omitida e posta uma espécie de nota como as ilustrações abaixo:

Figura 3 – Sinal de RAMOS DA ARITMÉTICA



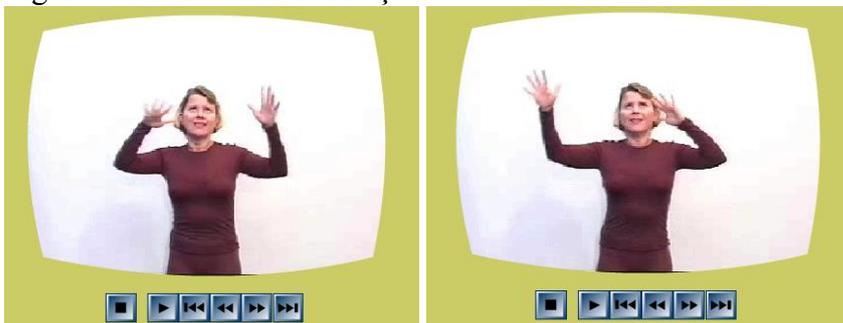
Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Figura 4 – Sinal de AMBIÇÃO



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Figura 5 – Sinal de DISTRAÇÃO



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Figura 6 – Sinal de ENFEIÇÃO



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

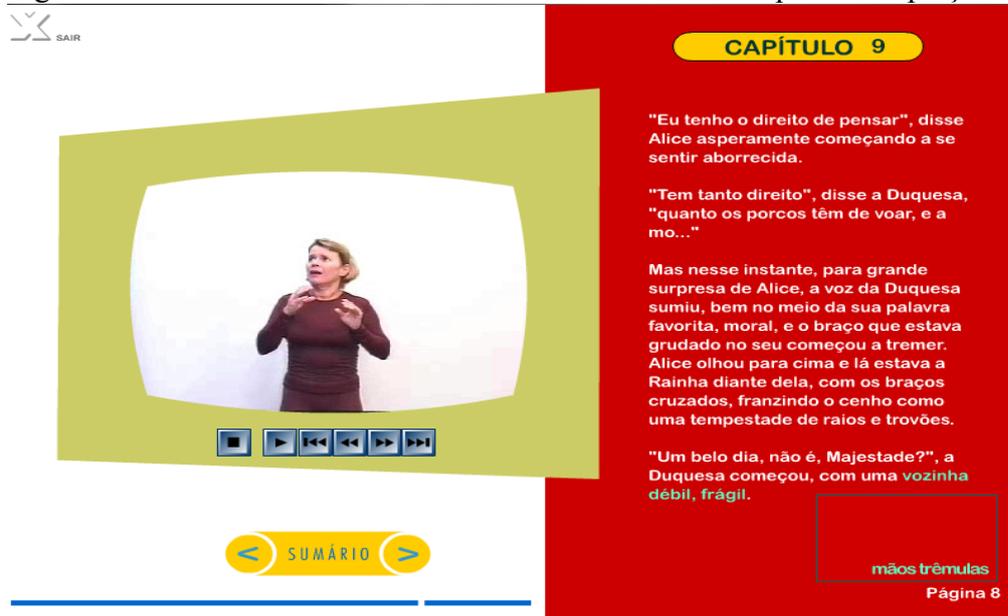
Figura 7 – Interface do DVD com sinal omitido de Derrisão



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

A adaptação cultural dos aspectos sonoros da obra em que a vizinha débil, frágil foi traduzida pelas mãos trêmulas. Os tradutores procuram dar ênfase a isso colocando uma explicação em português e em cor diferente no trecho do texto como mostra a figura 8 abaixo.

Figura 8 – Interface do DVD da Editora Arara Azul – exemplo da adaptação cultural



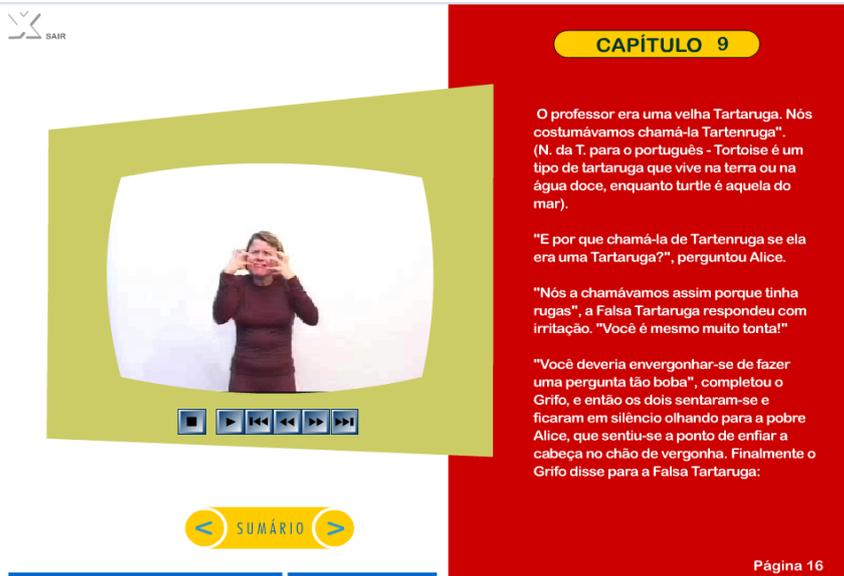
Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Como visto nos exemplos acima, a tarefa é quase impossível (para este trabalho) de analisar todo o DVD, ou mesmo que sejam somente os trocadilhos (o que deveras era nossa intenção). Assim, tomamos apenas alguns trechos do capítulo da História da Falsa Tartaruga para elucidar um pouco das escolhas realizadas pelas tradutoras. Não nos ateremos aos procedimentos técnicos da tradução, apenas descreveremos alguns pontos que chamam mais atenção relacionados às soluções encontradas para alguns jogos de palavras e questões visuais do “texto”.

O DVD é dividido em doze capítulos, cada um subdividido por páginas. Cada página equivale a uma janela, à direita da tela fica o texto em português, à esquerda, no centro, a visualização do texto sinalizado em libras. Abaixo, os botões que permitem pausar, pular, seguir e voltar frames e capítulos. O capítulo da Falsa Tartaruga contém 22 páginas. Na página 16 aparece uma nota para explicar a diferença entre Tortoise e Turtle, traduzido por “Tartenruga”. O que nos parece extremamente estranho e inconveniente, se pensarmos na “visualidade” do texto e que para alguns surdos que não tendo conhecimento da língua inglesa fica difícil o entendimento pretendido, talvez, pelas tradutoras. A nota de tradução não

aparece traduzida em Libras. Para descrever/traduzir TARTENRUGA utiliza-se os sinais VELHO+ENRUGADO.

Figura 9 – Interface do DVD da Editora Arara Azul – Sinal de TARTENRUGA



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Para continuar nossa análise da tradução de *Alice* da editora Arara Azul, tomaremos alguns pontos a respeito da visualidade, texto e tradução a partir dos comentários no fórum criado pela própria editora, para avaliação do DVD enquanto recepção da tradução e como podem ser usadas no contexto das salas de aula. As discussões estão na dissertação de Santana (2010) que traz importantes apontamentos na análise do DVD, mesmo não sendo esse o foco do autor. No tópico sobre questões teóricas/escolhas do texto têm-se os seguintes registros:

[...] mas tem hora em que se encontra confuso, por que ou eu leio em Libras ou em Língua portuguesa e por ser um texto extenso fica um pouco cansativo, [...] a sinalização ora se apresenta em um visor muito claro e a mão não é destacada, atrapalhando um pouco.

[...] o único fato que foi realmente fator de dificuldade é o fundo da narradora ser branco, o que faz com que se perca algumas palavras.

[...] apresenta-se muito longo e exige uma boa dose de concentração, por mais que seja riquíssimo, falta imagem (SANTANA, 2010, p. 63).

No fórum sobre questões teóricas/interferência do tradutor, Ramos propõe pensar sobre *Alice* a partir de algumas adaptações feitas que causassem modificações extremas no texto como, por exemplo, quando Alice no texto em português “ouve pisadinhas nervosas do

Coelho”, o que lhe permite, na tradução para a libras ela “veja as orelhas do Coelho”. Algumas respostas recebidas foram:

[...] Fica muito confuso principalmente para o ouvinte que tem de compreender o sinal apresentado e a língua portuguesa, acredito mesmo assim que não há uma associação legal entre LIBRAS/Língua Portuguesa.
 [...] Minha opinião é de que a narração em LIBRAS e o português escrito devem utilizar os mesmos termos: se estiver OUVIR no texto, deve ser sinalizado OUVIR Ou se for sinalizado VÊ, deve ser alterado o texto para VÊ. Caso contrário vai confundir tanto o surdo como o ouvinte, principalmente se estiverem em processo de alfabetização (SANTANA, 2010, p. 63).

Os comentários do fórum revelam um pouco da riqueza e ao mesmo tempo, talvez, por serem as primeiras edições da editora a carência de melhoramento de alguns pontos importantes sobre as questões visuais do texto sinalizado. O texto em português (lado direito do vídeo) apresenta a tradução do inglês para o português (feita por Clélia Ramos). A tradução em libras não condiz totalmente com o texto apresentado ao lado, ou seja, não é a “transcrição” ou a tradução da tradução para libras, são duas traduções totalmente diferentes e entendemos que isso seja um entrave para o entendimento e cause certa confusão, como apontado por um dos participantes do fórum.

Como visto, o DVD apresenta inúmeras questões a serem mais bem pensadas na produção midiática e ergonômica. Contudo, mostra-se extremamente importante quando pensamos no pioneirismo e escassez de literatura traduzida para surdos.

2.3.2 Grupo Signatores

Coordenado pela professora Adriana de Moura Somacal (UFRGS), que dirige a peça e desenvolveu sua pesquisa de mestrado sobre o tema e sob a orientação pedagógica do professor Sergio Lulkin, o grupo formado em 2010, em Porto Alegre-RS, vai além de um simples grupo de teatro, possui um viés pesquisador/investigativo com a proposta de investigar os processos de construção da linguagem teatral própria da cultura surda. O Grupo segue na busca de colaborar com o incentivo na formação docente na área teatral e aproximar jovens surdos das artes cênicas. O Grupo já recebeu diversas premiações por sua atuação social e cultural, entre eles o prêmio Agente Jovem de Cultura: Diálogos e Ações Culturais, do Ministério da Cultura.

O próprio nome do Grupo é um trocadilho com as palavras “signatário” e “signatura”,

palavras com origem no latim de “signare” (aquele que assina); o ator/autor é seu próprio trabalho, um “signator”.

“Alice no País das Maravilhas” é o quarto espetáculo protagonizado pelo grupo com estreia em 2015. Seis atores (todos Surdos) atuam nesse espetáculo. É encenado em libras e ao mesmo tempo narrado para o público ouvinte em português.

Figura 10 – Equipe da peça Alice dos Signatores



Fonte: Signatores (2018)

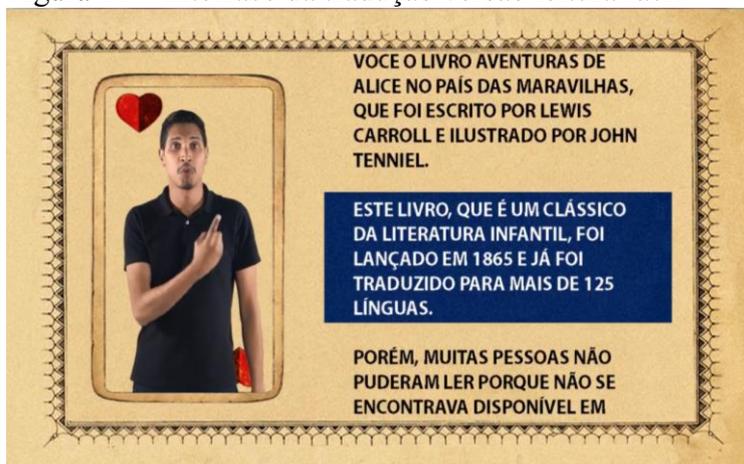
A proposta do grupo de teatro Signatores é inovadora e relevante, por diversos motivos. Além de ser uma adaptação para a libras na qual a cultura surda é enfatizada, a atriz que interpreta a *Alice* é negra, chamando a atenção para outras questões sociais. Outro aspecto importante de realizar teatro em libras é o próprio fato de fazer teatro em libras, o que permite, nas reflexões de Freitas (2014), identificar a possibilidade de utilizar o teatro, enquanto linguagem autônoma, para discutir os aspectos existentes da cultura surda.

Para este trabalho, entramos em contato com a coordenação do Grupo para maiores detalhes do processo tradutório e as escolhas quanto ao *nonsense*, jogos de palavras e trocadilhos na linguagem teatral. Contudo, não puderam dar acesso com a justificativa de que é um projeto “fechado”. Assim, não conseguimos estabelecer uma análise, mesmo que superficial, do trato dado ao nosso objeto de estudo. Por outro lado, a tradutora do grupo, Ângela Russo se dispôs a oferecer uma entrevista, o que não seria suficiente, já que o interesse seria o de analisar a peça em si, em libras, juntamente com o possível texto em português utilizados pelos autores.

2.3.3 O Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas - Projeto ABP

O projeto é uma iniciativa do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Ministério da Cultura. Disponibilizou até o momento dez livros em versão audiovisual e com texto em versão leitura fácil³⁰. Entre elas “As aventuras de Alice no país das maravilhas com recurso de Acessibilidade³¹”. Com cerca de 30 minutos de duração a versão não contempla nenhum jogo de palavra ou trocadilho. O capítulo da Falsa Tartaruga possui um minuto e quarenta segundos, e faz somente um resumo do encontro de Alice com a Falsa Tartaruga. Esta versão foi utilizada como primeira leitura de *Alice* (descrito na seção 4.4). Também nos utilizamos dos sinais de alguns personagens da história como o Grifo, Alice, entre outros.

Figura 11 – Interface da tradução versão leitura fácil



Fonte: Acessibilidade em Escolas Públicas – Canal no *Youtube* (2016)

Por fim, a tradução do Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas nos serviu apenas para “explicar” o enredo de *Alice* para os surdos nas oficinas de tradução (descritas no Cap. 4).

³⁰ A expressão “leitura fácil” é o título usado pelo próprio projeto. Os livros com texto em Leitura Fácil foram criados para ampliar as possibilidades de acesso à leitura para pessoas com diferentes características: as com deficiência intelectual, com baixo letramento, que estão aprendendo o português como segunda língua, tais como os estrangeiros, as pessoas surdas e os idosos, entre outros. A Leitura Fácil é considerada um livro em formato acessível e está prevista na legislação brasileira. Em outros países, os livros neste formato já se encontram disponíveis em bibliotecas, livrarias e escolas. O livro em formato Leitura Fácil respeita algumas diretrizes internacionais em relação à linguagem, ao conteúdo e à forma. (Fonte: <http://acessibilidadeembibliotecas.culturadigital.br>. Acesso jan. de 2018).

³¹ Também entramos em contato com a coordenação, mas até a finalização deste trabalho não obtivemos respostas.

2.4 Uma *Alice* “(in)trocaduzível” no País dos Sinais³²

Uma primeira abordagem sobre a problemática de traduzir os trocadilhos literários para a libras é o trabalho desenvolvido por Araújo e Bentes (2016). Os autores discutem as possibilidades que uma língua da modalidade visuoespacial tem para a produção de trocadilhos, baseados no trabalho pioneiro de Klima e Bellugi (1979) sobre a ASL. Araújo e Bentes (2016) propuseram a tradução de quatro trocadilhos retirados do capítulo da Falsa Tartaruga (Cf. Cap. 5) da obra de Carroll para exemplificar as possibilidades de produção e tradução de trocadilhos. Como problema maior, os autores apontam questões relacionadas à cultura surda como um dos pontos chave para a tradução dos trocadilhos de *Alice*, ponto também discutido por Ramos (2000) em sua tese, como visto na seção anterior.

O mérito do trabalho de Araújo e Bentes (2016) é a tentativa de demonstrar as possibilidades de traduzir trocadilhos de uma língua oral escrita para uma língua de sinais “oral”, ou seja, tradução intermodal e intersemiótica, em acordo com Segala (2010). Como primeiro trabalho voltado ao tema, as propostas de tradução para os quatro trocadilhos da Falsa Tartaruga não atingiram a meta dos autores, que era produzir humor na libras. Como será feita uma análise preliminar desse trabalho no Capítulo 5, não nos deteremos no momento com mais detalhes, mas ressaltamos a validade das tentativas dos autores em traduzir os jogos de sinais de Carroll para a libras, trazendo a problemática para o campo das discussões teóricas e metodológicas.

Voltando às reflexões sobre as duas³³ traduções completas, da editora Arara Azul e do Projeto ABP, cabe uma breve comparação sob os aspectos comuns às duas traduções. Salientamos que não é nossa intenção apontar erros ou comparar a qualidade da tradução, mas identificar aspectos que corresponda a uma possível “norma” ao traduzir/produzir em vídeo uma obra literária para surdos. O que se observa, tanto na tradução da editora Arara Azul, quanto na adaptação do grupo Signatores e no Projeto de Acessibilidade em Bibliotecas Públicas é a preocupação com a história, deixando os jogos de palavras de fora ou simplesmente tentando traduzir “ao pé da letra”, o que nos parece ficar sem sentido.

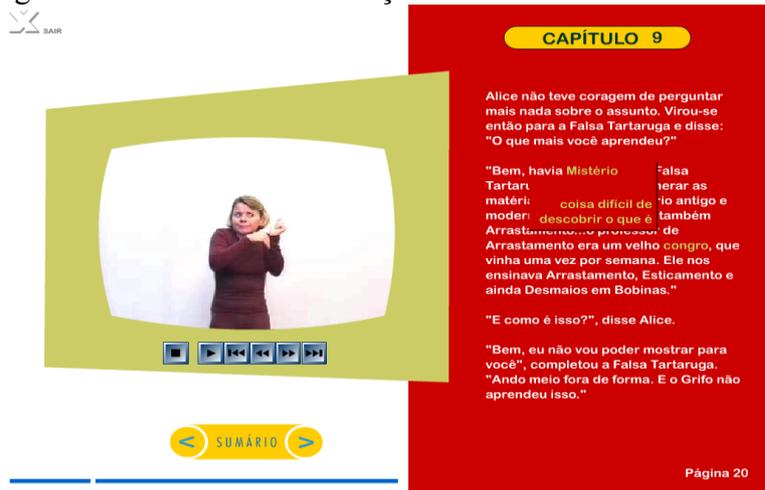
O primeiro aspecto comum às duas traduções é a incorporação do glossário no meio

³² O título desta seção é uma tentativa de traduzir o título do capítulo do livro em inglês: *(Un)punsalatable Alice in Signland: Wordplay in Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS)*, primeiro trabalho no qual nos lançamos à problemática da tradução de trocadilhos para a libras em *Alice* (ARAÚJO; BENTES, 2016).

³³ A tradução para o teatro não entra em nossas análises comparativas por dois motivos, primeiro porque não tivemos acesso ao projeto, nem à tradução e segundo que como se trata de uma tradução intersemiótica nos limitamos a somente as produzidas interlinguística, sem dizer que também não é intersemiótica.

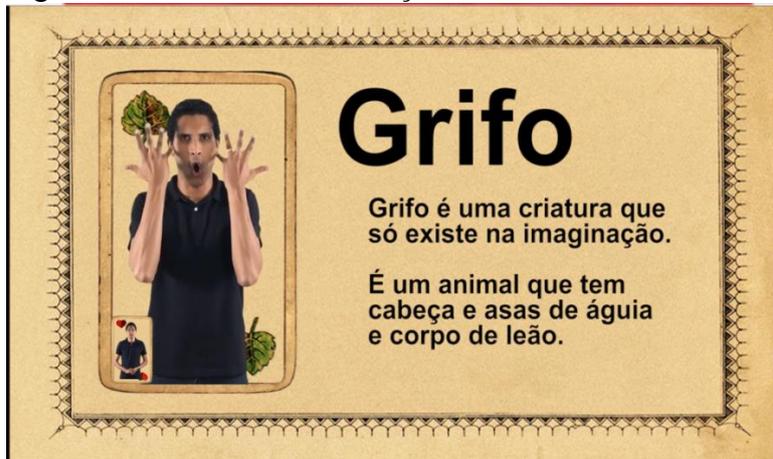
do texto, bastante comum nas traduções intermodais (RODRIGUES, 2018). Na edição da editora Arara Azul (Figura 12), aparece uma “janelinha” no texto em português dando o significado da palavra em português. Na versão leitura fácil do Projeto ABP (Figura 13) abre-se uma janela com a explicação em libras e com texto à direita em português, como mostram as figuras abaixo.

Figura 12 – Glossário da tradução da Arara Azul



Fonte: DVD da Editora Arara Azul (2002)

Figura 13 – Glossário da tradução versão leitura fácil



Fonte: Acessibilidade em Bibliotecas Públicas – Canal do Youtube (2016)³⁴

Outro ponto em comum nas duas traduções foi a mudança dos aspectos sonoros para os visuais, ou seja, de acordo com a perspectiva cultural dos surdos que percebem o mundo pela visão, assim na tradução do projeto ABP, quando a duquesa chega perto do grifo que está dormindo ela dá um grito, na tradução para a libras, a duquesa o sacode. Na tradução da

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKccjNycYwQ>. Acesso em: set. de 2017.

editora Arara Azul, como apresentado na seção 2.3.1, muitas partes foram adaptadas nesse mesmo sentido.

Outras comparações não são possíveis, visto que a tradução do Projeto ABP tem caráter apenas informativo da obra ou segundo os coordenadores do projeto é uma tentativa de promover a acessibilidade não só para o público surdo, mas a outros públicos como os cegos, enquanto que a tradução da editora Arara Azul contempla um texto completo com inúmeras tentativas de soluções para os enigmas de Carroll. De qualquer modo, analisar e comparar as traduções (e todo percurso de pesquisa nesses anos) possibilitou perceber mais sobre o quê e como estão sendo feitas as traduções para surdos em libras. A partir disso, dentro dos limites deste estudo, podemos constatar que:

- Pouquíssimas pessoas têm se aventurado a traduzir literatura para surdos;
- Traduções da libras para o português são ainda mais escassas;
- O *YouTube* se estabelece como “vitrine” de apresentações culturais, pessoais e humorísticas dos surdos, espaço de produção, circulação e consumo de cultura³⁵;
- Os estudos que se dedicam à tradução de humor surdo têm em sua maioria as piadas como foco;
- A maioria das traduções foca simplesmente na mensagem geral do texto (quando não adaptadas à cultura surda);
- As traduções feitas por surdos são em sua maioria adaptadas à cultura surda;
- Não há uma normatização para (a apresentação visual) tradução (vídeo-gravada) desse tipo de produção³⁶;
- A tradução de humor (para a libras) se restringe em sua maioria a piadas e a algumas historietas infantis de cunho mais cômico;

³⁵ Daiane Pereira (2012) investigou na perspectiva foucaultiana o *YouTube* como pedagogia cultural: Espaço de produção, circulação e consumo de cultura surda e constatou que a internet é, sim, uma vitrine para a comunidade surda. Schanleberguer (2010) afirma que o *youtube* se faz como uma cibercultura.

³⁶ Stone (2009) possui um estudo a esse respeito, trazendo o termo “norma surda em tradução”. Para ele os tradutores para as línguas de sinais possuem uma identidade constituída, carregando fortemente uma normatividade surda influenciada por marcações culturais da cultura surda (XAVIER, 2010, p. 3). Também a Associação Brasileira de Normas Técnicas define, em sua norma de número 15.290, a Janela de LIBRAS – JL como o espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na língua portuguesa são interpretadas através de libras. A norma determina os parâmetros técnicos para a produção da Janela de libras, os requisitos básicos para a preparação do estúdio, a iluminação mínima e o posicionamento da câmera de vídeo. Orienta ainda quanto ao recorte da tela, o posicionamento do intérprete e determina requisitos para que a visualização da sinalização seja viável (ANJOS, 2018, p. 39). Porém, ao nos referirmos em normatização para vídeos gravação em libras, falamos apenas de como os elementos como textos escritos, comentários do tradutor como notas de rodapé, glossários etc, devem aparecer, ou seja, em relação a apresentação visual da obra, tradução literária.

- Omissões de elementos considerados mais “linguísticos” como jogos de palavras, expressões idiomáticas, entre outros, são comuns;

- Com exceção da análise preliminar de Araújo e Bentes (2016), o trabalho de Klima e Bellugi (1979) e Sutton-Spence e Napoli (2009), não foram encontradas outras pesquisas que investigassem a tradução de trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades³⁷.

Diante disso, este trabalho pretende dar um primeiro passo, identificando as possibilidades de tradução de trocadilhos para a libras, e considerar as particularidades da língua e da cultura surda nesse processo. Para isso, um ponto crucial que deve ser compreendido antes de qualquer tentativa de tradução dos trocadilhos de *Alice*, é a delimitação conceitual do que seja um trocadilho e quais seriam os mecanismos que subjazem à produção dos jogos de palavras, nas línguas de sinais em particular. Dedicamos o Capítulo 3 a essa temática.

³⁷ Esta afirmação é baseada no processo como um todo de busca por referências sobre tradução de trocadilhos intermodal.

3 OS JOGOS DE SINAIS

Feitas as considerações a respeito do contexto geral que envolve este trabalho, inserido nos ETILS (Cap. 1), a apresentação da obra selecionada para a tradução de trocadilhos (Cap. 2) e a descrição do percurso metodológico (Cap. 4), neste capítulo tratamos de definir o que são os jogos de palavras (jogos de sinais?) ou trocadilhos (sinadilhos?) nas línguas de sinais. Os dois termos, jogos de sinais e sinadilhos foram criados por Araújo e Bentes (2017). Abordamos ainda, rapidamente, a questão do humor surdo e a (in)traduzibilidade dos jogos de palavras em línguas de diferentes modalidades.

3.1 Algumas definições sobre jogos de palavras/trocadilhos

Uma definição bastante recorrente para jogos de palavras é a de Delabastita (1996, p. 128):

Jogos de palavras é o nome genérico atribuído aos vários fenômenos *textuais* nos quais características estruturais da(s) língua(s) utilizadas são exploradas com o objetivo de gerar um *confronto comunicativamente significativo* de duas (ou mais) estruturas linguísticas com *formas mais ou menos semelhantes* e *sentidos mais ou menos diferentes*. (Grifo do autor).³⁸

Em uma tentativa mais recente de definir jogos de palavras, Winter-Froemel (2016, p. 37) afirma:

Jogos de palavras são fenômenos historicamente determinados nos quais um falante produz enunciados – e está ciente de fazê-lo – que justapõem ou manipulam itens linguísticos de uma ou mais línguas no intuito de surpreender o(s) ouvinte(s) e produzir um efeito humorístico sobre ele(s)³⁹. (Tradução nossa).

As duas definições acima evidenciam pelo menos três traços: (i) **similaridade de forma** (*formas mais ou menos semelhantes* de Delabastita); (ii) **ambiguidade** (*confronto comunicativo significativo* de Delabastita; *justaposição e manipulação de itens linguísticos com intuito de surpreender o(s) ouvinte(s)* de Winter-Fromel); e, (iii) **humor** (*produção de*

³⁸ No original: “Wordplay is the general name for the various *textual* phenomena in which *structural features* of the language(s) used are exploited in order to bring about a *communicatively significant confrontation* of two (or more) linguistic structures with *more or less similar forms* and *more or less different meanings*.”

³⁹ Original: “Wordplay is a historically determined phenomenon in which a speaker produces utterance – and is aware of doing so – that juxtapose or manipulate later linguistic items from one or more languages in order to surprise the hearer(s) and produce a humorous effect on them.”

efeito humorístico de Winter-Froemel). Esses três traços são explorados por Zysko (2017, p. 5-17) em uma abordagem cognitiva. Os três traços apontados acima devem ser tomados concomitantemente. Por exemplo, a similaridade de forma é condição necessária, mas não suficiente para caracterizar um jogo de palavra, conforme demonstrado por Zysko (2017, p. 6) para o caso de jogos de palavras que preenchem os atributos apontados por Delabastita, mas não surtem o efeito esperado pelos interlocutores. Já a ambiguidade precisa ser intencional e reconhecida pelos interlocutores, de modo que o humor poderá ou não ser produzido, conforme aponta Lecolle (2016, p. 63), sintetizando nas suas palavras: “[...] jogos de palavras não são apenas fatos: precisam ser reconhecidos como tais.”⁴⁰

Podemos apontar aqui a discussão sobre a distinção entre jogos de palavras (*wordplay*) e trocadilhos (*puns*). O que pudemos perceber é que autores como Delabastita não distinguem entre “jogo de palavras” e “trocadilhos”, enquanto outros o fazem, mas sem um consenso em como diferenciá-los (ZYSKO, 2017, p. 3-4), apesar de percebermos que o termo “jogo de palavras” geralmente surge quando se fala do fenômeno de “jogar com as palavras” (*play on words*) de modo geral nas línguas, enquanto “trocadilhos” são encarados como partes dos jogos de palavras criados intencionalmente como piadas. Nesta pesquisa, não nos comprometemos com uma tentativa de buscar qualquer distinção que possa haver entre os dois termos, sendo assim, utilizamos os dois termos indistintamente, seguindo uma certa constatação de Klima e Bellugi (1979, p. 320): “Trocadilhos são, na nossa experiência, apenas uma forma ocasional de jogo de sinal na ASL”.

Frente às definições apresentadas pelos estudiosos, a questão que se levanta é a adequação daquelas definições para o caso das línguas de sinais (LSs). Na busca por publicações que abordassem a temática específica deste trabalho, pouco foi encontrado⁴¹, apenas o trabalho seminal de Klima Bellugi (1979) no qual foi dedicado um capítulo inteiro para os jogos linguísticos ou jogos sobre sinais (*plays on signs*) na ASL. Uma primeira pergunta que surgiu no início desta pesquisa foi o alcance de “jogar” com a linguagem em uma modalidade visuoespacial de língua. No início de nossas indagações sobre a existência de trocadilhos na libras, alguns colegas de pesquisa ficavam surpresos quando mencionávamos sobre nosso interesse de pesquisa. Não era incomum ouvirmos a pergunta: “Existe trocadilho na libras?” Frente a essas indagações, pode-se afirmar que o fenômeno de produzir jogos de

⁴⁰ No original: “[...] wordplay is not just a fact: it has to be recognized.”

⁴¹ Nossas buscas ocorreram prioritariamente no banco de dados da capes e periódicos online e também nos diálogos com colegas linguistas e professores da área.

palavras é possível em quaisquer línguas do mundo, o que não seria diferente para as línguas de sinais. No entanto, surpreendia ver a estranheza de colegas, linguistas, TILS, entre outros, quando relatávamos o objeto de nossa pesquisa. Esse foi um dos motivos de termos empreendido uma primeira etapa da pesquisa com trabalho de campo, buscando identificar a realização de jogos com os sinais na libras (Cf. cap. 3).

Depois de constatar que a libras utiliza sim jogos com os sinais como as línguas orais fazem com as palavras, o desafio foi o de atestar a possibilidade de traduzir trocadilhos de uma língua oral para uma língua de sinais. Sabemos que por questões das diferentes modalidades de língua os parâmetros utilizados em uma língua de sinais serão diferentes daqueles das línguas orais. A libras, como as demais línguas de sinais do mundo se vale de cinco parâmetros principais na formação de sinais, e os efeitos de modalidade são sem dúvida um entrave para a tradução entre línguas de diferentes modalidades, ou seja, para a tradução intermodal (RODRIGUES, 2018) (Cf. cap. 1). Delabatista (1994; 2004) discute os problemas linguísticos e de tradução para essa categoria de fenômeno linguístico nas línguas faladas. Para as línguas de sinais, como já mencionado, Klima e Bellugi (1979) foram os precursores da investigação de jogos com sinais em uma língua sinalizada. Sutton-Spence e Napoli (2009) também se detiveram sobre o assunto, enfatizando a questão do humor surdo.

Para uma discussão sobre o alcance e possibilidades da tradução intermodal de trocadilhos, é necessário entendermos os mecanismos que permitem a existência de trocadilhos também em línguas de sinais. Mas para isso, fazemos antes, na seção seguinte, um rápido apontamento sobre a terminologia a ser utilizada.

3.2 Os jogos de sinais: questões conceituais e terminológicas

Adotamos neste trabalho a mesma terminologia utilizada em Araújo e Bentes (2016; 2017), seguindo de certa forma a terminologia iniciada por Klima e Bellugi (1979). Os autores utilizam o termo “jogos de sinais” para os jogos de palavras em línguas de sinais, ressaltando as palavras de Meir (2012, p. 78): “As palavras nas línguas de sinais são geralmente referidas como sinais [...]”. Os autores ainda mencionam o termo “trocadilho sinalizado”, mas dão preferência ao termo “jogos de sinais”. Um outro termo pensado para o caso das línguas de sinais é “sinadilho”, já em si, um trocadilho, mas esse termo se mostra muito mais específico. Em Araújo e Bentes (2017), os autores fazem uso de “jogos de sinais

híbridos⁴²” para o caso de jogos de sinais realizados com elementos do português e da libras, reservando para “jogos de sinais” e “sinadilho” os trocadilhos criados com os parâmetros próprios da língua de sinais. Considerando isso, sempre que nos referirmos aos fenômenos de jogos de palavras em línguas de sinais, utilizaremos o termo “jogos de sinais” ou “sinadilho”.

Vale mencionar aqui que o próprio sinal para “trocadilho”, ou seja, TROCADILHO, não existia quando iniciamos esta pesquisa. Consultamos dicionários, principalmente o de Capovilla, Raphael e Maurício (2001) e bancos de dados como o Corpus da Libras⁴³ e não identificamos um correspondente. Assim, colaboradores surdos propuseram o seguinte sinal para “trocadilho”:

Figura 14 – Sinal de TROCADILHO⁴⁴



Fonte: A autora (2018)

Realizado com a CM do sinal de PALAVRA⁴⁵, em frente ao corpo, simulando o Movimento do sinal TROCAR⁴⁶, este sinal é usado neste trabalho tanto para se referir a trocadilho como para jogos de palavras e também para jogos de sinais e sinadilhos. Futuramente, pretende-se criar um sinal específico para estes últimos no intuito de marcar a diferença modal entre os trocadilhos próprios da libras (sinadilhos) e os trocadilhos das línguas orais.

⁴² Outro termo que poderia ser utilizado seria “sinal-valise”, mas isso fica para futuras pesquisas com a finalidade de definição e classificação desses fenômenos.

⁴³ Pode ser acessado em: www.corpuslibras.ufsc.br. Acesso em: fev. de 2017

⁴⁴ Convenções para transcrição de sinais: Quando uma palavra: nome do sinal em MAIÚSCULO. Duas palavras: hifenizadas (XAVIER, 2014).

⁴⁵ Conforme primeira imagem da figura 14, pois existem outros sinais para palavra.

⁴⁶ Para melhor visualização dos sinais PALAVRA e TROCAR, recomendamos acessar o dicionário online de libras, disponível no site: www.acessibilidadebrasil.org.br. Acesso em: fev. de 2018.

3.3 Os mecanismos de produção de jogos de sinais

Klima e Bellugi (1979) apontam algumas das principais estratégias utilizadas na produção de jogos de sinais, ou nas palavras dos autores: jogos sobre os sinais (*plays on signs*). Detemo-nos sobre elas⁴⁷. São exemplificados a seguir:

- (i) **Substituições de configuração de mão:** mudar uma configuração de mão pode provocar algum sinal com um sentido inesperado, mas próximo do original, como exemplo o sinal de ENTENDER em ASL, geralmente feito com o dedo indicador, mas se o sinalizante usar o dedo mindinho o sentido será o de que a pessoa entendeu ‘pouco’ alguma coisa.

Figura 15 – ENTENDER



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

Figura 16 – Sinadilho em ASL ENTENDER-POUCO



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

- (ii) **Substituições do Ponto de Articulação:** o mesmo ocorre com o ponto de articulação de um sinal. Por exemplo, o sinal para SURDO inicia na orelha e vai até a boca. Se o sinal finaliza nos olhos, indica que a pessoa é surda-cega.

⁴⁷ Esta seção em sua maioria é adaptada e traduzida de Klima; Bellugi (1979). Agradeço ao meu coorientador, Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo e Janailton Mik, por boa parte dessas traduções do inglês para o português. Para uma melhor compreensão, recomenda-se consultar a obra original de Klima e Bellugi (1979) disponível em: http://lcn.salk.edu/awards_books.html. Acesso em: set. de 2015.

Figura 17 – Sinadilho em ASL SURDO-CEGO



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

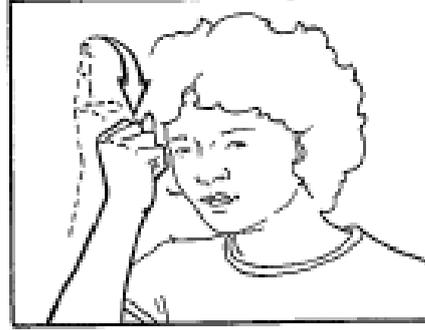
(iii) **Substituição de Movimento:** mudar o movimento de um sinal também é uma possibilidade. Tomando o mesmo sinal de ENTENDER da ASL, se o sinal é feito com um movimento inverso, não da cabeça do sinalizante para um espaço aberto acima da cabeça, mas por cima da cabeça para a posição inicial onde o sinal deveria ser iniciado, o sentido poderia ser de que a pessoa não entendeu praticamente nada.

Figura 18 – ENTENDER



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

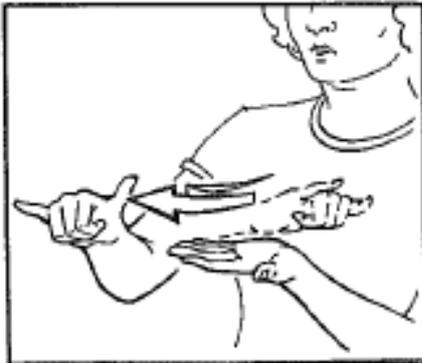
Figura 19 – Sinadilho na ASL para não entender



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

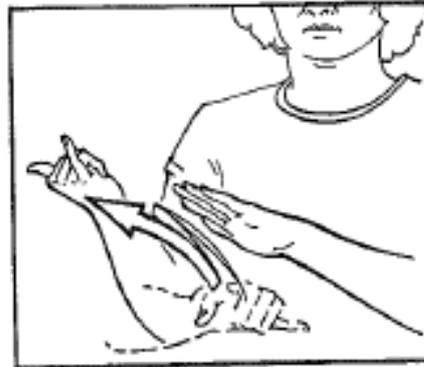
(iii) **Substituições de parâmetros menores:** Essa estratégia consiste em mudanças internas em um sinal que permita a incorporação de outras unidades de sentido em um sinal, tais como a expressão facial. O exemplo dado pelos autores é o do sinal NEW YORK, realizado com o movimento para abaixo da palma da mão, compartilhando sentidos com sinais tais como CHEAT, BRIBE e OPRESSION:

Figura 20 – NEW YORK



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

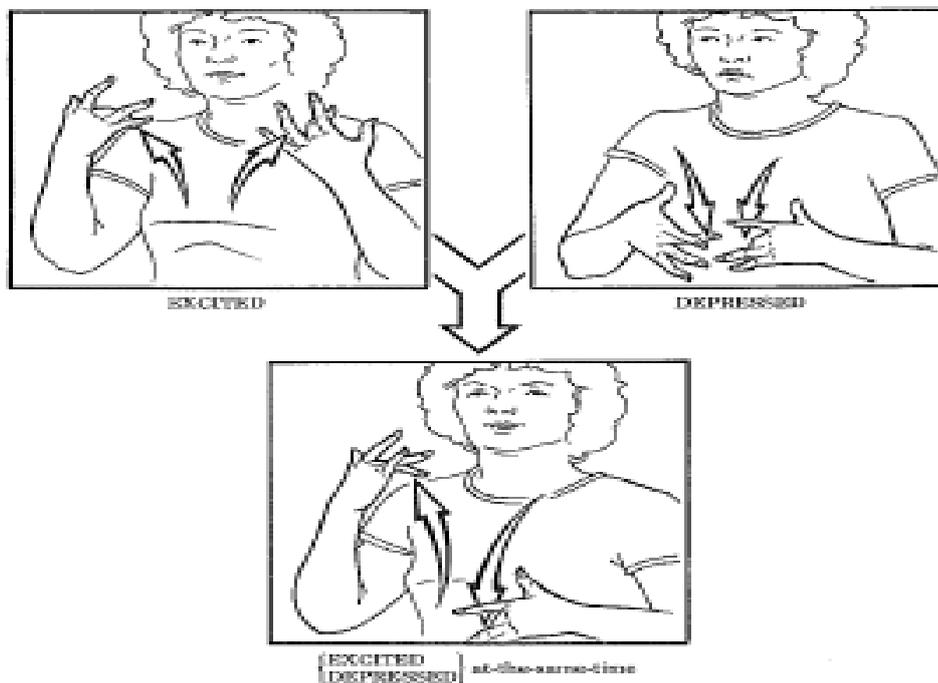
Figura 21 – Sinadilho na ASL underground-NEW YORK



Fonte: Klima e Bellugi (1979)

- (iv) **Dupla articulação de sinais ou articulação simultânea:** com as duas mãos como articuladores, é possível sinalizar dois sinais diferentes ao mesmo tempo e também fazer sinais com uma mão que são normalmente feito com as duas e misturar ou fundir sinais em um só. Em a ASL os autores dão o exemplo abaixo:

Figura 22 – Sinadilho na ASL de “ADOLESCENTE”



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 328)

Os autores descrevem ainda rapidamente outros processos: mesclas de sinais (*blending of signs*); epítetos; mesclas de movimento (*movement blends*); mesclas de transição

(*transition blends*)⁴⁸. Os exemplos acima servem para mostrar os principais mecanismos na produção de jogos de sinais, ressaltando que podem existir outros mecanismos ainda não detectados ou estudados.

3.4 Jogos de sinais na libras

No início de nossa pesquisa sobre jogos de sinais, coletamos alguns exemplos produzidos em interação espontânea por surdos e alguns ouvintes fluentes em libras. Percebemos que os jogos de sinais mais comuns eram os epítetos ou apelidos, ou seja, brincadeiras com o sinal individual com a intenção de produzir humor e/ou ofender e/ou provocar o interlocutor. Não surpreende que boa parte dos jogos de sinais que coletamos de início era produzida com a mesma configuração de mão ou com alguma semelhança, correspondendo geralmente a algo ruim, com conotação pejorativa e/ou sexual, por exemplo, os sinais para ÁGUA e PÊNIS⁴⁹ na libras se diferenciam apenas no movimento do dedo indicador, conforme Araújo e Bentes (2016, p. 347), como também os sinais para APONTADOR e METER-DEDO-ÂNUS. Outros exemplos seguem abaixo:

Figura 23 – Sinal de WHATSAPP (1)



Fonte: A autora

Figura 24 – Sinal de TRIDENTE DO DIABO



Fonte: A autora

⁴⁸ Para um melhor detalhamento de cada um desses processos, ressaltamos a consulta ao capítulo 13 de Klima e Bellugi (1979).

⁴⁹ Considerando que em algumas regiões o sinal de PENIS é feito com PA no nariz.

Figura 25 – WHATSAPP (2)



Fonte: A autora (2018)

Figura 26 – SEXO ORAL



Fonte: A autora (2018)

No Brasil, existem diversos sinais para *WhatsApp*. Em consulta rápida à internet, encontrou-se mais de sete sinais diferentes. A brincadeira acima consiste na semelhança de alguns parâmetros, gerando humor, pois há uma discordância entre a comunidade surda de Boa Vista⁵⁰ (RR) no uso de um único sinal. Ao utilizar o sinal, o sinalizante escolhe se deseja “sexo oral” ou brincar com o “tridente do diabo”, a depender do contexto interacional. Outro fator importante na produção de jogos de sinais em conversas espontâneas de surdos é a ambiguidade lexical. O que se percebe ao longo da pesquisa é que os surdos se valem constantemente de ambiguidades dos sinais para brincarem nas suas conversações.

Esses e outros exemplos confirmaram nossas hipóteses de que a libras possui, sim, diversas possibilidades de produção de jogos de sinais. Talvez um exemplo emblemático seja o de um trocadilho realizado por um surdo em uma conversa descontraída entre amigos na qual o assunto era sobre sexo. Ao se referir a um dos interlocutores, um surdo fez um sinal que nunca havíamos visto, mas que todos entenderam e do qual riram no momento. O surdo em questão bateu a mão ativa com a configuração de mão em E no antebraço da mão passiva, insinuando que seu amigo era “viciado em sexo”, conforme Figura 29. Para uma melhor visualização, as figuras 27 e 28 apresentam os sinais VICIADO e SEXO respectivamente:

⁵⁰ Diferente da comunidade Surda de Santarém (PA) que adotou um único sinal para *WhatsApp*.

Figura 27 – Sinal para VICIADO



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Figura 28 – Sinal para TRANSAR/SEXO



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Figura 29 – Sinadilho viciado em sexo (VICIADO^SEXO)



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Esse exemplo é interessante ao se perceber que o sinal de sexo (com sentido pejorativo) é feito com a mão ativa batendo nas costas da mão passiva, iconicamente simulando o ato sexual entre duas pessoas, enquanto que um dos sinais para viciado (há outros sinais para vício) é a mão ativa fechada com a configuração em A tocando no antebraço da mão passiva. Ao mesclar a CM em E do sinal SEXO e utilizar o P.A. do sinal VICIADO na mão passiva, o surdo criou um jogo de sinal com o sentido de “viciado em sexo”. Nesse exemplo temos dois sinais considerados nativos da libras, com um certo grau de iconicidade (SEXO e VICIADO), mas considerados nativos no léxico da libras, produzindo o que estamos denominando neste trabalho como sinadilho.

Entra também nessa classificação toda brincadeira feita com os sinais que produzem humor. Encontramos diferenças notáveis entre tais brincadeiras, (ou jogos de sinais) como, por exemplo, brincadeiras feitas por sinalizantes surdos e outras brincadeiras feitas por sinalizantes ouvintes. Brincadeiras com a tradução da libras para o português (ARAÚJO; BENTES, 2017) e do português para a libras. No entanto, uma classificação adequada foge do escopo deste trabalho. Porém, vejamos alguns exemplos abaixo:

Figura 30 – Sinadilho nada a ver (NADA^VER)



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Figura 31 – Sinadilho Números Primos (NÚMEROS^PRIMOS)



Fonte: A autora

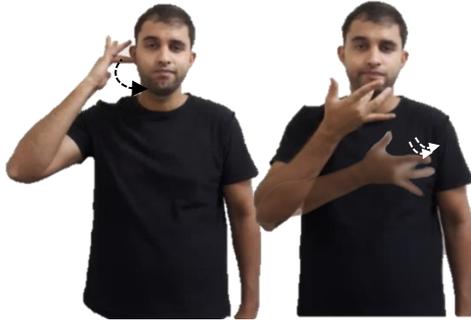
As brincadeiras acima (Figuras 30 e 31) consistem em traduzir literalmente as palavras expressões. Foram realizadas por sinalizantes ouvintes em conversas informais. O sinadilho COMPRAR^FERRAR-SE (Fig. 32) consiste em finalizar o sinal de COMPRAR que seria feito com a configuração em L, ao invés disso é feito com o gesto usado para “cotoco”, insinuando que comprar, ou seja, gastar dinheiro é sempre uma “furada”. O sinadilho SURDO^COITADO (Fig. 33), feito com a CM do Sinal COITADO no PA do sinal SURDO finalizando no PA do sinal COITADO, dando ideia de “surdo coitadinho”.

Figura 32 – Sinadilho COMPRAR^FERRAR-SE



Fonte: A autora

Figura 33 – Sinadilho surdo coitadinho (SURDO^COITADO)



Fonte: A autora

Araújo e Bentes (2017) expõem sobre tipologias de empréstimos nas línguas de sinais apontando casos específicos de empréstimos como os jogos de sinais híbridos. Os autores também discutem se as restrições de boa formação dos empréstimos se aplicam aos jogos de sinais. A partir do trabalho de Batisson (2003 [1978]) advogam que as mudanças de sinais confirmam como empréstimos os casos específicos de jogos de sinais híbridos. Os “*loan signs*” ou empréstimos sinalizados, fenômenos mais conhecidos como o caso do uso do alfabeto manual ou datilologia (*fingerspelling*), a oralização (*mouthing*) e os calques. Salientam ainda “que o tratamento dado aos empréstimos nas LSs é majoritariamente da língua falada para a língua sinalizada, por não se conjecturar haver influências no sentido oposto, da língua de sinais para a língua oral, mesmo que tal direcionalidade de influência possa ocorrer” (ARAÚJO; BENTES, 2017, p. 2-3). Os autores seguem:

Outrossim, sabe-se que nas línguas de sinais acontecem com bastante naturalidade esses hibridismos entre a língua sinalizada e a língua falada da sociedade envolvente. A existência dos “jogos com os sinais” é conhecida desde o trabalho seminal de Klima e Bellugi (1979, p. 319) ao atestarem que: “Na comunicação espontânea em ASL, os jogos sobre os sinais são abundantes”. [...] esses usos linguísticos acontecem com o fim de produzir o humor, nesse caso, surgem os trocadilhos propriamente ditos (Sutton-Spence; Napoli, 2009; Araújo; Bentes, 2016). (ARAÚJO; BENTES, 2017, p. 5)

Como exemplo, trazem o jogo com TCC, Figura 34, realizado por alunos ao brincarem com os sinais. TER^C^C (CC, realizado nas axilas, remetendo também ao sentido de ter odor nas axilas). A partir desse exemplo, Araújo e Bentes (2017) indagam o real estatuto desse tipo de produção e sua relação com a língua oral, no caso com a língua portuguesa, pois alguns

desses jogos não parecem se conformar com os trocadilhos conhecidos na literatura. Seriam jogos de sinais e/ou empréstimos? Ou ambos?

Figura 34 – Sinal TER^C^C



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Outros exemplos oferecidos foram os realizados a partir do sinal PROBLEMA (Mãos configuradas em L com movimento para frente). Tais jogos foram produzidos durante as oficinas de tradução em conjunto desta pesquisa onde os sinalizantes brincavam não ser um simples PROBLEMINHA, mas um PROBLEMÃO encontrar uma tradução para os trocadilhos de Carroll.

Figura 35 – Sinadilho PROBLEMINHA



Fonte: A autora

Figura 36 – Sinadilho PROBLEMÃO⁵¹



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

⁵¹ Outras possibilidades de tradução para o português deste sinadilho são: PROBLEMAÇO e INÚMEROS PROBLEMAS.

Figura 37 – Sinadilho PROBLEMA



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

Os autores chamam atenção quanto à relação desses jogos com a língua portuguesa sendo que ao mesmo tempo em que são jogos de sinais também guardam alguma relação com os empréstimos do português. O sinal criado para ALUNO[^]OUVINTE, figura 38, (ou ainda podendo ser traduzido em outros contextos como OUVINTE[^]SURDO⁵²). Esse jogo de sinais é caracterizado pelo decalque semântico do português juntamente com a oralização, apresentando-se como um bom exemplo de jogo de sinais híbrido e empréstimo do português na libras por ser produzido juntamente com a oralização, o surdo gesticula com a boca a palavra “ouvinte”, porém alguns surdos afirmaram nem sempre ser necessário oralizar “aluno”. O jogo reside na mudança da localização do sinal, feito na orelha para a área dos olhos fazendo-se uso do empréstimo pela configuração visual dos lábios.

Figura 38 – Sinadilho OUVINTE[^]SURDO



Fonte: Araújo e Bentes (2017)

⁵² Cabe enfatizar que este sinadilho é considerado sinal no léxico consagrado da LSV. Outro exemplo é o caso do sinadilho em ASL para SURDO-CEGO (Cf. Figuras 17) descrito por Klima e Bellugi (1979) que atualmente é considerado um sinal consolidado, mas quando surgiu em fins da década de 1970 era um trocadilho. Isso demonstra que os jogos de sinais podem ser um mecanismo de criação lexical, fato a ser explorado melhor em estudos posteriores.

Desse modo, tal estudo “surge como uma primeira tentativa de apontar mais detalhadamente as interrelações entre jogos de sinais e empréstimos” contribuindo sobremaneira para reflexões acerca desses fenômenos que envolvem o contato entre as línguas. Esses e outros dados coletados em pesquisa etnográfica demonstram a grande produtividade de jogos de sinais na libras.

3. 5 A questão do humor surdo e a tradução de trocadilhos

Os estudos acadêmicos sobre o humor têm atingido um nível significativo de pesquisas (ATARDO, 2017; POSSENTI, 2014), em sua maioria concentrados na publicidade (principalmente os trocadilhos). No campo dos Estudos da Tradução tem se consolidado à medida que alguns se aventuram em traduzir obras como as de Carroll que despretensiosamente tem elementos humorísticos. Com base no banco de dados da CAPES percebe-se que a maioria das pesquisas sobre humor estão ligadas aos programas de Pós-Graduação como Estudos da Tradução e Linguística Aplicada, principalmente.

Como nosso objetivo reside exatamente na tradução dos jogos de palavras e trocadilhos que têm em sua maioria a comicidade como pano de fundo, porém, os jogos de palavras e trocadilhos nem sempre têm o objetivo de produzir humor, alguns como os literários vão além dessa função. No caso dos jogos de palavras de Carroll, em *Alice*, são mais que simplesmente jogos cômicos, são/estão intrínsecos à linguagem da obra e envolvem o leitor numa redoma de mistérios e desafios a serem descobertos, ao mesmo tempo em que são degustados na simples sensação de estranheza (sem descobrir realmente o que significam). Para os surdos, durante a oficina sobre a temática, em Santarém-PA e posteriormente durante as oficinas de tradução foi, talvez, o primeiro encontro com o desconhecido da sua própria língua, segundo o relato de alguns participantes. No momento não entenderam que aquilo que estávamos “estudando”, aquelas brincadeiras rotineiras eram fenômenos maravilhosos dentro da linguagem humana. E que através deles poderíamos “descobrir” muito mais sobre a língua de sinais.

Alguns estudiosos têm se ocupado desse tema nas LSs, por exemplo, Marta Morgado (2011) surda portuguesa que tem diversas publicações sobre literatura surda e humor surdo. Um dos primeiros a escrever sobre o tema na ASL foi Holcomb *et al.* (1994), no livro *Deaf Culture Our Way: Anecdotes from the Deaf Community*, apresenta um total de 111 piadas e anedotas trazidas por surdos nos Estados Unidos. No Brasil, temos Carolina Hessel Silveira

que fez sua dissertação e tese sobre o tema, analisando diversas versões de piadas surdas passadas “oralmente” de geração em geração. E, Lodenir Karnopp, mesmo com foco mais para a literatura muito tem contribuído sobre o humor surdo em trabalhos juntos com Carolina Hessel.

Esses autores, que discutem sobre o humor surdo, mesmo que poucos, são importantes por concretizar uma teoria de que a visibilidade da expressão-comunicação surda, em outras palavras, a modalidade das línguas de sinais reflete uma forma de humor única. Diferentemente do humor nas LO, o humor surdo está intrinsecamente baseado no movimento das mãos, na simultaneidade dos sinais e nas expressões faciais/corporais, e os temas, principalmente das piadas, estão voltado para a sua língua, a comunicação (ou falta dela), zombaria com os ouvintes que não sabem a língua, privilégios por ser surdo, etc. (SILVEIRA, 2015; MORGADO, 2011; KARNOPP, 2014).

As piadas surdas têm sido, nas comunidades surdas, muito antes dos meios eletrônicos de divulgação, como internet, vídeos e gravações, um fator de ligação e de fortalecimento entre gerações de surdos. Com o empoderamento das comunidades surdas, começou a haver um maior interesse pelo registro e estudo das piadas e anedotas surdas (SILVEIRA, 2015, p.5).

Isso pode ser percebido em diversos fatos, principalmente nas lutas das comunidades surdas, as figuras 2, x e x demonstram isso. Pois, “o humor surdo retrata, preferencialmente, a problemática da incompreensão da surdez pelo ouvinte” (SALLES *et al.*, 2004, p. 38), porém existe muitas piadas em que o alvo de zombaria são os ouvintes muitas vezes tachados de “burros” (em relação à língua) ou a eles próprios (PINHEIRO, 2012).

Desta forma, rir dos outros e da sua pouca fluência em sinais é frequente nas piadas e aponta, por outro lado, o valor da língua de sinais. Nestas produções, torna-se evidente a valorização da língua de sinais, a beleza desta língua, o uso e o funcionamento, as vantagens de uma língua em uma modalidade gestual-visual, a riqueza de expressões e de usos que ela possui, constituindo o bem mais precioso, o tesouro da comunidade surda. (SILVEIRA; KARNOPP, 2016, p. 171-172).

A ilustração a seguir retirada do livro de Rey (2013) mostra bem essa situação em que ironizam e pedem a saída da presidente da Universidade Gaulladet por ser ouvinte e não saber ASL. Como desconhece os sinais, a presidente da universidade não entende o “gesto” que todos fazem pedindo sua saída (Figura 40). Na Figura 39, a ex-presidente da Universidade

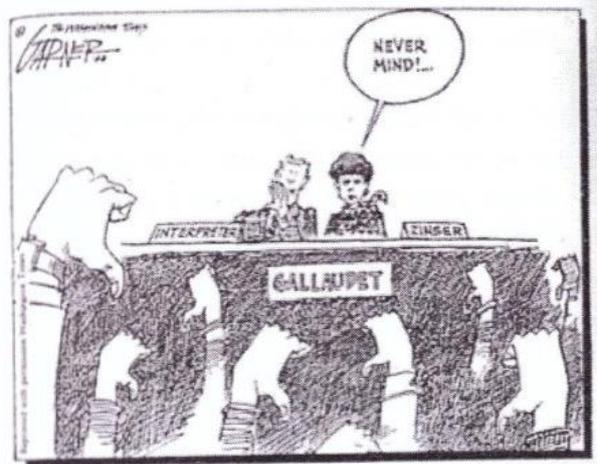
Gallaudet derrotada e cansada de fazer o gesto de “joinha” para ir-se, finalmente recorrerá aos sinais⁵³ (REY, 2013, p. 293). (Tradução nossa)

Figura 39 – *Humor deaf power* (1)



Fonte: Rey (2013)

Figura 40 – *Humor deaf power* (2)



Fonte: Rey (2013)

Assim, percebemos as diferenças sutis que carrega o humor nas mãos dos surdos, este considerado um artefato cultural (STROBEL, 28b). Neste sentido, Morgado (2014, p.72), afirma que a literatura surda se apresenta de modo recorrente como:

- (i) muito visual;
- (ii) centra-se na linguagem estética;
- (iii) carrega elementos que nos fazem aprender a partir das coisas ditas; e
- (iv) carrega elementos que nos fazem aprender a partir da forma como as coisas são ditas.

Outras características desse tipo de humor, seja qual for o país, conforme Morgado (2011), parecem apresentar sempre as mesmas características. Ou como diz Holcomb (Apud MORGADO, 2011, p. 145): os surdos “são mais diretos”, de modo que eles raramente usam eufemismos, e muitos termos considerados tabus para ouvintes são corriqueiramente expressos por surdos. Os surdos costumam descrever a pessoa tal como a veem. Gorda, magra, alta, baixa, usa aparelhos, cabelos lisos, enrolados, loira ou morena, etc., o que contribuirá para a atribuição de um sinal individual. Para Bernardino (2005, p. 5), “a fala direta não é considerada rude, o que é considerado rude são: sair de repente, conversas

⁵³ Legendas e descrições originais: Figura 39: LA PRESIDENTA DE GALLAUDET UNIVERSIT FINALMENTE APRENDE MIMICA. Humor del Deaf Power: La ex-presidenta del Gallaudet cessada y derrotada de hacer el gesto auto-Stop para irse...finalmente recurrirá al gestual! Figura 40: Humor deaf power: Como desconoce el gestual, la presidenta del Gallaudet ni si intera que todos piden su cese. (REY, 2013, p. 293)

privativas e a quebra do contato visual”.

Segundo Morgado (2011, p. 54) o humor é uma característica muito forte na Literatura Surda, sendo necessário ser fluente na língua de sinais para conseguir compreender algumas de suas sutilezas linguísticas. A autora classifica em cinco diferentes formas o humor na Literatura Surda. Tentaremos exemplificar algumas delas com exemplos na libras, assim como a autora fez na Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Imitação de filmes, de pessoas, de animais, de objetos que possam ser incorporados e retratados a partir de expressões corporais e faciais: Em acesso rápido ao site *Youtube*, encontrou-se um vídeo de quatro amigos brincando de imitar o colega e atribuir semelhanças às coisas e animais⁵⁴.

Brincadeiras com configurações do alfabeto ou de números: O vídeo de Cláudio Mourão, o caso F⁵⁵ e Fernanda Machado⁵⁶ ilustra bem essa situação na libras.

Brincadeiras com o movimento: Não conseguimos encontrar um vídeo que ilustrasse essa forma na libras. Acreditamos que precise um pouco mais de pesquisa e observação de falas espontâneas além dos vídeos na internet. Também como já ponderamos aqui o parâmetro movimento é considerado o mais complexo (ARAÚJO, 2016).

Brincadeiras com temas tabus: encontramos um vídeo na internet com o título “O surdo fez um grande cocô⁵⁷” (SILVEIRA, 2015) lembra que temas como esse são abordados sem muita restrição. Como falado anteriormente, os surdos são mais diretos e não utilizam eufemismo. Na apresentação de algumas piadas por um surdo de Boa Vista-RR, convidado para a semana de recepção dos calouros do curso de Letras-Libras Bacharelado, este apresentou diversas piadas, uma delas, sem receio nenhum da plateia que assistira a ele (comunidade surda, professores, alunos do curso, e os calouros) contou a piada acima, mas com outra versão, de homens que saíram para pescar e foram devorados, menos o surdo que esperto não deixou sua espingarda para “cagar”.

Anedotas que vão passando de mão em mão e de país para país, entre os surdos: Na tese de doutoramento de Silveira (2015), a autora analisa 78 piadas com diversas versões encontradas. São piadas e brincadeiras que passam de “mãos em mãos”. Ela compara com a literatura oral ou popular que são tradicionalmente repassadas e cada vez que são contadas

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WD62MwJo3g0>. Acesso em: nov. de 2016.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ef3a2319b>. Acesso em nov. de 2016.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M9Fp8IsEuG0>. Acesso em: nov. de 2016.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dxn2t4-bsI0>. Acesso em: nov. de 2016.

ganham ou perdem um elemento diferente. Cabe ressaltar que o meio mais utilizado para a divulgação da Literatura Surda sinalizada é o site do *Youtube*, onde se encontra a maioria dos vídeos em língua de sinais com diversas histórias, piadas e os mais variados tipos de informações e histórias registrando a literatura surda. (ROSA; KLEIN, 2009; SCHALLENBERGER, 2010; PINHEIRO, 2012).

Como visto nas seções anteriores, os sinadilhos da libras são produzidos essencialmente para produzir humor, seja para brincar com o sinal individual de alguém, seja para brincar estritamente com os sinais ou enfatizar algum sinal híbrido entre o português e a libras. Os sinadilhos apresentados até o momento fazem parte do *corpus* desta pesquisa e foram coletados como forma de entender os mecanismos de produção de jogos de sinais com o intuito de traduzir trocadilhos do português para a libras, objetivo deste trabalho. Vimos, no entanto, que a tarefa de traduzir trocadilhos entre línguas de diferentes modalidades não é tão fácil assim. Como tentativa de buscar estratégias de tradução intermodal para trocadilhos, buscamos em Delabastita (1994; 1996; 2004) as suas conhecidas estratégias de tradução e uma possível reflexão sobre o tema. Essas se aplicam sem muitos problemas às LOs, no entanto, para as LSs o cenário torna-se mais complexo por encarar algumas especificidades das LSs: os efeitos de modalidade e o humor surdo. Este tem suas próprias características, o que surpreende a alguns por acreditarem que o surdo, inserido num contexto de LO, deve entender necessariamente o humor de ouvintes, o que não é verdade. Os surdos possuem sua cultura e compartilham entre eles aspectos particulares da sua língua, de modalidade visual-espacial.

As (im)possibilidades de tradução de jogos de palavras de um texto-fonte (TF) para um texto-alvo (TA) são bem discutidas na literatura, tendo em Delabastita (Op. Cit.) um posicionamento otimista, o de que é possível traduzir trocadilhos de um TF para um TA, seguindo algumas estratégias descritas por Delabastita (1996, p. 134), apresentadas abaixo:

1 – **TROCADILHO→TROCADILHO** (*Pun-to-Pun*): o trocadilho da LF é traduzido na LA sem necessariamente ter as mesmas propriedades apresentadas na LF;

2 – **TROCADILHO→NÃO-TROCADILHO** (*Pun-to-Non-Pun*): neste, o trocadilho na LF é representado por expressão que não seja trocadilho. Pode ser que o tradutor não perceba o trocadilho na LF;

3 – **TROCADILHO→DISPOSITIVO RETÓRICO RELACIONADO** (*Pun-*

related rhetorical device): o trocadilho foi percebido na LF, mas o tradutor utiliza-se de outros recursos retóricos (repetição, aliteração, rimas, vagueza, ironia, paradoxo, etc.) que tenta capturar o efeito do trocadilho da LF;

4 – **TROCADILHO→ZERO** (*Pun-to-Zero*): o trocadilho da LF é simplesmente omitido na LA com seu contexto;

5 – **TROCADILHO DO TF→TROCADILHO DO TA** (*Pun ST-Pun TT*): o trocadilho da LF é copiado diretamente para a LA sem mudanças da sua forma e sentido, assegurando total entendimento do leitor;

6 – **NÃO-TROCADILHO→TROCADILHO** (*Nonpun-to-Pun*): o tradutor insere um trocadilho no TA de modo que compense algum trocadilho da LF que foi perdido;

7 – **ZERO→TROCADILHO** (*Zero-pun-to-Pun*): diferentemente da estratégia anterior, o tradutor insere um trocadilho como novo material textual no TA sem que exista um trocadilho no TF;

8 – **TÉCNICAS EDITORIAIS** (*Editorial Techniques*): notas de rodapé explicativas ou outros recursos editoriais como prefácios utilizados por tradutores e editores para os trocadilhos do TF⁵⁸.

É possível encontrarmos alguns trabalhos que se atenha às estratégias enumeradas por Delabastita, mas não sem apontar algumas críticas ou acréscimos às suas estratégias, a exemplo do trabalho de Silva (2015). Utilizando algumas ferramentas e o arcabouço teórico da Linguística de Corpus, Silva analisa as estratégias de tradução para o inglês de *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares. Os resultados obtidos com as análises evidenciaram que as estratégias apresentadas por Delabastita (1996) não conseguiram abarcar todas as estratégias presentes no texto analisado. Assim, o autor propôs quatro novas estratégias, a saber:

(i) jogo de palavra na língua fonte é traduzido por jogo de palavra na língua alvo e se adiciona explicação;

(ii) o tradutor realiza uma alteração textual (a substituição de uma palavra no texto inteiro, por exemplo) para viabilizar a tradução de um jogo de palavra;

(iii) o tradutor reproduz o jogo de palavras do texto-fonte no texto da língua-alvo e acrescenta uma explicação e

(iv) o tradutor reproduz o jogo de palavras do texto-fonte no texto da língua-alvo, sem traduzi-los, mas suprime elementos (ou a repetição de elementos) constitutivos do jogo de

⁵⁸ Tradução das estratégias por Paulo Jeferson Pilar Araújo.

palavras original (SILVA, 2015, p. 6).

Diante dos acréscimos propostos por Silva (2015), pode-se inferir que há uma necessidade de maiores reflexões a respeito da traduzibilidade dos trocadilhos e as ditas estratégias propostas por Delabastita. Nota-se também certa escassez do tema, quando comparado com outros temas, dentro dos Estudos da Tradução. Pergunta-se: que fatores regem as normas gerais da tradução e quais seriam aplicadas à tradução de jogos de palavras? Cabe pensar, no entanto, sobre a questão de como se aplicariam na tradução intermodal, ou seja, de uma LO para uma LS. Um desafio para tradutores de línguas de sinais seria, justamente o de se levar em conta a questão da cultura surda, e conseqüentemente, a do humor surdo (SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2012; SILVEIRA, 2014). É um desafio encontrar as estratégias adequadas para “traduções felizes” de trocadilhos de uma língua oral para uma língua de sinais, o que remete às palavras de Delabastita (1996, p. 135): “Em outras palavras, a única maneira de ser fiel ao texto original (isto é, à sua comicidade verbal (*verbal playfulness*)) é paradoxalmente ser infiel a ele (isto é, ao seu vocabulário e gramática).”⁵⁹

⁵⁹ Este último quesito, “ser infiel” ao original remete a uma particularidade do processo tradutório entre línguas de modalidades diferentes: os efeitos de modalidade (Cf. Cap. A tradução intermodal).

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos metodológicos tiveram desde o início da pesquisa mudanças significativas, à medida que a pesquisa foi se desenvolvendo e na realização das primeiras oficinas apenas com intuito de coletar trocadilhos na libras. A partir do momento que percebemos a particularidade da temática deste trabalho, a tradução intermodal de trocadilhos, passamos a encarar a pesquisa como um verdadeiro desafio. Relataremos um pouco desse percurso neste capítulo e descreveremos detalhadamente as etapas consolidadas.

4.1 Reflexões sobre o percurso da pesquisa

Como mencionado nos capítulos anteriores, antes do ingresso no mestrado, este tema vinha sendo desenvolvido no âmbito do LaPLOS. A partir das primeiras hipóteses surgiu a oportunidade de publicação de um capítulo de livro (Cf. nota de rodapé 32). Para o livro, adotou-se a eliciação de dados com surdos e com intérpretes de libras como método, bem como pesquisa etnográfica na busca por trocadilhos cotidianos (isso para resolver a hipótese inicial sobre a produtividade dos trocadilhos na libras, visto que não tínhamos nenhum exemplo em mãos logo no início da pesquisa).

O objetivo do capítulo de Araújo e Bentes (2016), descrito na seção 2.4, foi o de demonstrar a possibilidade de traduzir os trocadilhos de Carroll do português para a libras. Contudo, foram traduzidos apenas quatro trocadilhos, os ramos da aritmética da História da Falsa Tartaruga, como mostraremos no capítulo 5, dentre os inúmeros que a obra contém. A metodologia inicial escolhida pelos autores, eliciação de dados, consistiu em estimular a colaboradora (surda oralizada, estudante do curso de Letras-Libras Bacharelado da UFRR)⁶⁰ no intuito de testar como poderia ser realizada a tradução de alguns trocadilhos carrollianos. O que resultou numa tradução por semelhança na CM. Considerando que esta forma de tradução ou método foi apresentada de forma descontextualizada, ou seja, os autores apresentaram apenas o trecho a ser traduzido e pediram à colaboradora que traduzisse os trocadilhos ali contidos. Desse modo, os próprios autores consideram que não foi alcançado o objetivo, pois

⁶⁰ A colaboradora surda em questão é usuária da libras e da português falado e escrito. Para o português na modalidade falada ela faz uso da leitura labial.

se precisa recorrer à explicação minuciosa para tentar o riso o que numa tradução visual não cabe, exatamente por não haver tempo para explicar.

Pelo mesmo tempo, a observação participante em conversas de/com surdos em momentos informais (e formais) foi adotada. Após meses de busca sem encontrar nenhum trocadilho “genuíno”, ou seja, próprio da cultura surda produzido com recursos do léxico nativo da língua de sinais é que foi percebida a abrangência e complexidade da temática. O trabalho de Klima e Bellugi (1979) serviu como base para o desenvolvimento dos primeiros passos para a coleta.

A primeira tentativa de eliciar dados, em abril de 2016, se deu na realização de uma oficina com os surdos, em Santarém-PA⁶¹. Nessa ocasião, participaram vinte surdos e três TILS. A proposta da oficina ministrada era apresentar o projeto (desenvolvido no âmbito do LaPLOS com foco apenas na coleta de trocadilhos próprios da libras), ainda que em fase inicial e sem delimitações concretas.

A oficina se desenrolou a partir da apresentação do que são jogos de palavras e trocadilhos (nas línguas orais e de sinais). A ideia geral da oficina era levar os surdos a refletirem sobre esses fenômenos e posteriormente contribuir com a coleta de dados. Esse momento serviu para se notar a existência e produtividade dos trocadilhos na libras. Foi interessante nesse primeiro encontro ter sido questionada pelos surdos de Santarém se os trocadilhos não eram apenas gestos e se a forma de criar os sinais era “correta”, tendo em vista a discussão sobre serem os surdos os únicos capazes de criar sinais (porém essa é uma discussão sobre a qual não iremos nos ater no momento). Isso demonstra a dificuldade de tentar explicar a ideia de trocadilho a partir de uma língua oral para uma língua de sinais.

A experiência da oficina realizada com o objetivo de coletar trocadilhos para futuras análises proporcionou aos surdos participantes a compreensão desses fenômenos na libras e na língua portuguesa, além da reflexão, para que posteriormente pudessem pensar sobre sua própria fala/língua entendendo mais sobre a produção desses fenômenos no cotidiano linguístico das experiências surdas.

Com o avanço dos estudos, ficou evidente a amplitude do tema e a complexa concretização dos passos a partir somente da observação *in loco*, não sendo assim possível um trabalho com prazo determinado como este. Perceber a dimensão da temática foi um processo

⁶¹ A oficina aconteceu na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no âmbito do “Programa de Valorização da Cultura Surda”, no qual a autora deste trabalho era coordenadora. O programa fazia parte do Programa “Mais Cultura na Universidade” financiado pelo Ministério da Cultura.

demorado. Enquanto, à primeira vista, parecia ser uma simples questão de averiguar a existência de trocadilhos, como funcionavam para então iniciar o trabalho de tradução, nos deparamos com a magnitude que a temática carrega justamente por ser um assunto raramente tratado, tanto na linguística das línguas de sinais quanto nos ETILs. Assim, novos rumos foram traçados e delimitados a fim de esboçar um trabalho coerente e com um resultado positivo.

Desse modo, a metodologia acabou sendo desenhada em três passos principais, seguindo o percurso de nosso envolvimento com a temática/problemática da pesquisa:

(i) pesquisa etnográfica junto às comunidades surdas de Santarém, Boa Vista e Brasília (meados de 2015 a início de 2016 e até a finalização da pesquisa);

(ii) eliciação de dados (nas três comunidades pesquisadas); e

(iii) oficinas de tradução em conjunto (Apenas em Boa Vista, 2017).

Cada uma dessas etapas, principalmente a última, será descrita nas seções que seguem.

4.2 Pesquisa etnográfica e eliciação

Como já descrito nas seções anteriores, logo no início de nossa pesquisa de campo, de cunho etnográfico e observação participante, buscamos junto aos surdos de duas comunidades diferentes no Norte do Brasil, Santarém-PA e Boa Vista-RR, as possibilidades de existir e a produtividade de trocadilhos na libras. Tais comunidades foram selecionadas a partir das aproximações da pesquisadora que havia trabalhado nos dois lugares e por ainda manter contato direto nesses locais. A pesquisa etnográfica foi desenvolvida a partir da perspectiva de (ou)ver o Outro dentro de sua cultura e por meio do despojamento ouvintista (se é que foi possível?) tentar fazer parte (em parte) de tal cultura, esta que atravessa a nossa cultura (ouvinte) e é atravessada por muitas outras além da nossa. Nas palavras de Santos (2013):

Em suma, acreditamos, ainda que com algumas reservas, é verdade, que seja possível um fazer etnográfico a partir do desvencilhamento do caráter etnocêntrico, ao mesmo tempo em que é tarefa do pesquisador atentar para a tradução de culturas distintas da sua, mas realizando em campo uma mediação entre o nós e os outros, sendo assim possível um diálogo científico de base humanista-igualitário. (SANTOS, 2013, p.106)

Para tanto, realizamos entrevistas informais com surdos, TILs e professores da área. Porém, não tivemos um bom resultado devido ao fato de que nenhum dos entrevistados

conseguiu se lembrar de exemplos, mas todos confirmavam a existência. Assim, sempre que entrevistávamos sujeitos surdos, estes confirmavam a existência do uso de “jogos” com os sinais, porém não conseguiam lembrar-se de exemplos de forma espontânea. Sabendo que é frequente o uso, como afirmado pelos próprios surdos e TILS entrevistados, porém o não conhecimento explícito sobre sua língua, no caso dos surdos, dificultou pensar sobre o uso de tais jogos de palavras e se eles seriam possíveis nas línguas de sinais. No contato com os intérpretes entrevistados, estes também afirmavam conhecer várias “brincadeiras com os sinais”, mas também não puderam oferecer exemplos de imediato.

Outras formas de coleta de dados foram: encontros previamente marcados, sempre informais, em parques, praças e em casa de alguns surdos e na da pesquisadora, principalmente. Alguns encontros aconteciam também na universidade, porém sempre tinham caráter informal com conversas sobre o cotidiano. Outros encontros não combinados aconteciam em supermercados, shoppings e em bares. A iniciativa de “puxar uma piada” era sempre incitada por nós⁶².

Mesmo com tantos modos de aproximação de início não foi fácil comprovar a produtividade de trocadilhos na libras. Apenas com a formalização desta pesquisa em formato de projeto vinculado ao LaPLOS e a posterior aprovação no mestrado foi que esta pesquisa pôde ser desenvolvida a contento. Com a permanência em Brasília e o contato com a APADA, verificamos, a partir de então, que os surdos produziam, sim, jogos com os sinais, e que havia a possibilidade de traduzir trocadilhos literários para uma língua sinalizada. Os trocadilhos começaram a surgir assim que foi utilizada inicialmente a estratégia de eliciação de dados com os surdos. No entanto, percebemos que o uso não intencional desses recursos, produzir trocadilhos, acontecia, mas de forma inconsciente. Importante frisar que a inserção como ouvinte nas comunidades surdas onde a pesquisa etnográfica foi realizada não foi um entrave para a coleta de dados. O fato de saber a língua e ter uma convivência com a cultura surda há mais de nove anos, facilitou muito a coleta, nessas aproximações, como dito anteriormente, sempre que possível, convidava-os a conversas espontâneas, em lugares menos formais, justamente para eliciar de alguma forma a produção de humor.

O segundo método utilizado para coletar trocadilhos foi a eliciação. Em geral, eliciação é o procedimento de estimular o falante de uma língua com o intuito de testar algo. Frequentemente usado na busca por respostas de falantes de uma determinada língua não

⁶² Como mencionado nos capítulos anteriores a pesquisa também é desenvolvida no âmbito do LaPLOS, assim outros pesquisadores também colaboraram na coleta de dados.

muito conhecida. Na libras, está sendo usada como método para obter respostas de sinalizantes (surdos) devido ao pouco estudo de alguns fenômenos raramente pesquisados (como o caso dos trocadilhos). Encontramos um exemplo de seu uso no trabalho de Teixeira e Cequeira (2016). As autoras fazem um estudo de casos com surdos filhos de pais ouvintes residentes no interior do Amazonas por meio de testes apresentando figuras para evocar enunciados (em libras). Porém, o trabalho não “nomeia” eliciação como um método, e sim como um termo usado para dizer que houve uma “provocação” ao falante no intuito de que este produzisse uma resposta (hipoteticamente almejada). O trabalho assim chama de “técnica de nomeação espontânea, que consiste em fazer o sujeito evocar espontaneamente, porém de forma controlada, os sinais sugeridos por imagens que lhe serão apresentadas” (TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2016, p. 12). Dessa maneira, entendemos eliciação como ação de eliciar, de lançar algo para receber, de incitar uma resposta. Utilizamos-nos deste recurso para “provocar” e “experimentar” repetidamente a produção de um trocadilho às vezes dando “suporte teórico sobre o contexto”, outras vezes apenas estimulando o sinalizante, na tentativa de criação de um jogo com determinados sinais.

4. 3 Sujeitos e locais da pesquisa

Na primeira etapa da pesquisa, etnográfica, os sujeitos foram sinalizantes surdos e ouvintes de diferentes regiões do país, a saber: Santarém-PA, Boa Vista-RR e Brasília-DF, onde a pesquisadora teve a chance de ter contato com a comunidade surda local, com os TILS e professores que atuam diretamente com surdos.

Em Santarém-PA, primeiro lugar onde foi realizada a oficina de trocadilhos, em 2016, passo inicial necessário para pensar questões pertinentes na realização das etapas seguintes. O contato, mesmo que pouco, principalmente, com os professores da APADA, em Brasília-DF, deu a ordem sobre a existência de brincadeiras sinalizadas. Além do contato com intérpretes de libras da UnB, o que também foi essencial na “captura” de brincadeiras com os sinais de forma mais espontâneas (e eliciadas). Em Boa Vista-RR foi onde aconteceu a maior parte da primeira etapa da pesquisa etnográfica e a realização das oficinas de tradução.

Na oficina de tradução, os sujeitos foram, prioritariamente, aqueles com “manifesto interesse linguístico” (RÓNAI, 1981, p. 95). Desse modo, foram convidados tradutores/intérpretes de libras/português, porém com níveis e formação diferenciados (ver quadro 4). Foram contemplados, assim, tanto surdos como ouvintes. A autora também

participou como sujeito autor, atuando como tradutora, observadora e mediadora do processo de tradução.

De modo geral, participaram da pesquisa alunos (surdos e ouvintes) do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR, professores do mesmo Curso (surdos e ouvintes) e tradutores intérpretes de libras/português de outras Instituições que se disponibilizaram a colaborar com os exaustivos momentos da pesquisa. Em síntese, participaram quatro surdos e cinco ouvintes. Nos últimos encontros, os três últimos colaboradores (discentes ouvintes do curso Letras-Libras) desistiram de participar⁶³, ficando apenas os surdos (um professor e três alunos) e um tradutor/intérprete de libras, ou seja, quatro surdos e dois ouvintes conforme quadro abaixo mostra:

Quadro 4 – Colaboradores da oficina de tradução em conjunto

Colaboradores		Perfil (Formação/Atuação)
01	Ouvinte	Estudou bacharelado em tradução/interpretação libras/português pela UFSC, é professor de tradução/interpretação no curso Letras-Libras Bacharelado. Ministra, principalmente, as disciplinas de ET e EI, Laboratório de Tradução e proponente da disciplina Tradução e Tecnologia.
02	Surdo	Estudou até o Ensino Médio. Participa a convite de professores em eventos do curso Letras-Libras com apresentações culturais, principalmente contação de piadas.
03	Surdo	Fez graduação em Letras/Inglês pelo centro universitário UniSEB, é professor de Linguística da Libras no Curso Letras Libras Bacharelado e ministra disciplinas de Libras, laboratório de tradução e linguística da Libras.
04	Surda	Graduanda do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR, tem iniciado sua pesquisa de TCC sobre tradução de piadas da Libras para o Português.
05	Surdo	Graduando do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR com interesse de pesquisa sobre os aspectos da cultura surda.
06	Ouvinte	Graduanda do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR e Tradutora/Intérprete de Libras no ensino médio.
07	Ouvinte	Graduanda do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR, trabalha no setor de educação especial do município como apoio escolar de aluno surdo no ensino fundamental.
08	Ouvinte	Graduanda do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR, com interesse de pesquisa sobre o parâmetro movimento em empréstimos e trocadilhos, foi monitora da disciplina fonética e fonologia da libras. Ministrou um minicurso sobre “Fenômenos de contato entre línguas de sinais”. Trabalha no setor de educação especial do município como apoio escolar de aluno surdo no ensino fundamental.
09	Ouvinte	Graduanda do curso Letras-Libras Bacharelado da UFRR, ministrou um minicurso sobre “Fenômenos de contato entre línguas de sinais”.

Fonte: Elaboração própria

⁶³ Os motivos foram, principalmente, por não conseguirem acompanhar as muitas leituras e pelos exaustivos momentos de “criação”. Alguns alegaram que não “davam conta” e seria melhor ficar a cargo dos surdos essa função.

Consideramos relevante destacar no quadro acima a dualidade surdo-ouvinte apenas para marcar a diferença em relação à perspectiva cultural.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa, conforme já mencionado, foi realizada através de três procedimentos principais: pesquisa etnográfica, eliciação de dados e oficinas de tradução em conjunto. A primeira etapa, iniciada em 2015, no âmbito do LaPLOS, foi a base para que pudéssemos elaborar algumas hipóteses e verificar a existência e produtividade de trocadilhos na libras (Cf. seção 5.3). A coleta exaustiva de trocadilhos na pesquisa etnográfica se mostrou frutífera, mas muito demorada, por nem sempre podermos registrar o jogo de sinais produzido espontaneamente pelos surdos e a eliciação não ter atingido um resultado significativo.

O método de eliciação foi o recurso utilizado no trabalho de Araújo e Bentes (2016). Cabe ressaltar que este foi considerado o procedimento mais adequado para o momento inicial da pesquisa. De qualquer modo, o recurso de eliciação foi bastante útil. Sempre que lembrávamos o modo como um trocadilho foi produzido espontaneamente, solicitávamos a colegas surdos para repeti-los e perguntávamos se aceitavam tal trocadilho como natural na libras e se o mesmo provocaria o riso para um surdo.

Após a confirmação/verificação da produtividade de jogos de sinais na libras e a coleta de trocadilhos em pesquisa etnográfica, seguimos à etapa das oficinas de tradução. Esta etapa foi organizada da seguinte forma:

- i. Organização do material a ser utilizado
- ii. Convites aos colaboradores
- iii. Organização do espaço e realização das oficinas
- iv. Questionário de perfil e percepção das oficinas pelos colaboradores (Apêndices B e C)
- v. Análise dos vídeos/registros

No passo em (i), descrito nas seções que seguem, os materiais selecionados foram construídos com o objetivo de análise dos dados e leitura de *Alice*. Para isso, foram utilizados: (a) a versão leitura fácil do Projeto ABP (Cf. seção 1.3.3), (b) o desenho animado (versão da Wall Disney⁶⁴) e os recortes dos trocadilhos, além da versão de Tim Burton⁶⁵ para o cinema (sugerido pelos colaboradores surdos). No passo (ii), foram convidados, prioritariamente,

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tJduNNuOuyE>. Acesso em: dez. de 2017.

⁶⁵ Os próprios colaboradores buscaram a disponibilidade do filme em canais do *youtube*.

tradutores surdos e ouvintes, porém muitos não compareceram por razões diversas⁶⁶. Em (iii), os encontros foram planejados de acordo com a disponibilidade dos colaboradores. Para o registro foi utilizada Câmera Filmadora (Sony Handycam Dcr-sx21 Standard Definition Lcd2.7); O questionário, em (iv), foi dividido em duas partes: a primeira para o perfil dos participantes, e a outra sobre a percepção deles enquanto participantes nas oficinas. Os dois questionários foram traduzidos para a libras, porém ficava a critério de cada colaborador responder em libras (em vídeo) ou por escrito (em português). Por fim, no passo em (v), o registro em vídeo serviu prioritariamente para as análises propriamente ditas e para a categorização dos trocadilhos, além de poder rever, sempre que fosse preciso, algum trocadilho que porventura não tivéssemos notado.

4.4.1 Tradução em Conjunto - Oficinas de Tradução

Ramos (2000), desde sua dissertação de mestrado, cunha o termo “Tradução em Conjunto” para designar a metodologia adotada, que consistia em traduzir *Alice* com a colaboração de surdos. Tal método foi embasado no “método a quatro mãos” muito utilizado por Paulo Rónai (1981), para traduzir. Nas palavras de Rónai, por exemplo: para traduzir “um conto Japonês, pedir-se-ia a um natural do Japão estabelecido no Brasil que o traduzisse, oralmente ou por escrito, ainda que de forma rudimentar, para o português, e submeter-se-ia depois essa versão a uma revisão cuidadosa, de pretensões artísticas” (1965, p. 95). Ramos foi uma das primeiras pesquisadoras a tratar sobre a tradução para a libras com auxílio de surdos como colaboradores efetivos e protagonistas na tradução. Na época, nos estudos da tradução no Brasil, voltados ao par bimodal português-libras ainda era recente, não havia tantas referências de análise e metodologias, sendo seu trabalho pioneiro em relação à tradução intermodal.

Tomando por base a mesma metodologia adotada por Ramos (2000), iniciamos a preparação dos materiais a serem usados pensando na possibilidade de entendimento da obra que traz inúmeros enigmas linguísticos a serem decifrados por cada leitor e desafio para o tradutor. O recorte das diversas traduções serviu não somente como base, mas também como momento de estudo e análise da obra, dos enigmas, dos problemas e das soluções encontradas. Para o registro das oficinas foi necessário improvisar um pequeno estúdio, calculando a

⁶⁶ Entre as razões está o fato de não haver disponibilidade de tempo e interesse pela pesquisa.

melhor organização dos sinalizantes para que não se perdesse muito das “conversas”. Os vídeos/registros foram extremamente necessários para a análise posterior, percebendo com mais cautela o processo como um todo, revisar algo perdido e captar as sutilezas dos movimentos tendo em vista a multidimensionalidade da libras.

No primeiro encontro foi apresentado o projeto de pesquisa, a definição do que são trocadilhos e as possibilidades em libras, e os caminhos metodológicos percorridos até então. Em seguida, a leitura de *Alice*. Para isso, a tradução do Projeto ABP foi utilizada. Como é uma versão leitura fácil e não possuía os jogos de sinais necessários ao entendimento deste trabalho foi necessário ver mais duas versões: para o desenho animado e para o cinema (busca individual) que também não contemplavam os jogos de palavras e trocadilhos.

No encontro seguinte, retomamos as reflexões sobre a obra, o contexto histórico em que o livro foi escrito, e o *nonsense*. Depois disso, foram analisadas as traduções dos trocadilhos do inglês para o português, não para dizer qual era a “melhor” tradução, mas para identificar os mecanismos que cada tradutor utilizou para traduzir os trocadilhos para o português. Observamos, por exemplo, as diferentes estratégias usadas, pois enquanto alguns tradutores usam o contexto da Tartaruga com o fundo do mar para “trocadilhar”, outros aderem apenas ao exagero.

Após a leitura e observação dos aspectos e mecanismos usados por diversos tradutores, começamos a “pensar” em cada trocadilho. Para apenas um trocadilho, eram horas a fio, pois tínhamos que rever o conceito original (tentar compreender o que Carroll queria ou parecia querer), ver a tradução de Uchôa Leite (1980) e consultar as demais traduções selecionadas para assim, talvez, ter um *insight*. Começando por selecionar dentro do léxico da libras sinais que se aproximavam aos sentidos, as primeiras sugestões foram a partir da descrição imagética (CAMPELLO, 2008) do sentido imbricado no trocadilho.

4.4.2 O corpus da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é composto por nove gravações das oficinas, totalizando cerca de 18 horas. Além dessas gravações, foram coletados em trabalho de eliciação ou em interação espontânea com surdos e TILS (participantes da oficina e em outros contextos) diversos exemplos de jogos de sinais. Assim, o *corpus* está subdividido em dois: um primeiro com os trocadilhos de interesse mais direto para esta pesquisa, ou seja, as traduções dos

trocadilhos de *Alice*, mais especificamente o trecho do Cap. 9 “A história da Falsa Tartaruga”. A segunda parte do *corpus* são jogos de sinais não relacionados diretamente com a tradução dos trocadilhos de *Alice*, mas que têm servido como base para pensarmos a tradução dos trocadilhos literários⁶⁷.

Fazem parte ainda do *corpus*, como material de apoio, entrevistas com surdos e TILS sobre o processo tradutório dos trocadilhos literários. Outro material de apoio são as traduções de *Alice* para o português consultadas (descritas nas seções 2.2). Essas mesmas traduções foram utilizadas nas oficinas de tradução em conjunto.

4.5 Procedimentos de análise dos dados: tradução comentada

A coleta exaustiva de trocadilhos serviu, como mencionado nas seções anteriores, para confirmar as hipóteses iniciais de produção desses fenômenos na libras. Com a realização das oficinas foi possível realizar uma análise do processo tradutório de forma mais detalhada. Percebemos que até o momento o nosso trabalho tem sido muito mais laboral, de coleta de dados, de eliciação, etc. Para o trabalho teórico, temos feito um caminho que acreditamos ser mais adequado para a temática, a de partir dos dados, dos jogos de sinais e trocadilhos, para as teorias que se ocupam ou se aproximam desta temática. Mesmo encarando essa tarefa, tentamos verificar quais propostas teóricas poderiam auxiliar mais adequadamente com a análise dos dados obtidos.

Os três momentos, distintos, de coleta dos dados (etnográfico, eliciação e oficinas de tradução) requerem formas diferentes de apresentação, para uma melhor visualização e análise. No primeiro momento temos a pesquisa etnográfica com a coleta, por observação *in loco*, e a eliciação dos jogos de palavras e trocadilhos. Com os dados das oficinas de tradução, com a manipulação dos dados propriamente ditos, da proposta de tradução, optamos por fazer via tradução comentada a descrição do processo de tradução. A descrição de cada item contém uma tabela com a glosa do trocadilho em português e abaixo apresentação da imagem (do sinal) seguida da descrição do sinal. A tabela ainda contém o trecho em inglês (original), a tradução de Leite (para o português) e a proposta de tradução para a libras, com os trocadilhos em caixa alta e negrito. Era comum nessa etapa, ao mesmo tempo em que traduzíamos o

⁶⁷ Vale mencionar que esse segundo tipo de jogos de sinais tem sido utilizado em pesquisas vinculadas ao LaPLOS e na produção de artigos científicos (ARAÚJO; BENTES, 2017; ARAÚJO; BENTES, Manuscrito), além de um livro em elaboração com o título preliminar “Jogando com os sinais: humor e cultura surda”, dos mesmos autores referendados nesta nota.

trocadilho para a libras, este recebia uma tradução para o português resultando numa “nova tradução”, em outras palavras, um trocadilho sobre trocadilho, como se verá no Capítulo 5.

Quanto à descrição pela tradução comentada, recorreremos às delimitações existentes até o momento. Williams e Chesterman (2002) classificam “tradução comentada e anotada”⁶⁸ como gênero textual. Segundo os autores uma tradução comentada (ou anotada) corresponde a uma forma de tradução onde o tradutor produz uma tradução comentando sobre o processo, “isto é, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada” (ZAVAGLIA, 2015, p. 2). Devido à incipiência do gênero que ainda requer maiores estudos para conseguir responder às diversas lacunas existentes, pouco se tem falado mesmo sendo muito utilizado em pesquisas na área dos Estudos da Tradução. Teses e dissertação com esse gênero têm ganhado grande “favoritismo”, tendo em vista que contempla além da tradução, propriamente dita, evidências do todo ou parte do processo. A invisibilidade do tradutor pode ser amenizada nesse caso? Quais evidências do processo de tradução devem ser descritas? Como organizar estilisticamente os comentários? No contexto dos trabalhos acadêmicos (teses e dissertações), isso compele complexidades ainda maiores (ou não), pois segundo Zavaglia (2015) os comentários não se limitam unicamente à “parte” propriamente dita tradução, mas

É possível observar que cada capítulo de cada dissertação participa dessa designação, já que cada parte, seja ela contextual (aspectos biográficos, estilísticos, históricos, científicos etc.), teórica (fundamentos para as estratégias adotadas etc.) ou crítica (tradução, análises da tradução etc.) explica, analisa, complementa por justificativas, abordagens, acréscimos a relação entre a prática acadêmica da tradução comentada e as bases teóricas possíveis que a fundamentam. Desse modo, tanto a tradução comentada de um clássico da medicina, ou mais especificamente, da fisiologia, quanto a de uma obra literária contemporânea seriam a integração, no contexto acadêmico, de toda a pesquisa realizada sobre a vida e a obra do autor, sobre questões teóricas terminológicas ou estilísticas e de tradução, que resultariam no texto traduzido acompanhado de glosas específicas, seja na forma de notas ou apontamentos (ZAVAGLIA, 2015, p. 18).

Nesse sentido, esta pesquisa buscou descrever a tradução dos trocadilhos com base nesses termos. Os comentários são oriundos tanto do processo de tradução durante as oficinas em conjunto, como também das leituras dos surdos sobre suas realidades. A tradução comentada é para Zavaglia (2015) mais que apenas comentários sobre o processo, é também uma tradução com “função, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um

⁶⁸ No original: *translation with commentary e annotated translation*.

processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos” (ZAVAGLIA, 2015, p. 349).

5 ALICE NO PAÍS DOS SINAIS

Aqui apresentaremos os resultados da tradução dos trocadilhos selecionados do capítulo “A História da Falsa Tartaruga”, traduzidos em conjunto com surdos e ouvintes. No trecho selecionado (LEITE, 1980, p. 107-110) ocorrem alguns dos trocadilhos mais conhecidos da obra.

Dessa maneira, na próxima subseção (5.1), apresentamos os resultados obtidos. Primeiramente, apresentamos de forma comparativa os trocadilhos traduzidos para os ramos da aritmética realizados em seções de eliciação por Araújo e Bentes (2016) e depois aqueles produzidos nas oficinas de tradução em conjunto (5.1.1). Na subseção seguinte (5.1.2), oferecemos a tradução dos demais trocadilhos da história da Falsa Tartaruga e, por fim, algumas considerações a respeito do processo de tradução (5.2), para então delinear as perspectivas de investigações futuras (5.3).

5.1 A Falsa Tartaruga em tradução intermodal

Os exemplos abaixo elucidam os resultados alcançados. Ressalta-se que nem todos os trocadilhos do capítulo selecionado foram traduzidos. A complexidade na compreensão dos trocadilhos por parte do grupo de surdos (e dos ouvintes) foi o maior problema encontrado.

Durante as oficinas, foram traduzidos apenas alguns dos trocadilhos que foram de mais fácil compreensão por todos. Os trocadilhos de contextos mais “exatos”, como aqueles sobre a escola do fundo do mar, ficaram mais acessíveis aos surdos na leitura individual. Vale lembrar que uma das propostas deste trabalho é o de demonstrar as possibilidades de tradução dos trocadilhos ou jogos de sinais de *Alice* com o intuito de abrir caminhos em outras propostas de tradução. Contudo, percebemos com o decorrer da investigação que um trabalho de tradução de toda a obra seria, talvez, inalcançável para um projeto de mestrado. Foi preciso pensar um projeto inicial sem deixar de considerar o todo (público alvo, intenção ideológica dos sujeitos envolvidos, produto final, entre outros fatores). Partimos dos questionamentos e principalmente das “omissões” das traduções de *Alice* realizadas até então (demonstradas no Cap. 2).

Assim, apresentamos abaixo alguns dos trocadilhos do capítulo IX de *Alice* e um pouco das tomadas de decisões enquanto tradução em conjunto. Cabe ainda dizer que a descrição de cada trocadilho será apresentada ora como tradutora ora como observadora e mediadora da tradução.

5.1.1 Os ramos da Aritmética entre a eliciação e a tradução em conjunto

Como já foi mencionado, o trabalho de Araújo e Bentes (2016) foi um dos primeiros a propor tradução de trocadilhos de *Alice* para uma língua de sinais⁶⁹. Quatro trocadilhos de *Alice*, os ramos da Aritmética como mostra o exemplo do quadro 5, foram traduzidos com o auxílio de uma colaboradora surda.

Quadro 5 – Excerto de Alice: os ramos da aritmética

Carroll (1866, p. 143)	Leite (1980, p. 109)
<p>“I couldn’t afford to learn it”, said the Mock Turtle with a sigh. “I only took the regular course.”</p> <p>“What was that?” enquired Alice.</p> <p>“Reeling and Writhing, of course, to begin with,” the Mock Turtle replied: “and then the different branches of Arithmetic Ambition, Distraction, Uglification, and Derision.”</p>	<p>- Eu não tinha recursos pra pagar esses cursos extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro.</p> <p>– Contentava-me com os cursos regulares.</p> <p>- E quais eram? - inquiriu Alice.</p> <p>- As Belas Tretas e o bom Estrilo, pra começar, é claro – replicou a Falsa Tartaruga – e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Murchificação e Derrisão.”</p>

Fonte: Elaboração própria

Araújo e Bentes (2016) apresentaram a tradução dos ramos da aritmética feita por Leite (1980) e solicitaram à colaboradora surda que procurasse sinais que pudessem substituir os trocadilhos em português. Desse modo, a estratégia usada pela colaboradora foi a semelhança no parâmetro CM. A tradução realizada aconteceu unicamente à associação do parâmetro CM entre os pares de sinais e remetem apenas à visualidade (superfície) do sinal, não fazendo parte, necessariamente, do mesmo campo semântico. Os trocadilhos são os

⁶⁹ Ramos (2000) atesta que também trabalhou com possíveis traduções dos trocadilhos carrollianos, mas não os incluiu na sua tradução de *Alice* para a libras por não considera-los naturais. Tentamos entrar em contato com a autora e solicitamos por e-mail a disponibilização dos trocadilhos que foram propostos pela sua colaboradora surda, mas infelizmente não obtivemos retorno.

seguintes, os quais correspondem às Figuras 41-48, a seguir:

Quadro 6 – Comparativo dos trocadilhos em Carroll, Leite e Araújo e Bentes

Carroll (1866)	Leite (1980)	Araújo e Bentes (2016)
Ambition	Ambição	INANIÇÃO
Distraction	Distração	PESQUISAR
Uglification	Murchificação	NUNCA MAIS
Derision	Derrisão	PROBLEMAS

Fonte: Adaptado de Araújo e Bentes (2016)

Figura 41 – Sinal de ADIÇÃO



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 42 – Sinal de INANIÇÃO



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 43 – Sinal de SUBTRAÇÃO



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 44 – Sinal de PESQUISAR



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 45 – Sinal de MULTIPLICAÇÃO



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 46 – Sinal de NUNCA^MAIS



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 47 – Sinal de DIVISÃO



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Figura 48 – Sinal de PROBLEMAS



Fonte: Araújo e Bentes (2016)

Nessa primeira tentativa de tradução dos trocadilhos dos ramos da aritmética da história da Falsa Tartaruga, Araújo e Bentes (2016) fazem as seguintes explicações para as escolhas efetuadas nas sessões de eliciação: para o sinal INANIÇÃO (Figura 42) corresponde o fato de o sujeito ter muita fome. Este sinal é usado apenas quando se tem “muita mais muita fome mesmo”, o sentido de “adicionar fome” foi usado como recurso para o riso. PESQUISAR (Figura 44) corresponde, segundo relato da colaboradora surda, que ao pesquisar/procurar algo é porque foi diminuído ou subtraído. Por exemplo, se pesquisar antes de comprar alguma coisa com certeza encontra valores menores e diminui a conta. O sinal para NUNCA MAIS (Figura 46) corresponde ao sentido de quanto mais se multiplica os problemas mais eles aparecem, assim nunca mais multiplicar nada. O sinal PROBLEMAS (Figura 48) diz respeito ao fato de que dividir algo sempre causa problemas, como por exemplo, dividir bens de família (ARAÚJO; BENTES, 2016, p. 351-352).

Uma questão importante tratada na tentativa de tradução por Araújo e Bentes (2016) é o fato de ser realizada por dados eliciados com uma única colaboradora sem a apresentação da obra como um todo. Os autores não conseguiram alcançar o objetivo do texto de partida, mas inauguraram uma possibilidade de tradução por semelhança na configuração do sinal. Sabendo que, para futuras traduções, essa estratégia não retrata a comicidade do texto de partida, os próprios autores consideraram que algo faltava e que isso seria devido à questão cultural das comunidades surdas onde o riso provém de imagens icônicas (SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2012). Também advertem que os dados eliciados não conseguem captar a “naturalidade” de uma conversa espontânea (ARAÚJO; BENTES, 2016, p. 352):

Sem dúvida, os sinais das Figuras 4 a 7 [aqui reproduzidos em 41 a 48] poderiam ser considerados trocadilhos devido às estratégias formais de

mudança de um sinal para outro e pela ambiguidade encontrada entre eles (PARTINGTON 2009-1795). No entanto, como Ramos (2000, p. 129-130) afirma, a tradução de trocadilhos para línguas de sinais nem sempre se adequa completamente porque pode parecer que alguma coisa está faltando. Em particular, aspectos culturais podem ser perdidos na tradução. Comunidades surdas têm suas características próprias ao redor do mundo, considerando que os surdos vivem em um mundo silencioso com perspectivas compartilhadas sobre o mundo ouvinte.⁷⁰ (Acréscimos nossos)

Como se vê, a colaboradora utilizou como estratégia principal a semelhança de sinais, principalmente, no parâmetro configuração de mãos. A igualdade do parâmetro criou uma certa ambiguidade, produzindo outro sentido não notado visualmente. Os mesmos trocadilhos foram traduzidos novamente nesta pesquisa, nas oficinas de tradução em conjunto, produzindo resultados diferentes. Dessa vez, com a colaboração de mais sujeitos surdos e TILS (surdos e ouvintes), a tradução trilha um caminho diferente traçado por Araújo e Bentes (2016). Abandona-se a ideia lógico-matemático, sentido que remete ao real do original de Carroll, e tenta-se criar um “clima nonsense”, onde não se segue uma regra de sentidos e subverte-se uma situação corriqueira. Enquanto que os trocadilhos recolhidos em sessões de eliciação por Araújo e Bentes (2016) foram baseados em semelhanças estruturais, nas oficinas de tradução questões da cultura surda foi o ponto de partida (Cf. subseção 1.1.1), o que resultou nos trocadilhos abaixo para os ramos da aritmética:

Quadro 7 – Tradução para a libras dos quatro ramos da aritmética

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficina de Tradução em conjunto
Ambition	Ambição	ESTICAÇÃO
Distraction	Distração	DIMINUIÇÃO
Uglification	Murchificação	COLAÇÃO
Derision	Derrisão	EMBROMAÇÃO

Fonte: Elaboração própria

Diferentemente de um primeiro momento da tradução via eliciação, os trocadilhos agora remetem à perspectiva que os colaboradores tiveram ao compreenderem o contexto da história da Falsa Tartaruga: o ambiente escolar. Vejamos cada um dos quatro ramos da

⁷⁰ No original: “Undoubtedly, the signs in Figures 4 to 7 could be considered puns due to the formal strategy of changing one sign into another and the ambiguity found between them (PARTINGTON 2009: 1795). However, as Ramos (2000, p. 129-130) asserts, pun translations into sign languages do not always fit in completely because it can appear as if something is missing. In particular, cultural aspects can get lost in translation. Deaf Communities have their own characteristics all over the world since Deaf people live in a silent world with a shared perspective about the hearing world.”

aritmética:

Figura 49 – Sinadilho⁷¹ de ESTICAÇÃO



Fonte: A autora

Realizado com as duas mãos simulando puxar a língua exageradamente para fora da boca. Na Figura 49 acima, o grupo propôs o sinal de esticação da língua, ESTICAÇÃO, tomando um sentido não convencional na libras, referindo-se à ideia do Oralismo onde os métodos para aprender a falar eram absurdos, muitas vezes os surdos eram obrigados a repetir centenas de vezes a mesma palavra (Cf. subseção 1.2.1). O sinal em questão não faz parte do léxico consolidado da libras.

O segundo sinadilho criado foi DIMINUIÇÃO:

Figura 50 – Sinadilho de DIMINUIÇÃO (INFERIORIDADE)



Fonte: A autora

Realizado a partir da mão ativa com indicador estendido tocando o dedo mínimo da

⁷¹ Para o título das figuras, nominaremos sinadilhos apenas os que foram criados durante as oficinas, os sinais já existentes usaremos apenas “sinais” para não confundir, porém, estes também são considerados sinadilhos por possuírem ambiguidade e comicidade.

mão passiva aberta. Este sinal é, geralmente, traduzido para o português como inferioridade. Muito usado para zombar de alguém quando não faz algo correto, indicando que a pessoa tem um “QI” inferior. É um sinal existente/gramaticalizado na língua.

O terceiro sinadilho, para murchificação foi:

Figura 51 – Sinadilho de COLAÇÃO



Fonte: A autora

Feito com dedo médio e polegar que se tocam repetidamente próximo dos olhos. Com o sentido de “colar a matéria”. O sinal de COLA (objeto) é feito no ponto de articulação do sinal CURIOSIDADE. Como o sinal de curiosidade (feito com CM em “C”), dentro da cultura surda, já carrega o sentido de “copiar a matéria”, a brincadeira desse trocadilho reside exatamente em utilizar o sinal COLA (objeto) no ponto de articulação de CURIOSIDADE para dar sentido literal de colar matéria da escola⁷².

Por fim, o quarto sinadilho criado foi o seguinte:

Figura 52 – Sinadilho de EMBROMAÇÃO



Fonte: A autora

⁷² Em algumas regiões do país o sinal para cola é usado com sentido de “colar a matéria” (sem mudança de nenhum parâmetro), porém a diferença com este sinadilho ocorre exatamente porque é feito no P.A. de outro sinal, (o sinal de CURIOSIDADE). Para melhor visualização dos sinais CURIOSIDADE e COLAR sugerimos acessar o dicionário online de libras (citado na página 80, nota 48). Acesso em Mai. De 2018.

Dedos indicadores unidos formando uma espécie de cruz a frente da boca com movimento para frente ao mesmo tempo em que movimenta a língua para cima e para baixo. O sinal EMBROMAÇÃO também remete ao período do Oralismo. Usado quando uma pessoa “fala muito”, fala “abobrinhas” ou o mesmo que dizer: “tá falando grego” ou ainda para demonstrar desinteresse no que a pessoa está falando e que não está entendendo. Esse sinal também é consolidado no léxico da libras.

Com esses primeiros trocadilhos traduzidos para os ramos da aritmética, percebemos que um possível caminho para a tradução dos trocadilhos carrollianos, pelo menos aqueles da história da Falsa Tartaruga, seria via adaptação à cultura surda. Como o assunto era a escola do fundo mar, os surdos logo remeteram à sua história e ao sofrimento imposto pelo Oralismo e os métodos de ensino da “fala”.

Na primeira tentativa de tradução feita por Araújo e Bentes (2016), via eliciação, os sinais propostos como sinadilhos para os ramos da aritmética tinham alguma relação com o sentido original da matemática, a partir da semelhança de CM com os sinais equivalentes para as traduções de Leite (1980). O resultado dessa tentativa de traduzir com a substituição de parâmetros causou em certa medida uma incompreensão para os surdos⁷³. Os sentidos atribuídos para cada sinadilho não ficaram claros, necessitando recorrer à explicação minuciosa para o entendimento (Vide explicação dada por Araújo e Bentes para os quatro sinadilhos criados). Acreditamos que a segunda tradução é mais favorável ao entendimento visual e imediato para os surdos justamente por estar relacionado à sua cultura e à história da educação voltada para eles mesmos, tornando uma história da escola do fundo do mar, da Falsa Tartaruga, mais próxima da realidade dos sujeitos surdos.

Vejamos um quadro comparativo dos dois resultados, o da eliciação, de Araújo e Bentes (2016) e o das oficinas de tradução em conjunto:

Quadro 8 – Comparativo dos ramos da aritmética Araújo e Bentes e Oficinas de tradução

Leite (1980)	Araújo e Bentes (2016)	Oficinas de tradução em conjunto
Ambição	INANIÇÃO	ESTICAÇÃO
Distração	PESQUISAR	DIMINUIÇÃO
Murchificação	NUNCA-MAIS	COLAÇÃO
Derrisão	PROBLEMA	EMBROMAÇÃO

Fonte: Elaboração própria

O campo semântico dos sinadilhos das oficinas de tradução remete sempre à história

⁷³ A proposta de tradução de trocadilhos de Araújo e Bentes (2016) foi apresentada durante as oficinas de tradução em conjunto.

da educação dos surdos, enfatizando o período do Oralismo ou da Comunicação Total. Esses sinadilhos são realizados de modo irônico, produzindo o humor para quem acompanha a contação da história da Falsa Tartaruga em libras. Por outro lado, observamos que a proposta de trocadilhos de Araújo e Bentes (2016) se assemelha apenas à semelhança da CM, diferenciando-se com as MNM dos sinais pensados para funcionar como trocadilhos dos ramos da aritmética. Talvez o grande equívoco dos autores supracitados tenha sido a descontextualização no momento de propor os trocadilhos do português para a libras, focalizando apenas a tradução dos trocadilhos pelos trocadilhos em sinais, deixando de lado o contexto cultural, apesar de os autores terem atentado para esse fator primordial na tradução intermodal. Seguindo nessa mesma linha de desenvolvimento, os demais trocadilhos da história da Falsa Tartaruga foram pensados durante as oficinas de tradução em conjunto na mesma direção ou pano de fundo: a chamada escola in(ex)clusiva. Com isso, os demais trocadilhos do trecho selecionado da obra seguem com a mesma motivação.

5.1.2 A escola in(ex)clusiva da Falsa Tartaruga

Após decidir pela história da Falsa Tartaruga e a escolha do contexto da escola do fundo do mar, os sinadilhos propostos continuaram tendo relação com a história da educação dos surdos. A escola “inclusiva”, frequentada por alguns participantes surdos, foi o espaço ideal para a realização das brincadeiras com os sinais, tanto que um sinadilho criado para denominar a escola do fundo do mar foi justamente para a chamada escola inclusiva, tornando-se escola IN(EX)CLUSIVA, conforme se vê abaixo:

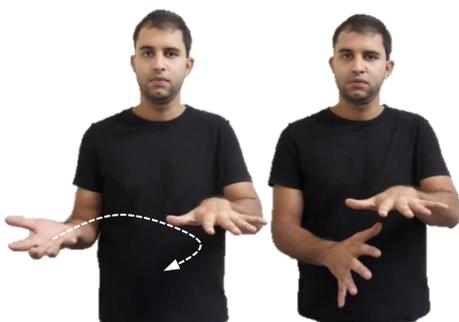
Quadro 9 – Trecho com sinadilho (Escola) IN(EX)CLUSIVA⁷⁴

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de tradução em conjunto
<i>“When we were little,” the Mock Turtle went on at last, more calmly, though still sobbing a little now and then, “we went to school in the sea.</i>	- Quando éramos pequenos – continuou, por fim, a Falsa Tartaruga, mais serena, embora soluçando um pouco de vez em quando, - frequentávamos uma escola no mar.	A Falsa Tartaruga, serena e soluçando de vez em enquanto, disse – quando éramos pequenos, frequentávamos uma escola IN(EX)CLUSIVA.

Fonte: Elaboração própria

⁷⁴ A partir daqui, tentaremos oferecer a versão original em inglês e a tradução dos trocadilhos (os sinadilhos em CAIXA ALTA) com a contextualização do trecho da obra em português (LEITE, 1980), apresentando o trocadilho em **negrito**.

Figura 53 – Sinadilho de IN(EX)CLUSÃO



Fonte: A autora

O trocadilho acima usa a base do sinal INCLUSÃO⁷⁵ para criar o jogo de colocar para dentro (e abaixo) da escola os surdos. Ou ainda “jogá-los para dentro”. O sinal já era usado por alguns surdos quando se referiam à escola inclusiva.

A tradução para o nome do professor da Falsa Tartaruga recebeu um sinadilho particular:

Quadro 10 – Trecho comparativo dos sinadilho TATATARTARUGA

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
“(...) <i>The máster was an old Turtle – we used to call him Tortoise</i> ”	A professora era uma velha tartaruga... e nós a chamávamos de Torturuga... Mas por que a chamavam assim, se ela era uma Tarataruga? Perguntou Alice. - Nós a chamávamos de Torturuga porque aprender com ela era uma tortura – respondeu irritada a Falsa Tartaruga. - Na verdade você é bem obtusa, heim?	A professora era uma velha tartaruga, mas nós a “chamávamos” (sinal de PROVOCAR) de [TATATARTARUGA] Mas porque vocês a “chamavam” assim? Porque ela nos [atirava um monte de palavras] (fazer o saindo da boca) que não entendíamos nada. Respondeu irritada a falsa tartaruga. Você é BOBA VERDADE É? Devia ter vergonha fazer pergunta FÁCIL/BOBA “AFF” - Acrescentou o Grifo. E ambos ficaram calados, olhando Alice. Que teve vontade de enfiar-se chão adentro.

Fonte: Elaboração própria

⁷⁵ Existem outros sinais para inclusão. O sinal utilizado está registrado no dicionário online da libras (citado na página 68, nota 46), fato interessante é o exemplo dado pelo dicionário para explicar contextualmente o sinal, “O governo acha que a inclusão é importante, mas os surdos não a querem”, isto corrobora mais ainda a visão da escola inclusiva atribuída na tradução.

Figura 54 – Sinadilho de TATATARTARUGA



Fonte: A autora

Na leitura, os colaboradores surdos entenderam que Tartaruga já era um trocadilho, pois na cultura surda a metáfora é muito usada quando querem “brincar” com alguém lento e/ou lerdo. Foi preciso explicar/exemplificar melhor para que entendessem o jogo feito por Uchôa Leite entre tartaruga e tortura resultando em Torturuga. Nesse sinadilho, o sentido de “ensino à bala” da oralização é realizado imagetivamente. O sinal TATATARTARUGA é realizado com o movimento da mão dominante que faz a cabeça da tartaruga como se fosse um revólver atirando. Devido a isso, pensou-se antes em denominar esse sinadilho de TARTARUGA^ATIRAR, mas por sugestão de um surdo preferimos repetir a primeira sílaba, traduzindo literalmente o sinal que é feito realizando as sílabas ta-ta-ta, lembrando vagamente a onomatopeia de atirar com metralhadora. Assim, talvez, o sentido pretendido, que remete ao fato de que o professor que fala (oraliza) sem parar e quer que os surdos entendam é como se estivesse “metralhando” palavras aos alunos surdos.

Para o trecho abaixo:

Quadro 11 – Trecho comparativo dos sinadilhos NADA A VER, CHATICE e CORTAGEM

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
"Ah! Then yours wasn't a really good school," said the Mock Turtle in a tone of great relief. "Now at ours they had at the end of the bill, 'French, music, and washing—extra.' "	- Ah, então a sua não era uma escola tão boa assim – disse a Falsa Tartaruga com grande alívio. – Mas na nossa, ao pé da conta eles punham: “ Francês, Música e Lavagem – cursos suplementares.	Com matérias suplementares? Perguntou um pouco inquieta a Falsa Tartaruga. - Sim – respondeu Alice - Aprendíamos PORTUGUÊS e MÚSICA. E NADA A VER? - Perguntou a Falsa Tartaruga. Claro que não! Exclamou Alice indignada. Ah, então sua escola não era tão boa assim. – disse a falsa tartaruga com grande alívio. Mas na nossa tinha NADA A VER, CHATICE e CORTAGEM – Cursos extras.

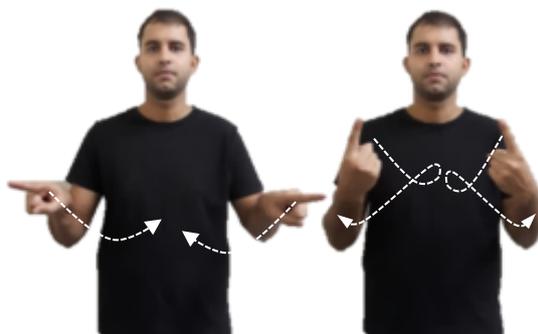
Fonte: Elaboração própria

Figura 55 – Sinal de PORTUGUÊS



Fonte: A autora

Figura 56 – Sinal de MÚSICA



Fonte: A autora

Para os cursos suplementares “Francês” e “Música”, entendidos como não trocadilhos, optou-se por manter música com o sinal MÚSICA e, ao invés de “Francês”, o sinal para PORTUGUÊS, pois foi a disciplina apontada pelos surdos de maior dificuldade, além de ser considerada língua estrangeira para eles. Outro fator é que as duas disciplinas não têm muito sentido para os surdos. Alguns não gostam de música e outros chegam a dizer que odeiam o português.

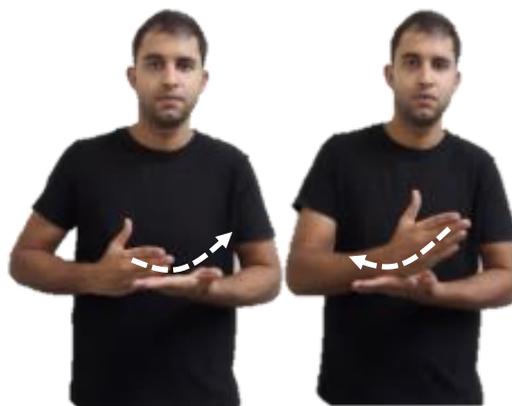
Para o trocadilho “lavagem”, fez-se uma brincadeira com os sinais NADA A VER, CHATICE e CORTAGEM, satirizando as tantas disciplinas curriculares que para eles são mais um “agregado de falas sem sentido”.

Figura 57 – Sinal de NADA A VER



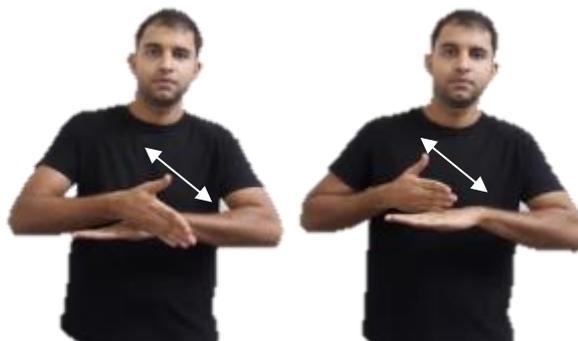
Fonte: A autora

Figura 58 – Sinal de CHATICE (CHATO)



Fonte: A autora

Figura 59 – Sinal de CORTAGEM (SERRAR)



Fonte: A autora

Nesse trecho foram modificados os dois primeiros trocadilhos para remeter o sentido já descrito no trecho anterior. Também se tenta criar uma espécie de “cacofonia” com os sinais, pois o único parâmetro de distinção entre os três é o parâmetro Movimento. A ideia da brincadeira se atém ao fato de “não importa o que ensinem, sempre será algo “nada a ver”, “chato”, uma “cortagem” sem sentido. Os três sinais são gramaticalizados na libras, porém tomam outros sentidos na tradução ao serem utilizados juntamente, servindo quase como um “trisinadilho” (três sinais para um trocadilho).

Algo semelhante para “Francês” e “Música” se deu para os trocadilhos Belas Tretas e Bom Estrilo:

Quadro 12 – Trecho comparativo dos sinadilhos COMUNICAÇÃO TOTAL e ORALISMO

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
<p><i>"I couldn't afford to learn it," said the Mock Turtle with a sigh. "I only took the regular course."</i></p> <p><i>"What was that?" inquired Alice.</i></p> <p><i>"Reeling and Writhing, of course, to begin with," (...)</i></p>	<p>- Eu não tinha recursos pra pagar esses cursos extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. – Contentava-me com os cursos regulares.</p> <p>- E quais eram? - inquiriu Alice.</p> <p>- As Belas Tretas e o Bom Estrilo, pra começar, é claro (...)</p>	<p>- Dinheiro pra pagar esses cursos extras eu não tinha (disse a Falsa Tartaruga com um suspiro). Mas ficava feliz em estudar os cursos regulares.</p> <p>- E quais eram?</p> <p>- Ah! Vários, entre eles COMUNICAÇÃO TOTAL e o ORALISMO.</p>

Fonte: Elaboração própria

Figura 60 – Sinal de COMUNICAÇÃO TOTAL



Fonte: A autora

Figura 61 – Sinal de ORALISMO



Fonte: A autora

Assim como Ramos (2000) opta por “ensurdecer” *Alice*, direcionando fatos sonoros do texto por evidências visuais, optamos por também traduzir diretamente à história das comunidades surdas. Mesmo não sendo, como na maioria, trocadilhos fundidos de dois sinais, “Belas Tretas” e “Bom Estrilo” foram traduzidos pelas duas correntes que no processo educacional dos sujeitos surdos causaram grande sofrimento. Não podemos esquecer (infelizmente) que o Oralismo ainda é uma prática defendida por alguns (com respaldo político), porém sem uso de métodos perversos, como antigamente. O jogo consiste em comparar contexto histórico-cultural das comunidades surdas, para tentar resgatar o objetivo de Carroll, ou que parecia ser uma crítica às classes mais abastadas na era vitoriana.

Para as demais disciplinas da escola “in(ex)clusiva:

Quadro 13 – Trecho comparativo dos sinadilhos ORALISTÓRIA, ORALARTES, ORALSOFIA e ORALITUDO

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficina de Tradução em conjunto
<i>"Well, there was Mystery," the Mock Turtle replied, counting off the subjects on his flappers,—"Mystery, ancient and modern, with Seaography: then Drawling—the Drawling-master was an old conger-eel, that used to come once a week: he taught us Drawling, Stretching, and Fainting in Coils."</i>	- Bem, tínhamos os Estudos Históricos – respondeu a Falsa Tartaruga, contando as matérias na pata -isto é, os fatos históricos antigos e modernos, e também Marografia ; e ainda Desgrenhar : o mestre-desgrenhista era um velho congro que vinha uma vez por semana e nos ensinava a desgrenhar e a espichar em taramela .	ORALISTORIA – respondeu a Falsa Tartaruga, ORALISTORIA antiga e moderna (contando as matérias na pata); e AEEÍSMO : o MESTRE-AEISTA era uma velha professora que vinha uma vez por semana e nos ensinava a ORALARTES e ORAL(FIL)OSOFIA , ORALITUDO em PORTUGUÊS SINALIZADO - Nunca fui pro AEE – disse a falsa Tartaruga com um suspiro.

Fonte: Elaboração própria

Figura 62 – Sinadilho de ORALISOFIA



Fonte: A autora

Figura 63 – Sinadilho de ORALISTÓRIA



Fonte: A autora

Figura 64 – Sinadilho de ORALARTES



Fonte: A autora

Figura 65 – Sinal de ORALITUDO



Fonte: A autora

A brincadeira continua com o fato da escola “inclusiva” oferecer o ensino pela oralização, que não é acessível aos surdos. As disciplinas são pensadas para os ouvintes e quando “adaptadas” não alcançam os surdos. Os surdos continuam sem compreender conceitos dos conteúdos, sem refletirem e sem serem protagonistas de suas aprendizagens. ORALARTES, ORAL(FIL)OSOFIA e ORALISTÓRIA representam todas as disciplinas do currículo escolar da chamada “escola in(ex)clusiva”. Os sinais das disciplinas são fundidos

com o sinal de ORALIZAÇÃO e feitos próximos à boca. Nos três sinais, ORAL+FILOSOFIA, ORAL+HISTÓRIA e ORAL+ARTES, a configuração de ORALIZAÇÃO desaparece e fica a configuração das disciplinas. No sinal de ORALITUDO a mão ativa circula pela boca duas vezes simulando o sinal de oralização antes de finalizar o movimento do sinal TUDO (encostando-se ao meio da palma aberta da outra mão para a direita).

Essa estratégia para os sinadilhos trouxe à discussão novamente a questão da retradução da retradução, pois mesmo concordando com Derrida (2002) (Cf. Cap. 1) que não existe tradução da tradução, temos que ter em vista que para transcrever neste trabalho que tem a LP como língua obrigatória, seria necessário criar uma glosa (como é feito em diversos trabalhos, já que não é possível por questões didáticas utilizar alguma escrita de sinais no momento, o que tornaria o trabalho ainda mais técnico e não acessível aos surdos e ouvintes que não conhecem algum sistema de escrita de sinais). A partir disso, poderíamos pensar que isso viabiliza o acesso e a coerência na tradução literária para surdos, a exemplo do DVD da Arara Azul, criticado por não apresentar a versão correspondente em português. Para tanto, entra em questão se uma “versão” em português seria uma (re)tradução da libras? As traduções para os sinadilhos foram sendo feitas de forma bastante natural no decorrer das oficinas. O que consideramos ter conseguido um grau acentuado na tentativa de reprodução do significado em libras (não para todos, claro). A tradução, do inglês (original) para o português (por Uchôa) – para a libras (nossa tradução visuo-espacial) – para o português (glosa ou tradução da libras?) que soasse melhor em português, como por exemplo no sinadilho, o uso dos parênteses em ORAL(FIL)OSOFIA, pois poderia ser apenas ORALSOFIA ou ORALOSOFIA, mas para ficar mais claro, decidimos deixar as duas alternativas com o uso dos parênteses. Essa preocupação acontece, principalmente, visando o entendimento “bilíngue” da obra. Mas questões desse tipo ficam apenas como reflexões para futuros estudos.

Para o caso de “Marografia”, que foi omitido, o grupo argumentou que basta seguir a mesma estratégia de produzir o sinal da disciplina próximo à boca, para dar o sentido de que as disciplinas eram ministradas em português ou, pior ainda, português sinalizado, fato que ensinou o sinadilho abaixo, enfatizando que as disciplinas não eram dadas adequadamente em libras:

Figura 66 – Sinal de PORTUGUÊS SINALIZADO



Fonte: A autora

O sinal acima é realizado com o uso da CM do sinal PORTUGUÊS que é feito na altura do esterno, mas no sinadilho da Figura 66 é realizado na palma da mão não dominante, na posição em que seria feito o sinal para línguas de sinais ou libras. O referido sinadilho já era utilizado por um dos surdos e foi realizado referindo-se a uma situação por eles comentada durante as oficinas, como prática “normal” dos professores. Em relação a isso, vale a pena salientar que o português sinalizado acontece geralmente na fala sinalizada, ou seja, caracteriza-se por falar (oralizar) e sinalizar em libras (sinalizar) ao mesmo tempo. Essa prática é considerada um desrespeito à comunidade surda e a sua língua tendo em vista as questões culturais desse povo e estruturais da língua, esclarecidas anteriormente.

A libras língua visual-gestual utiliza-se de elementos como espaço, expressões e movimento, de sorte que a combinação desses elementos permite as mais diversas maneiras de dizer, em outros termos, é possível a sinalização simultânea de diferentes sinais, algo que a forte linearidade das línguas orais não permite (FERREIRA, 2010; QUADROS; KARNOPP, 2004; ARAÚJO, 2016). As duas línguas, falada e sinalizada, se distanciam nesse ponto: linearidade do português e a simultaneidade da libras. Mesmo sabendo que as línguas orais não são unicamente unidimensionais, por exemplo, quando as palavras são acompanhadas de entonação e também os traços distintivos dos fonemas, há simultaneidade e as línguas de sinais fazem uso da linearidade temporal (STOKOE, 1960; KLIMA; BELLUGI, 1979; FERREIRA, 2010). Ao fazer uso das duas línguas (oralizar e sinalizar) ao mesmo tempo, o professor geralmente utiliza a libras em segundo plano, provavelmente, com a estrutura sintática do português, deixando de lado elementos próprios da língua visual como, por exemplo, a questão de as línguas de sinais fazerem uso do chamado “empacotamento lexical” (GESSER, 2009, p. 24).

Ainda naquele trecho (Quadro 14), os trocadilhos carrollianos “Desgrenhar” e Mestre desgrenhista” foram traduzidos como se segue:

Quadro 14 – Recorte dos sinadilhos AEÍSMO E MESTRE-AEÍSTA

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
<i>Drawling</i>	Desgrenhar	AEÍSMO
<i>Drawling-master</i>	Mestre-desgrenhista	MESTRE-AEÍSTA

Fonte: Elaboração própria

Figura 67 – Sinal de AEEÍSMO/MESTRE-AEEÍSTA



Fonte: A autora

A brincadeira continua com o fato da escola inclusiva não proporcionar aprendizado, consideram uma chatice ficar por horas adentro na escola sem saber sobre o que estão falando. Até o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE)⁷⁶ entra no rol da brincadeira, pois este deveria orientar os professores quanto à inclusão, mas as aulas no contraturno acabam sendo mais horas “inefícazes e sem sentido”. O sinal feito com as letras AEEE com o uso da oralização (*mouthing*) demonstra, novamente, a questão do Oralismo sendo satirizada. O que muitos acreditam ser o “melhor” para o surdo, a escola inclusiva, em nossa tradução deixa claro que para o grupo de surdos colaboradores não é o que desejam.

Os trocadilhos Patim e Gaguejo, como mostra o quadro 15, foram traduzidos por INGLÊS E ESPANHOL que dentro da escola in(ex)clusiva agregam tarefas a mais sem um aprendizado efetivo.

⁷⁶ O AEE é o conjunto de atividades e recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente para atender exclusivamente alunos com algum tipo de necessidade especial, no contraturno escolar. Pode ser realizado em salas de recursos especiais na escola regular ou em instituições especializadas. Tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem (Resolução N° 4, de 02 de outubro de 2009).

Quadro 15 – Trecho comparativo dos sinadilhos INGLÊS e ESPANHOL

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
"I never went to him," the Mock Turtle said with a sigh: "he taught Laughing and Grief, they used to say."	- Nunca frequentei seu curso – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. - Dizem que ele ensinava Pantim e Gaguejo .	- Nunca fui pro AEE – disse a falsa Tartaruga com um suspiro. – Dizem que ele ensinava INGLÊS e ESPANHOL (disse com tom de deboche).

Fonte: Elaboração própria

Figura 68 – Sinal de INGLÊS



Fonte: A autora

Figura 69 – Sinal de ESPANHOL



Fonte: A autora

A perspectiva desse jogo traz à luz uma contínua “banalização” das disciplinas curriculares da escola in(ex)clusiva. Aprender uma língua terceira (L3), escrita não é nada fácil. A satirização dos sinais fica a cargo da expressão facial de “deboche” ou expressão de desânimo, ao sinalizar as duas línguas estrangeiras.

Por fim, o último trocadilho do capítulo IX, permitiu o seguinte sinadilho:

Quadro 16 – Trecho comparativo do sinadilho CURSÃOZINHO

Carroll (1866)	Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
"And how many hours a day did you do lessons?" said Alice, in a hurry to change the subject. "Ten hours the first day," said the Mock Turtle: "nine the next, and so on." "What a curious plan!" exclaimed Alice. "That's the reason they're called lessons ," the Gryphon remarked: "because they lessen from day to day."	- E quantas horas por dia duravam as aulas? – perguntou Alice. - Dez horas no primeiro dia, nove no segundo, e assim por diante -informou a Falsa Tartaruga. Que horário engraçado! – exclamou Alice. - É por isso que se chamavam de cursos – explicou o Grifo. - Porque de dia para dia as aulas ficavam mais apressadas, pois curso que dizer corrida, entende?	- E quantas horas por dia duravam as aulas? – perguntou Alice apressando-se em mudar de assunto. - Dez horas no primeiro dia, nove no segundo, e assim por diante – informou a Falsa Tartaruga. - Que horário engraçado! – Exclamou Alice. É por isso que chamavam de CURSÃOZINHO - explicou o Grifo. - porque as aulas iam diminuindo a cada dia, pois CURSOS quer dizer PERCURSO, entende?

Fonte: Elaboração própria

Figura 70 – Sinadilho de CURSÃOZINHO



Fonte: A autora

O sinadilho é realizado com a junção do sinal CURSO com a mudança da CM em C para a CM do sinal POUCO, chegando à ponta do dedo indicador (Figura 70). A ideia de que o curso ou as aulas iam diminuindo com os dias é captada pela mescla dos dois sinais. Novamente, entra em questão o melhor termo para o português. Inicialmente foi pensado o nome CURSINHO para o sinal, mas um possível trocadilho que enfatizasse a mudança do movimento interno do sinal veio com o termo CURSÃOZINHO, no qual o nome curso em português permite o uso das duas desinências, de aumentativo e diminutivo, concomitantemente, captando melhor a sequência da sinalização da CM em C até a CM do sinal POUCO. Assim, acredita-se que CURSÃOZINHO representa melhor o sinadilho.

5.2 Uma história da Falsa Tartaruga em Libras

Os sinadilhos descritos acima representam alguns dos resultados da tradução almejada para este trabalho. Como visto apenas alguns trechos do capítulo IX, da História da Falsa Tartaruga, renderam jogos de sinais que foram pensados e criados em conjunto com surdos e ouvintes (TILS, alunos e professores).

Influenciados por Ramos (2000), as traduções foram pensadas considerando o “país dentro do nosso país que o surdo vive”. As escolhas por sinais referentes à história da educação dos surdos têm a ver com a cultura surda, sob a perspectiva deles próprios. Onde o modelo de escola inclusiva atual é ironizado por não conseguir garantir uma aprendizagem acadêmica (e social) necessária a eles (aos surdos). As disciplinas são em português ou português sinalizado. A língua oral é imposta e obrigatória. A professora, por exemplo, uma “velha tartaruga” ou a TATATARTARUGA, é comparada a todos os professores que pensam que ensinando o conteúdo curricular do mesmo modo que é feito para os ouvintes (pela oralidade) estão fazendo “inclusão” e acreditam que desse modo há aprendizagem. Tudo é

oralização na escola “in(ex)clusiva”. A crítica realizada ao modelo de escola inclusiva foi aderida por todos os colaboradores, alunos, TILS, etc., compartilhando a mesma perspectiva evocada pelos surdos concordando desse modo com a trajetória educacional dos surdos.

Alice é a menina (surda) que questiona e reflete, fica sem entender o porquê de algumas situações que parecem óbvias (para os ouvintes). Os jogos de sinais criados satirizam essa questão e é nesse ponto que reside o humor surdo, segundo Sutton-Spence e Napoli (2012). Ou ainda “o riso surge quando algo tido como verdadeiro é violado” (LUIZ, 2016, p. 6), no caso, a escola inclusiva defendida por muitos como opção acertada.

Dos trocadilhos apresentados neste capítulo, alguns sinais são existentes no léxico da libras, mesmo não sendo utilizados no contexto de humor. Desses, alguns receberam sentido diferente do sentido gramaticalizado, por exemplo: DIMINUIÇÃO (inferioridade) e EMBROMAÇÃO (falar muito) que receberam também uma tradução em português consoante a libras (um trocadilho para um sinadilho?). Outros como PORTUGUÊS SINALIZADO pode ser considerado trocadilho, mas já é de uso comum em algumas comunidades surdas (a exemplo da comunidade surda de Rio Branco-AC, conforme informação do professor surdo Israel Bissat Amim, da UFRR). Podemos dizer que estes sinadilhos têm certo grau de ironia e ambiguidade, o que se caracteriza como um jogo. O sinal MÚSICA ficou exatamente como na tradução de Leite (1980), porém, ganha sentido de “disciplina a mais na “invenção” da escola in(ex)clusiva”. Os jogos criados com os sinais PORTUGUÊS e MÚSICA não são trocadilhos no original, nem na tradução de Uchôa Leite (1980), mas ganharam outros sentidos, um “tom” de sátira em libras.

Quase em par o número de sinais criados e outros existente no léxico consagrado da libras usados com sentido ambíguo, como se nota no quadro 17. O sinadilho para escola IN(EX)CLUSIVA, segundo um dos colaboradores, fora criado e usado em outras situações, mas não está consolidado como sinal. Nota-se que a maioria dos sinadilhos são feitos com pontos de articulação em frente à boca remetendo à filosofia Oralista e à fala. Apenas um, CURSÃOZINHO, tenta verter em sinais (com a estrutura da libras) o sentido original sem incorporá-lo diretamente à cultura surda.

Quadro 17– Relação de sinadilhos criados

Sinais existentes no léxico da libras	Sinais criados
PORTUGUÊS	IN(EX)CLUSIVA(?)
MÚSICA	TATARTARUGA
NADA A VER	ORALIMÉTICA
CHATICE(CHATO)	ESTICAÇÃO
ORALISMO	COLAÇÃO
COMUNICAÇÃO TOTAL	ORALISTÓRIA
DIMINUIÇÃO (INFERIORIDADE)	AEÍSMO/AEÍSTA
INGLÊS	ORALARTES
ESPAÑHOL	ORALITUDO
EMBROMAÇÃO (FALAR MUITO)	ORALFILOSOFIA
CORTAGEM (SERRAR)	CURSINHO
PORTUGUÊS SINALIZADO	

Fonte: Elaboração própria

Assim, a recriação dos trocadilhos (inevitável?), elaborada em conjunto com surdos usuários da libras e TILS possibilitou vislumbrar as possibilidades de tradução de elementos considerados “menores” no ato da tradução para as línguas de sinais. Quanto às omissões, temos CONGRO que por não ter relação mais com a escola do fundo do mar ficou apenas como uma “velha professora”.

5.3 Por uma tradução dos trocadilhos de *Alice* para a Libras

Desde nossas primeiras constatações de que os surdos brincavam sim com os sinais, no trabalho etnográfico junto às comunidades surdas de três localidades (Santarém-PA, Brasília-DF e Boa Vista-RR) até a realização das oficinas (Cf. 4.3.1), o almejo era ainda de poder traduzir, senão todos, pelo menos boa parte dos trocadilhos existentes da obra carrolliana. Seguindo, claro, as traduções de trocadilhos já realizados para o português, principalmente a tradução de Leite (1980).

No entanto, com o decorrer das oficinas, percebemos que a tarefa de traduzir todos os trocadilhos de *Alice* era um trabalho que exige um tempo maior, o que foge do tempo de integralização de um mestrado. Lembrando que Ramos levou quase vinte anos (desde o mestrado até a publicação na Editora Arara Azul) para consolidar o projeto de tradução de *Alice*.

Se por um lado alcançamos um resultado satisfatório (não em relação à qualidade ou objetivo, mas somente em números e reflexões possíveis) ao ter traduzido apenas um trecho de um capítulo da obra (ou pelo menos quanto ao riso, na visão dos surdos participantes das

oficinas, conforme respostas ao questionário do Apêndice B e C), reconhecemos que apontamos algum direcionamento às possibilidades de tradução da obra sob uma perspectiva metodológica que realmente chame a atenção dos surdos ao traduzir culturalmente um clássico da literatura mundial.

As múltiplas experiências de/na tradução em conjunto foram valiosos momentos de reflexões sobre a língua e, sobretudo às realidades e anseios não muito divulgados na literatura como, por exemplo, a extrema insatisfação com o modelo educacional a qual participaram, a escola inclusiva.

Pinheiro (2012) também observou um resultado semelhante em sua dissertação. Ao analisar vídeos de surdos no *Youtube* sob a perspectiva foucaltiana como ferramenta de divulgação, consumo e produção da cultura surda, percebeu que os surdos usam o humor para representar de alguma forma suas lutas. Também percebeu nos vídeos analisados que a ironização à inclusão é comum, pois retrata a realidade vivida atualmente. E porque afinal eles fazem essas conexões? Por que a luta política é considerada um artefato da cultura surda? De modo geral, os surdos usam humor como uma ferramenta política cultural de resistência, contra a inclusão da forma como é pensada pelos ouvintes, contra o Oralismo, contra o ouvintismo, etc. (PINHEIRO, 2012; STROBEL, 2008a).

A tradução em conjunto foi mais que um método de traduzir, um método de conhecimento e aprendizagem coletiva. A cumplicidade durante as oficinas uniu dois olhares numa mesma direção. Surdos e ouvintes com perspectivas diferentes sobre o objeto com objetivo de primeiro entender enigmas não somente da obra, mas das línguas e também de se dispor e expor suas experiências pessoais. Todas as experiências pessoais foram trazidas e refletidas no texto traduzido. Havia uma preocupação exacerbada em não traduzir literalmente o texto. A preocupação em construir espacialmente a brincadeira da obra levou a muitas horas de conversas e tentativas de criação de sinais e, às vezes, algumas frustrantes horas para o entendimento sobre os jogos de palavras (em português). Acredita-se por isso, ao final, apenas os trocadilhos lexicais foram mais traduzidos.

Traduzir *Alice* não é somente transformar palavras em sinais, mas sim, talvez, (des)pretensiosamente, transformar palavras inertes em dinâmicas sinalizadas pelo corpo representando uma cultura diferente e minoritária. Nesse percurso, ficou evidente a opção de tradução etnocêntrica nas linhas de Berman (1984), domesticadora (VENUTI, 1995) ou uma tradução cultural (RAMOS, 2000). Um exemplo, além dos oferecidos acima, é o excerto

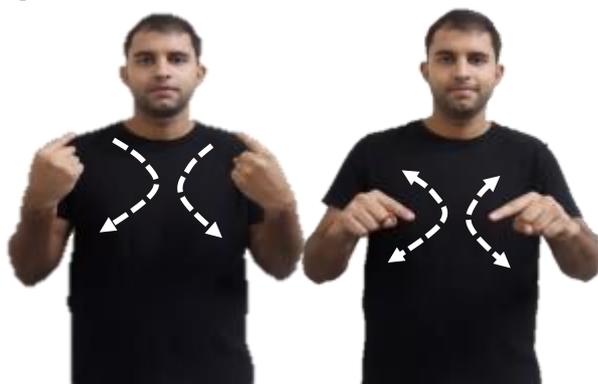
abaixo no qual a tradução para o verbo “chamar” foi modificada pelo o sinal PROVOCAR, bastante comum nas interações dos surdos quando se brinca com os apelidos sinalizados.

Quadro 18 – Excerto do cap. IX de *Alice*

Leite (1980)	Oficinas de tradução em conjunto
<p>A professora era uma velha tartaruga... e nós a chamávamos de Torturuga...</p> <p>Mas porque Toturuga, se ela era uma tartaruga?</p> <p>Perguntou Alice.</p> <p>Nós a chamávamos Torturuga porque aprender com ela era uma tortura -respondeu irritada a Falsa Tartaruga.</p>	<p>A professora era uma velha tartaruga, mas nós a “chamávamos” (sinal de PROVOCAR) de TATATARTARUGA.</p> <p>Mas porque vocês a “chamavam” assim?</p> <p>Porque ela nos [atirava um monte de palavras] (fazer o saindo da boca seguindo do sinal de palavra) que não entendíamos nada. Respondeu irritada a Falsa Tartaruga.</p>

Fonte: Elaboração própria

Figura 71 – Sinal de PROVOCAR⁷⁷



Fonte: A autora

Outras análises ainda são possíveis. Por exemplo, para a tradução dos trocadilhos dos ramos da aritmética (ORALIMÉTICA, apresentado mais adiante) modificaram-se os sentidos matemáticos e foi-lhes atribuída uma correspondência com a realidade dos surdos. Para dar sentido ao trocadilho COLAÇÃO (Murchificação por LEITE, 1980) em que Alice pergunta o que significa, o sinal causa estranheza também na libras, como já explanado, por utilizar a CM do sinal COLAR, na localização (com CM em L) do sinal CURIOSIDADE. Do mesmo modo, na tradução para libras o sinal COLAÇÃO (sentido de colar a matéria para passar de

⁷⁷ Realizado com a CM em “D” fechado, dedos indicadores virados para dentro e depois para fora.

ano) na Figura 51 é ainda mais satirizado no contexto da tradução de todo o trecho, como se vê abaixo:

Quadro 19 – Excerto de tradução de trecho da História da Falsa Tartaruga

Leite (1980)	Oficinas de Tradução em conjunto
<p>“- Eu não tinha recursos para pagar esses cursos extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. – contentava-me com os cursos regulares. - E quais eram? - Inquiriu Alice. - As Belas Tretas e o bom Estrilo, pra começar, é claro – replicou a Falsa Tartaruga – e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Murchificação e Derrisão.” Nunca ouvi falar de “murchificação” – Arriscou-se Alice a dizer. – Que é isso? O grifo ergueu as patas para o ar, manifestando surpresa. O quê? Nunca ouviu falar de murchificação! – exclamou. Você sabe o que é inchar, não sabe? S-im... – respondeu Alice com hesitação. – Quer dizer... acho que é... encher alguma coisa. Pois então – continuou o Grifo – se você não entende o que é murchificar, então é uma toleirona.</p>	<p>Eu não tinha recursos para pagar aulas extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro – contentava-me com cursos regulares. - E quais eram? – Inqueriu Alice. ORALISMO e COMUNICAÇÃO TOTAL pra começar. É claro, e depois os diferentes ramos da ORALIMÉTICA: ESTICAÇÃO, EMBROMAÇÃO, DIMINUIÇÃO e COLAÇÃO. Nunca vi esse sinal (COLAÇÃO). Que significa? - MEU DEUS! Você não sabe o que significa COLAÇÃO? Você saiu do ENSINO MÉDIO como, heim? – exclamou. COLANDO, claro! Pois então, se não sabe o que é COLAR é uma BURRONA.</p>

Fonte: Elaboração própria

Esse trecho foi basicamente reescrito para dar sentido às indagações da protagonista. O humor surdo surge justamente da situação de muitos surdos em Boa Vista-RR e pelo Brasil a fora no sistema de ensino regular, principalmente com a ausência de intérpretes na sala de aula (LACERDA, 2009; ROSA, 2005). O sinal COLAR funciona como trocadilho para “multiplicação” e diante da dúvida de Alice, o Grifo indaga: “Você saiu do ENSINO MÉDIO como, heim?” E a resposta “COLANDO”, acaba por satirizar a realidade da educação de surdos de modo geral. Isso se conforma com as palavras de Sutton-Spence e Napoli (2012, p. 317): “Uma caricatura da pouca qualidade de um intérprete ou um professor oralista insistente que proíba o uso de sinais faz com que a situação parece lúdica e menos ameaçadora”⁷⁸, o que causa o humor justamente por apontar a realidade educacional vivida pelos surdos.

⁷⁸ No original: “A caricature of a poor-quality interpreter or a fierce oralist teacher that forbids the use of signing makes them appear ludicrous and thus less threatening.” (SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2012, p. 317).

Um exagero, talvez, na tradução cultural foi a extensa sátira ao Oralismo, o que parece ser de algum modo uma subversão à fala pode ser uma forma de expressão e liberdade, motivada pela “liberdade” de criação e pelo contexto de humor. Os surdos são, portanto, protagonistas, (sem claro dizer que (nós) ouvintes não o somos também) na arte de produzir a arte de traduzir o intraduzível. Nas palavras de Santana:

A tradução não será uma transposição perfeita que segue à risca do texto escrito. A arte tradutória é resultado de processos modificadores e transformadores, os quais são esboçados por questões de vias sociais, históricas, políticas, ideológicas, mas também pessoal, pois a intervenção ou interferência do tradutor é algo quase impossível de evitar. (SANTANA, 2010, p. 40).

A preocupação por alcançar uma tradução para os trocadilhos carrollianos que contemple o humor surdo deve ser perseguida. Coube a este primeiro trabalho uma apresentação às inúmeras possibilidades de como traduzir esses elementos entre línguas de diferentes modalidades e a reflexão sobre os aspectos ainda pouco estudados nas LSs. Pensando nessas ponderações sobre a possibilidade de ter boa parte dos trocadilhos de *Alice* traduzidos para a libras, discorreremos agora sobre alguns pontos que foram discutidos e debatidos para a tradução de outros trocadilhos da obra, que infelizmente não foi possível contemplar durante as oficinas realizadas.

As demais traduções ou sinadilhos não foram aqui descritos, ficando para futuras análises e talvez um projeto maior de tradução da obra toda. No entanto, detalhamos aqui alguns momentos em que a tradução, mesmo seguindo o direcionamento de domesticação apresentado nas subseções 5.1, não foi satisfatória. Sobre isso, podemos citar como exemplo os provérbios que nem mesmo as traduções para o português e outras línguas conseguiram captar, conforme Borba (1999, p. 129) mais acréscimos e omissões nossas, para “Take care of the **sense**, and the **sounds** will take care of themselves”:

Quadro 20 – Traduções de *Take care of the sense and the sounds will take care of themselves*

Sebastião Uchôa Leite	Português	“Cuide do sentido, e os sons cuidarão de si mesmos”
Barro e Pérez-Barreiro	Italiano	“Ti coida ben do sentido, que o sonido hase coidar el.”
Duarte	Português (de Portugal)	“Ocupa-te do sentido que os sons se ocuparão de si próprios”
Ramón Buckley	Espanhol	“a buen entendedor pocas palabras bastan”!
Jacques Papy	Francês	“Occupez-vous du sens, et les mots s’occuperont d’eux-mêmes.”

Fonte: Adaptado de Borba (1999)

O que Carroll faz é brincar com um provérbio conhecido na Inglaterra: “*Take care of the pence and the pounds will take care of themselves*”, substituindo por semelhança de som e grafia as palavras *pence* (centavos) e *pounds* (libra) por *sense* e *sounds*. Como se vê nas traduções do Quadro 20 acima, os tradutores preferiram a tradução literal ou a troca por uma expressão da LA. Dos autores usados na oficina, também parecem se conformar em traduzir da mesma forma, como se vê no quadro abaixo.

Quadro 21 – Traduções de *Take care of the sense and the sounds will take care of themselves* (outros autores)

Traduções para o Português – A História da falsa Tartaruga		
Tradutor(a)	Dados da Edição	Recorte
Sebastião Uchôa Leite	Ano 1980 Editora Fontana/Sumus Rio de Janeiro	“Cuide do sentido, e os sons cuidarão de si mesmos”
Ana Maria Machado	Ano 1997 Editora ática Porto Alegre	“Cuide do sentido que os sons cuidam de si sozinhos”
Edy Lima	Ano 2003 Editora Scipione São Paulo	“Tome cuidado com os sentidos, que os sons se encarregam de si mesmos...”
Rosaura Eichenberg	Ano 2005 Editora L&M Porto Alegre	‘Tome conta dos sentidos, e os sons tomarão conta de si mesmos’
Jorge Furtado e Liziane Kugland	Ano 2008 Objetiva São Paulo	Cuide do sentido que os sons cuidarão de si mesmos
Clélia Regina Ramos	Ano 2009 Livros São Paulo	“Tome conta do sentido, e os sons tomarão conta de si mesmos”
Maria Luiza X. de A. Borges	Ano 2009, Editora Zahar Rio de Janeiro	‘Cuide do sentido, que os sons cuidarão de si’
Márcia Ferriotti Meira	Ano 2013 3ed. Editora Martin Claret São Paulo	“Cuide do sentido que os sons cuidam de si mesmo”

Fonte: Elaborado pela autora

Nas oficinas de tradução, para os casos de paródias e provérbios como acima, uma das alternativas foi seguir com a tradução cultural e tentar recriar a ilógica de Carroll. Um exemplo foi a tradução do trecho do quadro a seguir:

Quadro 22 – Traduções de a moral da Duquesa

Traduções para o Português – A História da falsa Tartaruga		
Tradutor(a)	Dados da Edição	Recorte
Sebastião Uchôa Leite	Ano 1980 Editora Fontana/Sumus Rio de Janeiro	“- Concordo inteiramente com você – disse a Duquesa. – E a moral disso é: ‘Seja aquilo que você pareceria ser’, ou se quiser isso dito de maneira mais simples: ‘Nunca imagine que não ser diferente daquilo que pudesse parecer aos outros que você fosse ou poderia ter sido não seja diferente daquilo que você tendo sido poderia ter parecido a eles ser de outro modo.’
Ana Maria Machado	Ano 1997 Editora ática Porto Alegre	- Concordo inteiramente com você – disse a Duquesa. – E a moral disso é: “Seja aquilo que você parece ser”. Ou, se preferir, em outras palavras, de modo mais simples: “Nunca imagine não ser diferente do que poderia parecer aos outros que você é ou poderia ser diferente do que o que você tinha sido teria parecido a eles ser de outra maneira”.
Edy Lima	Ano 2003 Editora Scipione São Paulo	Omitido.
Rosaura Eichenberg	Ano 2005 Editora L&M Porto Alegre	“Concordo plenamente com você” disse a Duquesa. “ e a moral disso é... ‘Seja o que parece ser’... ou, se se quer que eu fale de forma mais simples... ‘Nunca imagine que você não é senão o que poderia parecer aos outros que o que você foi ou poderia ter sido não era senão o que você tinha sido que lhes teria parecido diferente’.”
Jorge Furtado e Liziane Kugland	Ano 2008 Objetiva São Paulo	- Concordo plenamente com você – disse a duquesa. – E a moral disso é... Seja o que parece ser... ou, se você quiser que eu fale de uma maneira mais clara... nunca imagine não ser outra coisa senão o que possa parecer aos outros que você foi ou possa ser aos outra coisa.
Clélia Regina Ramos	Ano 2009 Livros São Paulo	“Eu concordo com você”, disse a Duquesa, “e a moral disso é... Seja o que você parece ser...ou, se você prefere colocar de um jeito mais simples... Nunca se imagine diferente do que deveria parecer para os outros o que você fosse ou poderia ter sido não seja diferente não seja diferente do que você tem sido poderia ter parecido para eles ser diferente”.
Maria Luiza X. de A. Borges	Ano 2009, Editora Zahar Rio de Janeiro	“Concordo plenamente com você” disse a Duquesa e a moral disso é.. Seja o que você parece ser’. ou, trocando em miúdos, ‘Nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira’.”
Márcia Ferriotti Meira	Ano 2013 3ed. Editora Martin Claret São Paulo	- Concordo plenamente – disse a Duquesa. - E a moral disso é: “Seja você mesma”. Ou simplificando: “Nunca imagine você ser outra diferente daquilo que possa parecer aos outros que você é ou poderia ter sido se não você diferente daquilo que você aparenta ser às outras pessoas”.

Fonte: Elaborado pela autora

Para esse trecho, os colaboradores, após a leitura individual do quadro 22, com os excertos de tradução, os surdos, principalmente, ao perceberem o jogo de palavras encadeadas, propuseram iniciar a sinalização literalmente PESSOA PARECE É OU DESEJO

O autor explica da seguinte forma o motivo de ter desenhado a figura 73: “Desenho feito em um momento que eu não aguentava e me irritava, por não entender a aula, onde não tinha intérprete de Língua de Sinais. Logo senti que precisava de alguma coisa pra me acalmar. Peguei um pedaço de papel, desenhei para me expressar.” (MOURÃO, 2011, p. 36).

Outro exemplo foi a tradução para um dos primeiros jogos a ser estudado nas oficinas, o que parece não ser um trocadilho no original, se traduzido literalmente *your honour*, mas nas traduções para o português, como mostra no Quadro 23, os tradutores brincaram bastante com a sonoridade da palavra vossa excelência. Assim, foi proposto realizar o sinal de REVERÊNCIA. O humor fica a cargo da ampliação do sinal, inclinando mais a cabeça e com ar de deboche, Figura 74.

Normalmente o vocativo desaparece na libras, mas decidimos inserir para que pudesse ser visualizado a forma como o “Pat” trata o Coelho.:

Next came an angry voice—the Rabbit’s— “Pat! Pat! Where are you?” And then a voice she had never heard before, “Sure then I ’m here! Digging for apples, **yer honour** !”
 “Digging for apples, indeed!” said the Rabbit angrily. “Here! Come and help me out of *this!*” (Sounds of more broken glass.)
 “Now tell me, Pat, what’s that in the window?” “Sure, it’s an arm, **yer honour** !” (He pronounced it “arrum.”)
 “An arm, you goose! Who ever saw one that size? Why, it fills the whole window!”
 “Sure, it does, **yer honour** : but it’s an arm for all that.”
 “Well, it’s got no business there, at any rate: go and take it away!” (CARROLL, 1866, p. 32).

Figura 74 – Sinadilho de VOSSINCELÊNCIA



Fonte: A autora

Quadro 23 – Traduções para *Yer Honour*

Traduções para o Português – A História da falsa Tartaruga		
Tradutor(a)	Dados da Edição	Recorte
Sebastião Uchôa Leite	Ano 1980 Editora Fontana/Sumus Rio de Janeiro	- Estou aqui Vossa Incelência , estou aqui colhendo maçãs. -Ah, sim? Colhendo maçãs, é? – disse o coelho encolerizado. – Venha cá! Me ajude a sair daqui! (ruídos de mais vidro quebrado). E agora, Pat, me diga: que coisa é aquela ali na janela? - Hum, é um braço, Vossa incelência , um braço! (Ele pronunciava vossincelência)
Ana Maria Machado	Ano 1997 Editora ática Porto Alegre	- Estou aqui é claro, patrão . Apanhando maçã... -Apanhando maçã? Fracamente! –disse o coelho zangado. -Venha logo até aqui, me ajudar a sair disto! (sons de mais vidro quebrado) Agora me diga Pat, o que é que está saindo daquela janela? - Ué, um braço, claro, patrão! ...
Edy Lima	Ano 2003 Editora Scipione São Paulo	- Estou aqui, patrão , colhendo maçãs. - Colhendo maçãs! Só me faltava essa! Venha cá e me ajude, oras! Mais vidro quebrado e, de novo, a voz do Coelho: - Vamos, Pat, me diga o que vê ali na janela. - É um braço, patrão , um braço...
Rosaura Eichenberrg	Ano 2005 Editora L&M Porto Alegre	“Estou aqui! Cavando para ver se encontro maçãs, Vossa senhoria! ” “Ora, cavando maçãs!”, disse o Coelho zangado. “Venha cá! Venha me ajuda a sair daqui!” (Ruídos de vidro quebrado.) “Agora me diga uma coisa, Pat, o que é aquilo na janela?” “Ora, é um braço, Vossa senhoria! ” (Ele pronunciava brasssso.) “Ocupa sem dúvida, Vossa senhoria , mas é um braço apesar de tudo.”
Jorge Furtado e Liziane Kugland	Ano 2008 Objetiva São Paulo	- Tô aqui, cavando! Procurando maçãs, sim senhor! (Ele pronunciava “ sinhô ”). - Cavando atrás de maçãs, essa é boa! – disse o coelho zangado. - Aqui! Venha me ajudar a sair DAQUI! (Barulho de mais vidro quebrando) - Agora me diga, Chico, o que é aquilo na janela? - Com certeza é um braço, sim senhor! - Lá isso é, sim senhor . Mesmo assim é um braço. Com mão e tudo.
Clélia Regina Ramos	Ano 2009 Livros São Paulo	“Estou aqui colhendo maçãs, ‘ vossincelenci ’.” “colhendo maçãs, certamente, retrucou o coelho de modo nervoso. “Aqui, venha me livrar disso.” (sons de vidro quebrados.) “Agora me diga Pat o que é isso na janela? ”Com certeza é um braço, ‘ vossincelencia !’”
Maria Luiza X. de A. Borges	Ano 2009, Editora Zahar Rio de Janeiro	Com certeza estou aqui escavando maçãs voss’ excelença .” “Escavando maçãs. pois sim! disse o Coelho, irritado. Aqui! Venha me ajudar a sair <i>disto!</i> ” (mais sons de vidro quebrado.) “Agora me diga, Pat. Que é aquilo na janela?” “Com certeza é u braço, voss’ excelência! ” (pronunciava brass) Com certeza enche, voss’ excelência ; mas não deixa de ser um braço.”
Márcia Ferriotti Meira	Ano 2013 3ed. Editora Martin Claret São Paulo	Estou bem aqui! Colhendo maçãs, ‘ sa majestadia . - colhendo maçãs, francamente! –disse o Coelho, muito zangado. - Venha até aqui e me ajude a sair disto! (mais barulho de vidro quebrado.) - E agora. Me diga, Pat, o que é aquilo ali na janela? - Certamente um brass, ‘ as majestadia . Enche mesmo, ‘ as majestadia : mas não deixa de ser um brass, não é mess?

Fonte: Elaboração própria

Um último sinal que merece ser salientado ainda neste trabalho é o sinadilho de ORALIMÉTICA, criado depois do término das oficinas com buscas na internet, pois os sinais usados para expressar o conceito de aritmética (usado por surdos e intérpretes participantes da oficina) era o sinal de SOMAR e MATEMÁTICA, mas não se conseguiu criar um sinadilho com eles no momento. Posteriormente, criou-se o sinal a partir do sinal encontrado na internet⁷⁹. Alegando-se que representa melhor o contínuo humor sobre o Oralismo e a oralização.

ORALIMÉTICA (Figura 74) é realizado com P.A. em frente à boca, as duas mãos tremulando os dedos e afastar para frente, finalizando com o sinal SOMAR. Como se vê, o sinal segue a mesma forma dos demais, com P.A. próximo à boca.

Figura 75 – Sinadilho de ORALMÉTICA



Fonte: A autora

Para não finalizar nossas análises: *Alice* (influenciados pela tradução da editora Arara Azul) é surda. Nem todos os personagens são surdos. Do capítulo da Falsa Tartaruga a maioria são ouvintes com ideias “oralistas” na cabeça. A rainha de copas, por exemplo, com suas constantes lições de moral é trazida sob “ar de deboche”, sua fala é feita com a expressão facial de ironia com olhos para cima. Como disse a própria Alice: “que mania tem de procurar moral em tudo”. Para o final da história propusemos o seguinte: O país das maravilhas é o maravilhoso mundo surdo, mundo dos sinais e das palavras. Lugar onde *Alice* vive as aventuras fantásticas de ser surda no mundo ouvinte. A realidade é sub(di)vertida como fantasia. Ao acordar, do lado de sua irmã, a Alice do País dos Sinais percebeu que o sonho era

⁷⁹ Para melhor visualização do sinal de EXPRESSÃO ARITMÉTICA acessar vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CK2q-Nskapo>. Acesso em: mai. de 2018.

realidade e a realidade era um sonho, e continuou a viver no maravilhoso mundo dentro do país dos ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brincar de sinadilhar (e trocadilhar) foi, realmente, levado a sério neste trabalho. Os desafios foram inúmeros. A diferença modal entre o par de línguas libras-português foi entendida como uma tarefa instigante. Adentrar o “país” dos surdos para observar sua língua e como ela poderia traduzir trocadilhos, é uma surpreendente aventura.

O que fizemos foi atravessado por (in)conclusões e (in)certezas a respeito da proposta de tradução dos trocadilhos de Carroll, objetivo desta pesquisa. Ao mesmo tempo em que descobríamos uma solução para um determinado problema outro surgia, à revelia. A exemplo disso, para uma resposta a uma simples pergunta: “existem trocadilhos na libras?”, ao longo de quase três anos de coleta de dados (meados de 2015 a 2018), em conversas espontâneas ou seções de eliciação, temos desbravado novas perspectivas de análise sobre as línguas de sinais (ARAÚJO; BENTES, 2016; 2017; Manuscrito).

Nossa ideia inicial era traduzir todos os trocadilhos de *Alice*. O que parecia ser fácil. Contudo, o trabalho se mostrou gigantesco. A necessidade de tomar uma posição teórica diante de todo o processo nos levou à emergente área dos ETILS. Foi preciso pensar no conjunto de todo um projeto de tradução levando em conta a diferença de modalidade, a tradução intermodal. Dos questionamentos iniciais, por exemplo: a quem se destina a tradução de trocadilhos literários para a libras? Claro, aos surdos. Mais precisamente, aos surdos que desejam “ler” uma obra com toda riqueza literária que ela possa ter. Mesmo as melhores traduções (entre duas línguas orais) “procuram se dirigir às crianças e, para isso, achavam que tinham só que contar a história e deixar de lado os trocadilhos, as piadas linguísticas, as alusões literárias, mas aí a história ficava sem pé nem cabeça, e o típico *nonsense* de Carroll virava insensatez já que grande parte da história é resultado desses jogos de palavras” (MACHADO, 1997, p. 133).

Fizemos, assim, a tradução de alguns trocadilhos do capítulo nove, A história da Falsa Tartaruga para a libras, em conjunto com um grupo formado por surdos e ouvintes, alunos, TILS e professores. Desse modo este trabalho aponta para toda a complexidade em se tratar de fenômenos pouco estudados em línguas igualmente pouco estudadas. A abrangência e ineditismo do tema e a necessidade de primeiro buscar concretizar a hipótese de produção de trocadilho em libras resultaram numa pesquisa nova para a área dos estudos linguísticos das línguas de sinais e para a tradução intermodal, contemplando a tradução literária, outro

desafio desta pesquisa. Além de confirmar que existem trocadilhos na libras, este trabalho buscou evidenciar que tais jogos são bastantes comuns e produtivos nessa língua, porém ainda não estudados profundamente. De outra maneira, este trabalho serve ainda para tradutores e intérpretes atentarem ao desejo de conhecer “equivalências” no momento da tradução, quando aparecem os trocadilhos, seja de uma língua falada para uma sinalizada ou vice-versa. E também serve para reforçar o *status* linguístico da libras, permitindo que olhares sejam lançados sobre estes fenômenos considerados “marginais”.

Na tradução em conjunto foi possível perceber não apenas a cultura surda tomando conta de toda a tradução, mas perceber o quanto todos, imersos nessa cultura, se preocupavam com ela. Diante de um elemento novo, escrito na língua de difícil acesso e sem uma memória auditiva, mas com uma memória visual foi possível, então, “transpor a memória” e “desmemoriá-la” (ALMEIDA FILHO, 2013, p.253). A adaptação feita demonstra isso. Uma nova tradução realizada com a perspectiva visual da comunidade surda. Em virtude disso, no constante da pesquisa, desenvolvemos (e nos envolvemos com) uma tradução baseada em metodologias que “viabilizassem o acesso à leitura – holística – literária ou visualiterária. Com a preocupação de não “diminuir, resumir, cortar, omitir (demasiadamente) ou explicar” uma obra literária para os surdos. Na intenção de garantir uma leitura “Culturalia”: ao mesmo tempo em que “imerso” na cultura do outro (ouvinte), o surdo pudesse “se ver”/“se ter” no texto. Que pudesse “extrangeirizar-se e familiarizar-se” e/ou “encontrar-se e desencontrar-se” com o, talvez, inédito e surpreendente texto de Carroll.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. (orgs.). **Libras em estudo: tradução/interpretação** (Serie Pesquisas). São Paulo: FENEIS, 2012.
- ALMEIDA FILHO, E. A. Entrevista com Eclair Antônio Almeida Filho. p. 229-240. In: COSTA, P. R. **Do ensino de tradução literária**. 305f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2013.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- AMORIM, L. M. Translation and adaptation: differences, intercrossings and conflicts in Ana Maria Machado's translation of Alice in Wonderland by Lewis Carroll. Florianópolis, **Cadernos de Tradução**, 2004.
- ANJOS, R. P. **Cinema para libras: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. 94f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2018.
- ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. (Un)punslatable Alice in Signland: Wordplays in Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS). In: KNOSPE, S.; ONYSKO, A.; GOTH, M. **Crossing languages to play whit word: interdisciplinay perspectives**. Belim: de Gruyter, 2016.
- _____. Jogos de sinais híbridos e empréstimos do português na Língua Brasileira de Sinais-Libras. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 150-173, 2017.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.
- ACESSIBILIDADE EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS. Canal no Youtube. "**Aventuras de Alice no País das Maravilhas**" com recursos de acessibilidade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eKccjNycYwQ>>. 2016. vídeo.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.
- BARROS, T. P. **Experiência de tradução poética Português/Libras: Três poemas de Drumond**. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2015.
- BASTIN, G. Adaptation (1998). In: BAKER, M; SALDANHA, G. (orgs.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London: Routledge, 2011, p. 3-6.
- BASSNETT, S. **Estudos da tradução: fundamentos de uma disciplina**. Lisboa: Fundação Caouste Gulbenkian, 2003.

BATTISON, R. M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Linstok Press: Burtonsville, Maryland, (2003 [1978]).

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Quatro traduções para o português. In: BRANCO, L. C. (org.) **Os cadernos viva voz**. Belo Horizonte: FALE, 2008.

BESSA, C. R. **A tradução-substituição**. Brasília: Editora do Centro, 2010.

BERMAN, A. **La retraduction comme espace de la traduction**. Palimpsestes, Paris, n. 4, p. 1-9, out. 1990.

BERNADINHO, E. A. **Cultura Surda**. Texto elaborado para uso nas disciplinas “Fundamentos de Libras” e “Libras I”. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BRASIL. Resolução nº 4, de 02 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ - Departamento de linguística e Filologia, 1995.

CAMARÃO, J. D. M. Alice no país das maravilhas. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 6, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 1990.

CAMPOS, H. **Transcrição**. TAPIA, M.; NOBREGA, T. M. (org.). Haroldo de Campos – Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 245f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 71-92. 2014. Edição especial.

CAMPELLO, A. R. et al. **Carta aberta ao ministro da educação elaborada pelos sete primeiros doutores surdos brasileiros, que atuam nas áreas de educação e linguística**. Disponível: <<http://marianahora.blogspot.com.br/2012/06/carta-aberta-dos-doutores-surdos.html>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CANCIO-BELLO, E. **The Sources of Deaf Humor**: an exploration of the reasons deaf humor differs from that of hearing people. Bachelor Thesis in the Department of Linguistics. Swarthmore College, Swarthmore, Pennsylvania, 2015.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (eds.). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira**. 2. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.v. I: sinais de A a L e v. 11: sinais de M a Z.

CARROLL, L. **Alice's Adventures in Wonderland**. London: Macmillan, 1866.

_____. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Traduzido por Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

_____. **Alice no país das maravilhas**. Traduzido por Ana Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. **Alice au pays des merveilles**. Tradução: Jean-Jaques Pauvert. Éditions Gallimard Jeunesse, 1998.

_____. **Alicia em el país de las maravillas**. Tradução: Ramón Buckley. Espanha, Edición íntegra, El barco de papel, 2000.

_____. **Alice no País das Maravilhas**. Traduzido por Clélia Regina Ramos, Marlene Pereira do Padro e Wanda Quintanilha Lamarrão. Coleção Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2002.

_____. **Alice no país das maravilhas**. Traduzido por Edy Lima. São Paulo: Spicione, 2003.

_____. **Alice no País das Maravilhas**. Traduzido por Clélia Regina Ramos. São Paulo: Universo dos livros, 2009.

_____. **Alice no país das maravilhas**. Traduzido por Márcia Feriotti Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013.

_____. **Alice no país das maravilhas**. Traduzido por Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2015.

CHARGORODSKY, E. C. Alice no País das Maravilhas: os desafios de traduzir para crianças. **TradTerm**, São Paulo, v. 25, p. 97-122, ago. 2015.

COSTA, P. R. **Do ensino de tradução literária**. 305 Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DELABASTITA, D. Focus on the pun: Wordplay as a Special Problem in Translation Studies. **Target** 6:2, p. 223-243, 1994.

_____. Introduction. The Translator: Studies in Intercultural communication - Wordplay and Translation. **Nome da revista?** v. 2, n. 2, 1996, p. 127-139, 1996.

_____. Wordplay as a translation problem: a linguistic perspective. In: KITTEL, H. et al (org.). **Título do livro?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 600–606.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DUARTE, L. R.; MESQUISTA, R. Considerações a cerca do code-blending ou sobreposição de línguas e suas relações com o code-switching. **Revista Sinalizar**, Goiás, v.1. n. 1, p11 2016.

DUARTE, S. B. R. et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v.20, n.4, p.1713-1734, out./dez. 2013,

FALEIROS, Á.; MATOS, T. A noção de retradução nos Estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 3, n.2, p. 23, 2014.

FERNANDES, E. (org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FRIO, F. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau. **TradTerm**, São Paulo, v. 22, p. 15-30, dez. 2013.

FREITAS, C. R. C. **Processo de compreensão e reflexão sobre a iniciação teatral de surdo**. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

_____. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

HEIDERMAN, W. (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Antologia bilíngue alemão-português. Florianópolis: UFSC, 2001.

HOLCOMB, R.; HOLCOMB, S.; HOLCOMB, T. **Deaf Culture – our way**: anecdotes from the deaf community. 3. ed. San Diego, California: Dawn Sign Press, 1994.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Havard University: Press, 1979.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2/14, p. 93-109, 2014. Edição especial.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LECOLLE, M. Some specif insights into wordplay form: sublexical vs. lexical level. In: KNOPSE, S. (org.). **Crossing languages to play whit whords**. De Gruyter, 2016.

LILLO-MARTIN, D; GAJEWSKI, J. One Grammar or two? Sign languages and the nature of human language. **WIREs Cognitive Science**, 5: 387–401, 2014.

LIMA, N. S. A. **Alice in Wonderland da literatura para o cinema: um estudo da tradução da era vitoriana e do nonsense literário de Lewis Carroll para o cinematográfico no estilo Burtoniano**. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LUIZ, T. M. Tradução de humor: algumas considerações. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v.2, n.1, p. 19-34, 2016.

MACHADO, A. M. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MEIER, R. P.; CORMIER, K; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MILTON, J. **Tradução: teoria e prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda: experiências das mãos literárias**. 285f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2016.

MORGADO, M. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L. et al. (orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

PADEN, C.; HUPRIES, T. **Deaf in América: voices from a cultur**. Cambridge, Mass.: Havard University Press, 1988.

PELUSO, L. Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguay videograbada: un nuevo desafio. **Cadernos de tradução**. Florianópolis, v. 35, n .2, 2015.

PERREIRA, N. M. “Brincando com as palavras”: a tradução dos trocadilhos em Alice in Wonderland. **Todas as Letras**, n. 4, p. 69-80. 2002.

PIMENTA, N. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2012.

PINHEIRO D.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Educação de surdos como efeito de produções culturais no contexto midiático You Tube. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16, 2012, Campinas. **Livro 3...** Campinas: UNICAMP, 2012.

PINHEIRO, Daiane. **You tube como pedagogia cultural**: espaço de produção, circulação e consumo de cultura surda. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

QUADROS, R. M.; KARNOPP. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RAMOS, C. **Língua de Sinais e Literatura**: uma proposta de trabalho de tradução cultural. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Uma leitura da tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais**. 185f. Tese. (Doutorado em Semiologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

REY, M. I. **La comunidade sorda argentina**: uma mirada antropológica. 1 ed. La Plata: Al Margen, 2013.

RICOEUR, P. **La Métaphore vive**. Éditions du Seuil. O Sur la traduction. Paris: Bayard, 2004 [1975].

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, jan./abr. 2018.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 17-45, jul-dez, 2015.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Coleção Cultura e Diversidade. São Paulo: Arara Azul, 2005.

RODRIGUES, C. H. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades. **Veredas Atemática**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 266-286, 2013.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROSCOE-BESSA, C. **A tradução-substituição**. Brasília: Editora Centro, 2010.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. v. 2. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANCHEZ, C. M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas: Editorial Ceprosord, 1990.

SACKS, O. **Vendo vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, S. J. B. **Tradução intersemiótica**: “traduzir a visão noutros sentidos” guião de produção de livro infantil para crianças cegas. Dissertação. (Mestrado em Tradução), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

SANTANA, J. B. M. **Fronteiras literárias**: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de Libras. 106 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTIAGO, V. A. A. Português e Libras em diálogo: os procedimentos da tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, N. A. (org.). **Libras em estudos**: tradução/interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.

SANTOS, V. S. De Malinowski aos pós-modernos: uma breve reflexão acerca da pesquisa etnográfica na antropologia. Número temático: Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. **A Cor das Letras** — UEFS, n. 14, 2013.

SEGALA, R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Dissertação (Mestrado em Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de Textos Escritos em Português para a Libras Oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, 2015. V35, n2, p.33.

SIGNATORES. **Fotografia da equipe da peça Alice dos Signatores**. Disponível em: <<http://www.signatores.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. de 2018.

SILVA, N. R. B. **A tradução de jogos de palavras no romance O Xangô de Baker Street**: uma revisão do quadro de estratégias de Delabastita com o auxílio da Linguística de Corpus. Tese. Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. Humor na cultura Surda: análise de piadas. **Textura**, v. 18 n. 37, mai./ago. 2016.

SILVEIRA, C. H. **Literatura surda**: análise da circulação de piadas clássicas em Língua de Sinais. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVEIRA, R. H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: _____. **Cultura, poder e educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. Porto Alegre: Editora Ulbra, 2005.

SILVEIRA, C. H. **Circulação da Literatura Surda no Brasil**: análise de produções em Libras em comunidades surdas. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Humor na comunidade surda**: Piadas em Línguas de Sinais. X ANPED Sul. Florianópolis, 2014.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, C. **Lewis Carroll e a educação Vitoriana em Alice no país das Maravilhas**. Editora do Instituto de Letras: POA, 2012.

SKLIAR, C. **Derrida e a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

SOUZA, S. X. De Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais Observadas no Curso de Letras-Libras. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STONE, C. **Toward a deaf translation norm**. Washington-DC USA. Gallaudet University Press, 2009.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics**, Occasional Papers, 8. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007, p.18-38.

_____. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese. (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008a.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008b.

SUTTON-SPENCE, R.; NAPOLI, D. J. Deaf jokes in sign language humor. **Humor**, 311-337, 2012.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

TEIXEIRA, E. R.; CERQUEIRA, I. F. O problema da iconicidade na eliciação de sinais caseiros. **Revista Letrando**, Paripiranga, v.4, 2016. 21.

THOMAZ, N. X. O grotesco e o Nonsense de Alice: diálogos desafiadores nas produções culturais para crianças e jovens. **Revista Literartes**, São Paulo, n.2, 2013. 153?

WESTPHALEN, F.; et al. Os tradutores de Alice e seus propósitos. **Caderno de tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, 2001.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map**: a beginner's guide to doing research in Translation Studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WINTER-FROEMEL, E. Approaching wordplay. In: KNOSPE, S.; ONYSKO, A.; GOTH, M. **Crossing Languages to Play whit Word**: Interdisciplinay Perspectives. Belim: de Gruyter, 2016.

XAVIER, A.; BARBOSA, P. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). **Todas as Letras**, v. 15, n. 1, 2013.

XAVIER, S. Norma surda de tradução em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: II CONGRESSO BRASILEIRO PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, 2.; 2010. **Anais**. Santa Catarina, 2010.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor(a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "Tradução de trocadilhos de Alice no país das maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS", sob a responsabilidade da mestrandia Thaisy Bentes de Souza e orientação do Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho, ambos do Programa de Pós-graduação em Estudo da Tradução (POSTRAD) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa tem como finalidade coletar dados para a dissertação de mestrado ora em construção.

O objetivo deste estudo é propor uma tradução para a Libras dos trocadilhos em Alice no país das maravilhas. Para isto solicitamos sua especial colaboração. A metodologia adotada na pesquisa é de caráter descritivo, e os dados serão obtidos da seguinte forma: 1) aplicação de um questionário e entrevista, 2) Oficinas de tradução e 3) gravações em vídeo. A coleta de dados será feita por filmagem dos participantes durante as oficinas, e o tempo destinado para as oficinas deverá variar de acordo com a disponibilidade dos colaboradores. Esse processo não causará nenhum desconforto, risco ou constrangimento aos participantes. Esta pesquisa tem grande importância para os estudos sobre as Línguas de Sinais em especial sobre os aspectos linguísticos da Libras. Também será importante para os estudos da tradução visto que poderá trazer contribuições sobre tradução de humor entre línguas de modalidades diferentes, além de dar visibilidade à língua e seus aspectos como língua natural.

Durante a pesquisa, você terá e poderá solicitar, quantas vezes achar necessário, informações do que está sendo ou será realizado. Se, por acaso, você não quiser responder a qualquer uma das perguntas feitas, não quiser ser filmado ou desistir de participar das oficinas, você não sofrerá nenhum constrangimento ou cobrança de nenhuma natureza; Além disso, você não terá nenhum tipo de despesa, nem receberá pagamento ou qualquer gratificação por sua participação. Asseguramos-lhe que, sem sua expressa permissão, nenhuma das gravações feitas será publicada em meios impressos ou virtuais, assim como as informações obtidas pelo questionário e na entrevista serão confidenciais. Logo, asseguramos o total sigilo da sua participação, pois todos os dados ficarão sob a guarda do pesquisador. Esse termo de compromisso será impresso em duas vias, uma para você e outra para o pesquisador. Tenho consciência do que foi exposto e aceito participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do Colaborador _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Boa Vista, ____ de _____ de 2017.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO - PERFIL DOS PARTICIPANTES**QUESTIONÁRIO - PERFIL DOS PARTICIPANTES**

1. Nome completo e Idade (seus dados não serão divulgados na dissertação)
2. Qual sua formação?
3. Há quanto tempo sabe Libras? Como aprendeu?
4. Trabalha como intérprete? Há quanto tempo?
5. Onde atua como TILS?
6. Em que área da tradução/interpretação atua (principalmente)?
() educacional () Jurídica () Hospitalar () conferências () outro _____
6. Quais suas maiores dificuldades quanto à tradução/interpretação da Libras/Português?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO - PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

QUESTIONÁRIO - PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

1. Nome completo e Idade (seus dados não serão divulgados na dissertação).
2. Conhecia o Livro Alice no país das maravilhas? Na(s) sua(s) leitura(s), prestara atenção nos jogos de palavras e trocadilhos?
3. Gostou da oficina? O que mais chamou atenção?
4. Considera importante a tradução dos jogos de palavras e trocadilhos para a libras? Por quê?
5. Como avalia sua participação na oficina?
6. Considera que as traduções dos trocadilhos ficaram engraçadas?
7. Dê suas sugestões/Críticas sobre a metodologia usada: